

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Cor da Notícia:
discursos sobre o negro na imprensa baiana
1888-1937

Meire Lúcia Alves dos Reis

Salvador-Ba, 2000

Meire Lúcia Alves dos Reis

A Cor da Notícia:

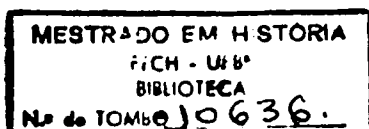
discursos sobre o negro na imprensa baiana.

1888-1937

Dissertação apresentada ao Mestrado em
História da Universidade Federal da
Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. João
José Reis.

dezembro, 2000

Salvador- Ba



À Maria Madalena Alves, minha mãe, e em
memória de Luis Bastião dos Reis, meu pai.

Sunário

Agradecimentos	6
Introdução	7
Capítulo I	
A Imprensa baiana	18
Capítulo II	
A Raça na Imprensa baiana.....	29
Influências científicas nas abordagens da Imprensa	30
Ameaças à Hegemonia Branca no Mundo.....	46
O degenerado.....	55
O Perigo Amarelo.....	58
Capítulo III	
Bahia: estado de harmonia racial	64
O discurso “pró-negro”.....	64
Estados Unidos: Civilizado ou Bárbaro?	78
Capítulo IV	
Imagens da África na Bahia	92
África: terra de selvagens.....	92
África: terra de aventuras e conquistas bem-vindas.....	97

Capítulo V

A Imprensa e a África baiana.....	106
A Bahia e o Batuque	106
A Imprensa nos Terreiros	114
Epilogo.....	132
Anexo.....	135
Referências Bibliográficas.....	146

Agradecimentos

Agradeço a quem de alguma forma contribuiu para a concretização deste trabalho.

Inicialmente, os professores Ubiratan Castro de Araújo e Franklin de Oliveira Jr., por terem contribuído para as reflexões iniciais desse trabalho. Aos colegas do Mestrado pelas sugestões, especialmente Marilécia Santos e Carlos Eduardo. À professora Sílvia Helena Zanirato, que muito ajudou a pensar minha pesquisa. Aos participantes do Conselho de Moradores da Boa Vista de São Caetano, por me lembrarem a todo o momento que a vida pode deixar de existir simplesmente porque as verbas para a construção das encostas no nosso bairro não chegaram lá e que o meu afastamento da luta tinha que valer alguma coisa. As minhas amigas Andréa da Rocha Rodrigues e Tânia Maria de Jesus Pinto, que além de tudo ainda liam os meus rascunhos. A Cecília Maria Nascimento, por ouvir minhas queixas em longuíssimas conversas por telefone. (A Telemar também agradece). A minha irmã, Sônia Alves dos Reis, pela paciência com que me ajudou na pesquisa dos jornais. Um agradecimento especial a mainha, que sempre dizia “saco vazio não fica em pé”, ou “corda que estica demais quebra”, e aí me lembrava que comer e brincar são fundamentais. À CAPES pelo financiamento de parte da pesquisa, mediante bolsa de estudo. E, finalmente, ao professor João José Reis, pelas incontáveis vezes que me chamou a atenção para meu maniqueísmo ou para problemas de redação ou outras coisas. Sempre atento a todos os detalhes (que nunca eram percebidos por mim), fez sugestões preciosas e, quando viu minha tristeza, disse que escrever era uma tarefa árdua e difícil. Verdade!

OBRIGADA!

Introdução

No final do século XIX, ler podia representar a diferença entre os habitantes da Bahia. A maioria das pessoas, mesmo as que tinham uma situação econômica mais confortável, normalmente não liam. Ler um jornal no século XIX e início do XX era hábito impregnado de significados diversos, mas um deve ser destacado: só alguns eleitos podiam se aventurar a esta difícil tarefa. A maioria absoluta da população na Bahia não era alfabetizada, assim como em todo o Brasil. A população baiana cresceu lentamente: era 1.379,616 habitantes em 1890 e cresceu 1,80% até 1890, 0,80% de 1900 a 1920 e de 1920 a 1940 o crescimento foi da ordem de 0,10%.¹ Quanto a Salvador, que é especialmente o local da produção dos nossos jornais, em 1900 tinha 205.813 habitantes, 283.422 em 1920 e 290.443 em 1940.²

Tomando como base os eleitores, temos uma dimensão dos leitores da Bahia, pois só os alfabetizados podiam votar. Segundo Consuelo Novais Sampaio, em 1890 da população adulta 81,9% não sabiam ler; em 1920, 75% era analfabeta.³ A maior parte dos letrados encontrava-se na região metropolitana de Salvador. Embora saber escrever fosse uma imposição para o voto, muitos eleitores não eram necessariamente leitores. Isto significa um universo ainda mais restrito de leitores neste período. Assim, a elite

¹ Mário Augusto da Silva Santos, *Sobrevivência e Tensões sociais. Salvador 1890/1930*, Tese Doutorado. São Paulo, 1982, p.27.

² Andréa da Rocha Rodrigues, *A Infância Esquecida: Salvador. 1900/1940*, Salvador-BA, [Dis. Mest.]. UFBa, 1998, p. 11.

³ Consuelo Novais Sampaio, *Os Partido Políticos da Bahia na Primeira República. Uma Política de Acumulação*, Edufba. p. 51-52.

letrada compunha um quadro restrito da sociedade baiana, e os jornais eram feitos para esta elite que hegemonizava culturalmente uma cidade com o seu saber e influência.

Apesar de dispor de poucos leitores, a empresa jornalística se expandiu. Expandiu-se porque seu estilo facilitava certos modos de ler. Uma das formas foi a leitura em voz alta, ou seja, a mensagem impressa transmitida aos que não sabiam ler, através do que era falado por um leitor. Havia no entanto muitos jornais que nasciam e logo morriam, haja visto que circularam na cidade, neste período, mais de 400, a maioria de existência efêmera. O número elevado revela o interesse de parte da sociedade por esse tipo de comunicação. Comunicação que, segundo Seije Moscovich, “jamais se reduz à transmissão das mensagens de origem ou ao transporte de informações inalteradas. Ela diferencia, traduz, interpreta e combina, assim como os grupos inventam, diferenciam ou interpretam os objetos sociais ou as representações de outros grupos”.⁴

Assim, o jornal não apenas transmite informação, como dissemina novas e velhas idéias. Importante instrumento de transmissão do pensamento da elite no período, os jornais impunham respeitabilidade por serem portadores de notícias e pontos de vista “verdadeiros”, formando opinião. Opinião acerca, por exemplo, das pessoas de descendência africana na Bahia.

Nos debruçamos sobre os jornais para reconstituir as várias imagens que produziram e reproduziram, contribuindo para a formação do imaginário racial da sociedade baiana. A pesquisa busca evidenciar como parte da elite baiana absorveu e adaptou as teorias racistas, os conceitos de civilização e a idéia de democracia racial e como as reproduziu através do discurso jornalístico.

Segundo Vavy Pacheco Borges, os jornais não devem ser considerados como “fontes objetivas de verdade histórica, mas como esclarecedores de parte dessa verdade, justamente através da subjetividade implícita num órgão de imprensa não meramente informativo e sim formativo de opinião.”⁵ Encarar o jornal como fonte de pouca credibilidade é uma atitude comum numa visão positivista de história, em que os fatos por si só representariam a verdade objetiva e absoluta. Assim, as fontes oficiais eram as únicas mercedoras de uso pelo historiador.⁶ As novas abordagens da história possibilitaram adequar ao seu estudo objetos e fontes pouco usuais, além de novos métodos de investigação. Como consequência, observamos uma renovação na concepção de história e, ao mesmo tempo, o estabelecimento de limites mais tênues entre esta e outras disciplinas.

O jornal é uma fonte produzida com o objetivo explícito de informar e implícito de transmitir mensagens intencionais, assim como a autobiografia. Mas, diferentemente desta, sua posteridade é mínima, dura dias ou um só dia. Enquanto documento, é passível de críticas profundas. Entretanto, sabemos que todos os vestígios, duradouros ou não, produzidos pelos seres humanos, devem passar pelo crivo crítico do historiador. Não podemos perder de vista que a notícia tem cor, sexo (gênero), religiosidade e classe social.

O jornal é um poderoso instrumento de comunicação através do qual determinados segmentos da sociedade normalmente exprimem publicamente as suas opiniões e vontades. Maria Helena Capelato faz uma análise do papel da imprensa

⁴ Seije Moscoviche. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. Ed. 1978 p.28.

⁵ Vavy Pacheco Borges. *Getúlio Vargas e a Oligarquia Paulista*. História de uma esperança e de muitos desenganos através dos jornais da oligarquia: 1926-1932. Editora Brasiliense, São Paulo 1979, p.14.

⁶ Fontes oficiais, documentos produzidos institucionalmente, tais como informações jurídicas, religiosas e administrativas

enquanto formadora de opinião pública, entre os anos 20 e 40, principalmente enquanto “expressão da ‘elite bem pensante’ do país”.⁷ Lembra Capelato, por exemplo, que “Assis Chateaubriand caracterizou o jornalista como a encarnação mais completa do homem público, do político militante, cuja tarefa consiste em ‘opinar para a multidão que aguarda a sua palavra acerca de cada questão trazida ao debate dos cidadãos’”.⁸ Os dirigentes dessa empresa veiculam suas idéias através das notícias, anúncios e editoriais, revelam igualmente suas posições, pensamentos e crenças comuns ao grupo ao qual pertencem e, por extensão, em grande parte, à sua classe social. Por outro lado, o jornal enquanto formador de opinião extrapola os limites do universo letrado, mas ao fazê-lo têm suas idéias reinterpretadas pela população. É o que Carlo Ginzburg chama de circularidade cultural.⁹

Fernando Conceição define os jornais como instrumentos de poder ou de representação dos interesses da classe a que serve.¹⁰ A imprensa constrói, assim, um discurso sobre a sociedade, influenciando e sendo influenciado por esta, e ao informar um fato o constrói. Dessa forma a notícia também seria uma fabricação do jornalista.

Verificamos conclusão semelhante sobre a imprensa no trabalho de José Weliton de Aragão dos Santos, que analisa as posições da grande imprensa baiana entre os anos de 1910 e 1930. Segundo ele a notícia é construída a partir de determinados

⁷ Maria Helena Capelato, “O Controle da Opinião e os Limites da Liberdade: Imprensa Paulista (1920-1945)” In: *Revista Brasileira de História*, S. Paulo, v.12, n.º 23-24, pp. 55-75, set. 1991/ ago. 1992.

⁸ Para Capelato a denominação de jornalista aqui imprimida corresponde fundamentalmente aos proprietários das empresas jornalísticas e ao corpo redacional, composto por profissionais que se identificavam com a linha política do proprietário. Nota da autora. Capelato, “O Controle da Opinião e os Limites da Liberdade: Imprensa Paulista (1920-1945)”... p. 56.

⁹ Carlo Ginzburg, *O Queijo e as Vermes*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987. pp. 15-34 .

¹⁰ Fernando Conceição, *Imprensa e Racismo no Brasil: a manutenção do 'status quo' do negro na Bahia*, São Paulo, Dis.Mest. USP, 1995, p.8.

interesses.¹¹ Já Aloísio Carvalho Filho afirma que o jornal era fundamental instrumento de política partidária, estando ao dispor das classes dominantes.¹² Para ele, “a política partidária era uma das forças, senão a principal, da aparição, florescimento e desaparecimento” dos jornais, “na conformidade de eventuais interesses ou necessidades de órgãos de publicidade.¹³ Acrescenta ainda: “se as campanhas políticas, não mais que as cisões partidárias, insuflavam o advento de jornais, a mesma contingência a eles impunha curta existência, finalizadora, quase sempre, com a vitória por que pelejavam”.¹⁴

Mesmo com o reconhecimento da influência política nos jornais, há quem afirme, como Assis Chateaubriand, o caráter apartidário da imprensa: “Somos superiores aos partidos, somos os seus mestres. Por isso temos de renunciar a toda e qualquer posição”.¹⁵ O que Chateaubriand dizia dá-nos a medida da importância que a imprensa acredita ter e como ela está pautada sobre a percepção de que lhe cabe revelar a verdade com total isenção. Não obstante, concluímos, pelo contrário, que a “grande imprensa” é de fato um instrumento político de produção e reprodução das idéias e representações de uma sociedade, a partir de certos pontos de vista predominantes ou hegemônicos, Isso não quer dizer que não possa veicular posições contrárias ao bloco político no poder em determinado momento.

No campo da história pouco se tem escrito sobre a imprensa e muito menos sobre a relação entre esta e as concepções raciais no pós-abolição no Brasil. Dentre os trabalhos que se detêm sobre a imprensa baiana em geral neste período, ressaltamos o

¹¹ José Weliton de Aragão dos Santos, *Formação da Grande Imprensa na Bahia*. Dis. Mest. em Ciências Sociais, UFBA., Salvador, 1985 p. 83-84

¹² Aloísio Carvalho Filho, “Jornalismo na Bahia: 1875-1960”, *Revista do IGHB*, N.º 82, 1958-1960, pp. 17.

¹³ Carvalho Filho, “Jornalismo na Bahia: 1875-1960”, p. 18.

¹⁴ Carvalho Filho, “Jornalismo na Bahia: 1875-1960”, p. 19.

de Kátia Maria de Carvalho Silva e o de José Weliton Aragão dos Santos, os quais, todavia, não tratam do assunto.

Kátia Maria de Carvalho Silva, em *O Diário da Bahia no século XIX*,¹⁶ se detém sobre o papel desempenhado por este jornal na configuração da política local, e discute a própria construção do jornal enquanto órgão de informação. Silva pesquisa o jornal delimitando questões de cunho político, social, econômico e literário, trabalha com este enquanto fonte de informação, dividindo-o em período monárquico (1856\1868) e republicano (1890\1899), agregando as várias notícias sob alguns títulos: “Reforma Eleitoral - Voto Direto”, “Propaganda Abolicionista”, “Instrução Pública”, “Notícias de Teor Econômico” e “Notícias de Teor Social”. Aparecem ainda notícias sobre literatura e medicina.

Como vemos, a propaganda abolicionista também fazia parte do repertório do *Diário da Bahia*. Como um jornal do Partido Liberal, o *Diário da Bahia* era, segundo Silva, “defensor da Abolição do Trabalho Servil”, que publicava com mais intensidade, na década de 70 do século XIX, notícias sobre fugas, prisão por vadiagem ou desordem de escravos. Contudo, foi Ruy Barbosa que alavancou na década seguinte a campanha abolicionista no jornal, tendo este sempre posições que demonstravam que a abolição deveria ser a mais pacífica possível e não atentar contra a ordem.¹⁷

Este é um trabalho importante por nos proporcionar não só uma visão mais ampla do jornalismo no século XIX na Bahia, mas por evidenciar a construção de um importante jornal, do ponto de vista de seu papel na política e da sua infra-estrutura.

¹⁵ Capelato, “O Controle da Opinião e os Limites da Liberdade”, p. 57.

¹⁶ Kátia Maria de Carvalho Silva, *O Diário da Bahia e o Século XIX*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1979.

¹⁷ Silva, *O Diário da Bahia e o Século XIX*, p 109-110. Sobre abolição na Bahia, ver Jailton Lima Brito, *A Abolição na Bahia: uma história política, 1870-1888*, Dis. Mest. UFBa, 1997.

Silva faz um grande painel dos fatos transmitidos, mas não se propõe a lançar sobre estes um olhar mais crítico, o que não tira o mérito do trabalho. Apenas o torna menos reflexivo. Por se deter na profusão de notícias da cidade, a autora nos fornece uma visão do cotidiano de Salvador e da Bahia, e principalmente as preocupações da elite de uma época.

José Weliton Aragão dos Santos se preocupa em analisar “os principais elementos que contribuíram para a formação da Grande Imprensa”, para o que detém-se na análise dos jornais *O Imparcial*, *Diário de Notícias*, *Diário da Bahia* e *A Tarde* diante das greves de 1919, da revolução sertaneja de 1920 e da Revolução de 1930.¹⁸ Para Aragão Santos os jornais tem como mercadoria principal a informação, que veicula “a ideologia da classe dominante”.¹⁹ Seu trabalho é importante por nos proporcionar uma visão de conjunto da imprensa baiana na época. Além disso, ao analisar especialmente as mudanças dos jornais diante dos acontecimentos escolhidos, Aragão Santos vai descortinando os interesses que tinham em vincular esta ou aquela informação e como eles podiam mudar de opinião a partir desses.

Fora da Bahia, são muitos os trabalhos sobre a imprensa em geral, sobre jornais individuais, sobre a grande imprensa, jornais operários e até jornais do movimento negro como aqueles publicados em São Paulo nas primeiras décadas da República. Não cabe aqui discutir em detalhe essa bibliografia, nem mesmo a bibliografia mais próxima ao nosso tema. O jornalismo abolicionista, por exemplo, já foi objeto de diversos

¹⁸ Aragão dos Santos. *Formação da Grande Imprensa na Bahia*, p. 3.

¹⁹ *Idem*, p. 28.

trabalhos, total ou parcialmente dedicados ao assunto. Os anúncios de fugas, compras e vendas de escravos foram estudado por Gilberto Freyre.²⁰

Interessa-nos mais de perto, por sua perspectiva mais próxima à nossa, o trabalho *Retrato em Branco e Negro* de Lilia Moritz Schwarcz, que se detém sobre a imagem do negro na imprensa em São Paulo entre o final do século XIX e início do XX. Ela buscou “apreender como ‘se falou’ a respeito da escravidão, ou melhor, como as elites brancas da época lidaram com essas questões”, como interagiram com os escravos e com o negro livre e liberto.²¹ Schwarcz parte da análise das representações sobre o negro, desde a religiosidade até as ocorrências policiais, passando por muitos aspectos do cotidiano de São Paulo.

Schwarcz conclui que no início do século XX a questão racial “foi sendo transformada e diluída. A partir de então o problema racial deixou de constituir um tema, uma questão no interior da jovem República”, e a partir dos anos 20 a imagem do negro esteve associada a idéias paternalistas, aparentemente opostas. Por um lado eram ‘pretos fiéis e servidores’, ‘felizes enquanto tutelados’, por outro, eram ‘violentos’, e com ‘resquícios degenerados’.²² Este é um trabalho importante porque nos oferece uma visão mais ampla do imaginário racial nos jornais.

O nosso trabalho se baseia em quatro jornais, dois que circularam entre os séculos XIX e XX, o *Diario da Bahia* (1865) e o *Diario de Noticias* (1875), e dois

²⁰ Humberto F. Machado “A imprensa Abolicionista”. Suplemento n.º 8 da revista *Ciência Hoje*, n.º 48, nov. 1988, pp 24-28; George Reid Andrews *Negros e Brancos em São Paulo*, Bauru, São Paulo, EDUSC, 1998 Pp 74-77, 87-90; Gilberto Freyre, *O Escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. São Paulo. Ed. Nacional Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979; Maria Helena Machado, *O Plano e o Pânico: Os movimentos sociais na década da Abolição*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, EDUSP, 1994; Célia Maria Marinho Azevedo, *Onda Negra Medo Branco. O Negro no imaginário das elites século XIX*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

²¹ Lilia Moritz Schwarcz, *Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p.248.

²² Schwarcz. *Retrato em Branco e Negro*, p.255.

deste último século, *A Tarde* (1912) e *O Estado da Bahia* (1933). Através deles buscamos reconstituir o discurso jornalístico sobre o negro entre 1888 e 1937.

Quanto ao período, delimitamos o ano de 1888 como baliza inicial porque marca o momento em que o negro tornou-se legalmente livre, embora pairasse sobre sua liberdade a eterna desconfiança em relação à sua suposta má índole, selvageria e degeneração.²³ Como baliza final escolhemos 1937, ano do II Congresso Afro-Brasileiro, realizado na Bahia, indicativo de importantes mudanças no tratamento jornalístico sobre o negro, em especial a cultura afro-baiana.

Estas quatro décadas foram pontilhadas por uma série de eventos políticos e sociais importantes para a sociedade brasileira, dentre eles a instalação da República, que seria encarada como modelo de civilização e liberdade, protagonista de idéias de civilização, liberdade e progresso.²⁴ Houve ainda, no final do século XIX a elaboração de um novo Código Penal (1891), que institucionalizou a repressão policial aos candomblés e a capoeira, entre outras manifestações culturais. Temos ainda a Revolução de 30, que alterou o quadro político no país e por consequência nos estados, com a intervenção direta nos seus governos além de estabelecer um regime de características nacionalistas que viria a promover o trabalhador nacional (em detrimento do imigrante, o predileto da Velha República) e a cultura nacional, inclusive fazendo algumas concessões à cultura negra, como as escolas de samba, a capoeira, entre outros.²⁵

²³ Schwarcz. *Retrato em Branco e Negro*, pp. 231-245.

²⁴ Sobre o assunto, ver Schwarcz. *Retrato em Branco e Negro*, que analisa, através das notícias de vários jornais de São Paulo no século XIX, a forma como estes representavam o negro, tendo como pano de fundo o modelo de civilidade europeia.

²⁵ Hermano Vianna, *O Mistério do Samba*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., Ed. UFRJ, 1995 pp. 37-54.

A dissertação é composta de cinco capítulos. O primeiro discute a imprensa na Bahia, destacando principalmente o seu envolvimento político-partidário. Destacamos também a concepção de guardião da verdade que permeia o discurso da imprensa.

No segundo capítulo nos detemos sobre as concepções de raça encontradas na imprensa baiana. Num primeiro momento observamos como as teorias científicas aparecem nos jornais e como estas estão intrinsecamente relacionadas com as questões raciais. Discutimos também a construção de um discurso no qual notamos uma preocupação com a perda da hegemonia numérica dos brancos no mundo, devido ao crescimento vertiginoso dos “inferiores” (negros e amarelos), tanto numericamente quanto economicamente. Além disso, observamos a presença de um discurso que destaca a suposta existência de uma nova raça latino-americana, forte, que poderia recuperar a hegemonia dos brancos na América tropical.

No terceiro capítulo discutimos a construção de um discurso pró-negro, no qual a imprensa assume posições contrárias a todas as formas de discriminação racial, vistas como incompatíveis com a democracia racial que em geral experimentávamos. Esta concepção tinha origem na própria noção de escravidão benigna brasileira, em oposição aos outros países escravistas, principalmente os Estados Unidos. Esta concepção também enfocou o período após a abolição, tomando o Brasil como país onde reinava a harmonia racial, diferentemente dos Estados Unidos, onde os brancos viviam linchando os negros.

O quarto capítulo trata do discurso que a imprensa baiana produziu e reproduziu sobre a África. Aqui encontramos imagens de uma terra de selvagens e de aventuras, conforme a imprensa definia a África. Observamos que este discurso estava relacionado intimamente com as concepções a respeito dos afro-baianos.

No quinto capítulo discutimos como muito destas concepções sobre a África influenciavam na construção de um discurso sobre a Bahia moderna, ou sobre as precariedades desta modernidade. Aqui nos detemos no samba e no candomblé, sobre os quais observamos algumas mudanças positivas no discurso da imprensa, principalmente no que dizia respeito à contribuição da cultura negra para a formação e a identidade do povo brasileiro.

Capítulo I

A Imprensa Baiana

Segundo Maria Beatriz Nizza da Silva, o primeiro jornal baiano foi a *Idade D'Ouro do Brasil*, do negociante português Manuel Antônio da Silva Serva, que teve a autorização para o funcionar dada em carta régia de 5 de fevereiro de 1811, sendo que o seu primeiro número saiu em 14 de maio de 1811. As regras que o jornal tinha que seguir eram muito bem delimitadas, dentre elas anunciar as novidades, “contar as notícias policiais, sempre de maneira mais singela”, além de inculcar bons costumes e publicar os despachos oficiais da Capitania.¹ Cabia ao jornal, mais que informar, formar o súdito fiel à Coroa portuguesa, agora instalada no Rio de Janeiro.

Da *Idade D'Ouro do Brasil* até os jornais com os quais trabalhamos na virada do século XIX para o XX, publicaram mais de 400 títulos diferentes, a maioria fugaz, episódica e efêmera.² Muitos duraram uma única edição, geralmente em função da comemoração de eventos ou data histórica, como a Independência e a Abolição, entre outros. Mesmo com essa ressalva é muito significativa a quantidade de jornais que circularam na Bahia, neste período. Carvalho Filho exemplifica alguns jornais, - a *Gazeta da Tarde*, um jornal abolicionista, *A República Federal* e o *Monitor*, todos de

¹ Maria Beatriz Nizza da Silva, *A Primeira Gazeta da Bahia: Idade D'Ouro do Brasil*, São Paulo, Cultrix, (Brasília). (Brasil através dos textos). INL, 1978 p. 15-17.

² Alfredo de Carvalho, *Anais da Imprensa da Bahia. 1º Centenário 1811/1911*, Bahia, Typografia Bahiana, 1911.

curta existência. No século XX destaca como longevos o *Diario da Bahia*, *Diario de Noticias* e o *Jornal de Noticias* - como “alvo de preferências gerais”.³

Como dissemos anteriormente, optamos por analisar quatro jornais: o *Diario da Bahia*, o *Diario de Noticias* (que cobrem todo o periodo estudado), e os jornais *A Tarde* e *O Estado da Bahia*, do século XX. Todos faziam parte do que José Weliton Aragão dos Santos chamou de Grande Imprensa, ou seja, concebida enquanto “empresa jornalística, industrial que mercantiliza a informação, vende noticia, tem como base a publicidade e veicula a ideologia da classe dominante.”⁴ Assim, estes jornais tinham objetivos não só econômicos mas sobretudo políticos, queriam vender, mas sobretudo formar opinião na direção de certos interesses. Isto não quer dizer que não vacilassem nessa missão, que nunca veiculassem noticias e opiniões criticas ao *status quo*, que nunca atacassem interesses dos grupos dominantes. Até porque os grupos dominantes não formavam um bloco monolítico. Aliás, precisamente nas brechas das desavenças entre estes se insinuavam opiniões, digamos, dissidentes, contra-hegemônicas, inclusive no que dizia respeito ao negro, seu papel na sociedade, sua cultura e, de um modo geral, sua humanidade. Assim, quando dizemos que os jornais serviam aos interesses dos grupos dominantes, não queremos dizer que isto acontecia sem qualquer sutileza. Aliás, se assim o fosse, a imprensa estaria servindo mal àqueles interesses. A imprensa tinha uma independência relativa. Acentue-se o relativo. Uma parte mais liberal, mais democrática, mais humanística e equilibrada aqui e ali era até necessária para criar credibilidade. Que o leitor grave esta importante ressalva, pois neste sentido até nos distanciamos de autores como Aragão e outros, que nos parecem algo mecanicistas em

³ Alfredo de Carvalho Filho, “Jornalismo na Bahia: 1875-1960”, *Revista do IGHB*, N °82 (1958-1960), p. 19.

⁴ Aragão dos Santos. *Formação da Grande Imprensa na Bahia*, p.5

sua análises, não obstante a contribuição que deram para o estudo da imprensa na Bahia.

Quanto à estrutura dos jornais, cabe dizer que na última década do século XIX e os primeiros anos do XX, os jornais eram geralmente constituídos de quatro páginas, sendo que a primeira e a segunda normalmente continham as informações/opinião em torno da política, a terceira e a quarta eram preenchidas por diversos anúncios, principalmente de medicamentos, de lojas e outros. O *Diario da Bahia*, nas edições do domingo circulava com seis folhas.⁵ Mas no ano de 1908, o *Diario de Noticias* já possuía sete folhas, sendo três só de anúncios. No mais, não havia grandes diferenças quanto à apresentação dos jornais.

Só no jornal *A Tarde*, em 1912, observamos mudanças importantes. As mais significativas foram o uso de clichês e a introdução de manchetes destacadas, com tipos bem maiores e diferentes do resto do texto. Após este período, o número de folhas dos jornais aumentou consideravelmente, chegando até o final da década de 30 a um número de 10 páginas, excluindo os encartes especiais em datas comemorativas ou de interesse dos jornais.

O *Diario da Bahia* foi fundado em 1856 por Demétrio Cyriaco Tourinho e Manuel Jesuíno Ferreira, e em sua primeira página incluía uma declaração de neutralidade, que encontramos igualmente em outros jornais baianos. Entre 1868 e 1880, o jornal foi adquirido por uma associação constituída pelos membros mais influentes do Partido Liberal na Bahia, sob a direção do Conselheiro Dantas, que dirigiu tanto o jornal quanto o partido. Segundo Kátia Carvalho Silva, de 1880 a 1899, esteve

⁵ Carvalho Silva, *O Diário de Notícia no século XIX*. p. 61.

sob a direção de Augusto Alvares Guimarães e seus sucessores, período em que o jornal fez campanha contra o então governador Luís Vianna. Houve eleições para o cargo de Intendente Municipal em 12 de novembro de 1899, concorrendo pelo governo José Freire de Carvalho Filho e pela oposição Domingos Rodrigues Guimarães. As disputas se acirraram a partir do momento em que o governo publicou sua vitória antes da apuração final dos votos, o que levou a uma série de conflitos entre os partidários de Vianna e os comerciantes que apoiavam Domingos R. Guimarães, desembocando no assassinato de duas pessoas e no bloqueio do Bairro Comercial pela força policial. Em virtude de sua derrota, Domingos Guimarães fechou o *Diário da Bahia*, que só voltaria a circular em 1901, sob a direção de Severino Vieira.⁶

No período de 1912 a 1917, o deputado e jornalista Carlos Ribeiro⁷ esteve à frente do *Diário da Bahia* que só mudou de dono com a morte de Severino Vieira, em 1917, quando passou a ser dirigido por Pedro Lago, que no ano de 1918 constituiu uma nova sociedade.⁸ O órgão, segundo Consuelo Sampaio, continuou a ser severinista apesar da morte do chefe político em 1917 e de estar filiado a outro partido.⁹

O *Diário de Notícias* foi fundado em 1º de março de 1875 por Manoel da Silva Lopes Cardoso. Após sua morte, em 1887, o jornal continuou por mais dez anos a ser editado pelo redator-chefe Eduardo De Vecchia, até ser vendido, em maio de 1897, ao

⁶ Carvalho Silva, *O Diário da Bahia e o Século XIX.* pp 41-60.

⁷ De 1917 a 1924 esteve à frente de O Democrata e de 1924 a 1925 de O Imparcial, segundo Iraneildo Santos Costa. *A Bahia já deu régua e compasso: O saber médico-legal e a Questão racial na Bahia, 1890- 1940*, Dis. Mest., UFBA, Salvador, 1997, p. 118

⁸ Aragão dos Santos, *Formação da Grande Imprensa na Bahia*, p.41.

⁹ Para aprofundar esta questão ver Sampaio. *Partidos Políticos na Bahia*, p.47-48.

professor Cassiano Gomes. Circulou até o final de 1901,¹⁰ quando “passou para o coronel Vicente Ferreira Lima do Amaral que o fez voltar à circulação em 16 de março de 1903”, tendo como redatores os Drs. Virgílio de Lemos, Odilon Santos e o romancista Xavier Marques. O coronel Lima do Amaral gerenciou-o até 1919, quando o vendeu para “um grupo que tinha como incorporador Altamirando Requião e Antônio Marques dos Reis”.¹¹

Um acontecimento marcou as relações entre os dirigentes dos jornais baianos que evidencia que estas eram conflituosas e que competiam para ampliar o mercado consumidor da notícia. Além disso marcava de forma drástica a afirmação de uma nova concepção de jornalismo, enquanto um negócio com possibilidades de gerar outros. Em 1920, Antônio Marques dos Reis, que já era diretor do jornal *Manhã*, acusou Ernesto Simões Filho, fundador do *A Tarde*, de “jornalista de balcão”. A razão seria, segundo Walfrido Moraes, que Simões Filho começou a tratar o jornal como uma empresa, assim “os espaços destinados a servir a interesses pessoais e comerciais deveriam ser pagos”.¹² Diante da acusação do seu concorrente, Simões Filho não teve dúvidas: sacou do revólver e, como o adversário tentasse se esquivar, “atirou-lhe nas nádegas”- conforme afirmou no seu depoimento na Polícia -, “para que ficasse gravado naquela região glútea, o sinete do covarde”.¹³ É interessante observar como estes homens de letras, responsáveis por alardearem os limites entre o que era civilizado e o que não era, se comportavam quando atingidos em sua “honra”. Não é difícil pensar no que poderia ocorrer se fossem ofendidos por pessoas consideradas socialmente inferiores.

¹⁰ Embora o *Diário de Notícias* de 16 de março de 1903, na primeira edição de sua reinstalação, afirmasse ter circulado até 1901, só conseguimos encontrar publicações até o ano de 1900

¹¹ Aragão dos Santos. *Formação da Grande Imprensa na Bahia*. p. 42.

¹² Walfrido Moraes. *Simões Filho. O jornalista de combate e o tribuna das multidões*, Salvador, W. Moraes, 1997, p. 89.

Tanto o *Diario da Bahia* quanto o *Diario de Noticias* eram “sociedades anônimas constituídas de acordo com a legislação existente na época e registradas na Junta Comercial do Estado”.¹⁴ Diferentemente do periódico *A Tarde*, fundado por Ernesto Simões Filho em outubro de 1912, que herdou ações do Banco da Bahia de seu tio-avô, e por isso investiu na formação do jornal de forma diferente que os seus concorrentes.¹⁵

O jornal *A Tarde* fez, durante seus primeiros anos de vida, uma série de campanhas, a primeira para a construção de um monumento em homenagem ao poeta Castro Alves. Além desta, destacamos as campanhas pelo melhoramento das escolas públicas, por casas próprias para operários, melhoria salarial da corporação de bombeiros e a campanha contra a carestia, que culminou numa passeata e na entrega ao governador de um memorial de protesto.¹⁶ O que dá-nos a dimensão do conceito que este jornal tinha de si, enquanto mensageiro do povo, e guardião dos seus direitos.

Quanto ao envolvimento político, foi-nos possível verificar que no final do século XIX o *Diario de Noticias* era defensor do Governador Luis Viana e o *Diario da Bahia* seu opositor. No dia 28 de maio de 1900, o *Diario de Noticias* registrou a posse no governo da Bahia de Severino Vieira e a saída de Luis Vianna, de forma a não deixar dúvida que o jornal compactuava com a velha e a nova administração. “Dois bahianos illustres encham o dia de hoje. Um, que deixou o governo e assinalou o seu quadrenio governamental tão fecundo e brilhantemente, que a historia, imparcial e justa, dos factos deste Estado, dar-lhe-á, por certo, logar subido entre os seus grandes homens. [...] Poderíamos e deveríamos hoje estampar em nossa primeira pagina de

¹³ Moraes, *Simões Filho o jornalista de combate e o tribuno das multidões*, p.90.

¹⁴ Aragão dos Santos. *Formação da Grande Imprensa na Bahia*, p. 42.

¹⁵ *Idem*, p.45.

honra um artigo em que nos referissemos, imparcial e justamente, ao governo do excelentíssimo sr. Conselheiro Luiz Vianna, que hoje passou o alto cargo de Governador do Estado ao exmo sr. Dr. Severino Vieira.” Mas em outubro deste mesmo ano, o *Diario de Noticias* já era oposição ao governador, “O *Diário de Noticias*, órgão vianista, atacou violentamente Severino Vieira, responsabilizando-o pelos “atos de selvageria” praticados contra o ex-governador”.¹⁷ Esta é apenas uma das muitas notas que ratifica a idéia de que os jornais mantinham vinculos vitais com o poder constituído e/ou com os partidos politicos, a despeito de reafirmarem insistentemente a sua independência.

Num artigo intitulado “Imprensa Independente, Imprensa Neutra...Não”, o *Diario de Noticias* explicou a diferença entre imprensa neutra e independente, colocando-se como independente. Uma imprensa neutra “é uma imprensa sem iniciativa, sem actividade, sem direito de fiscalização, indiferente, nulla”, e a “imprensa independente... é autonómica, capaz de exercer com amplitude as três funções capitais de *instruir*, fiscalizar e orientar sciente e consciente de seus direitos e deveres”.¹⁸ Para o jornal, estar diretamente ligado a um partido político, ou a um chefe político, não significava perder a independência, que seria relativa, pois pressupunha a dependência de opiniões formadas por um grupo político.

A politica era com certeza um elemento que marcava a diferença entre estes jornais, além de estarem afinados com as classes economicamente privilegiadas, o que determinava decisivamente as suas posições frente ao cotidiano da cidade e influiu na

¹⁶ Moraes, *Simões Filho, o jornalista de combate e o tribuna das multidões*, p. 105.

¹⁷ Ver mais informações sobre os motivos deste rompimento em Sampaio. *Partidos Politicos da Bahia na Primeira República*, p.77.

¹⁸ *Diario de Noticias*, 17/03/1903, p. 1.

escolha dos temas que abordavam.¹⁹ Muitos de seus dirigentes foram em vários momentos deputados, senadores ou simplesmente membros dos partidos que se formavam. Este o caso de Ernesto Simões Filho, editor chefe de *A Tarde*, que foi seabrista até pouco depois da posse do governador José Joaquim Seabra, quando rompeu com este por um longo tempo. Foi também deputado e presidente da “Câmara Mirim”²⁰. Durante o governo de Góes Calmon, de 1924 a 1928, Simões Filho foi deputado federal.²¹ Neste quadriênio, *A Tarde* deixaria de ser oposicionista. Já o deputado Wenceslau Galo, redator-chefe do *A Tarde*, foi secretário na Câmara Mirim. Marques dos Reis, dirigente do *Diario de Noticias*, posteriormente do *Manhã*, em 1933 era o diretor de *O Estado da Bahia*, e também ocupou altos cargos no cenário da República, como o de deputado.

Com a posse de Seabra, em 1912, o *Diario da Bahia* tornou-se oposição e em 1914 fez um manifesto conclamando os oposicionistas a organizarem-se em “uma resistência única, harmônica, tenaz e decidida às incursões indébitas do detentor do governo do estado”.²² É importante salientar que o *Diario de Noticias* e o *Diario da Bahia* eram concorrentes e até certo ponto rivais.²³ Lembremos que Severino Vieira era o dono do *Diario da Bahia* e fazia séria oposição ao governador do Estado, que neste quadriênio era João Ferreira de Araújo Pinho.

¹⁹Mais informações sobre a política, ver Sampaio *Os Partidos Políticos na Bahia na Primeira República*; e sobre os interesses econômicos dos jornais, ver José Welinton Aragão dos Santos, *Formação da Grande Imprensa da Bahia*.

²⁰Ver Sampaio, *Partidos Políticos*, pp.109-120.

²¹ Moraes, *Simões Filho*, pp.148-149.

²² Sampaio, *Partidos Políticos*, pp.127-128.

²³ Constata-se essa situação muito claramente a partir de uma série de editoriais publicados no *Diario de Noticias*, de 1908 a 1911.

É possível perceber a rivalidade entre os jornais quando o *Diario de Noticias*, que se dizia independente, rebateu às críticas do *Diario da Bahia* quanto à suspensão, pelo governo do Estado, do pagamento dos salários da força pública. Um dos artigos foi intitulado “Só Perversidade”, e dizia, dentre outras coisas, que “o modo como o Diario da Bahia respondeu ao nosso artigo sobre a legítima, necessária e legalíssima prorrogação da lei de força indica, positivamente, que essa folha não reflete uma convicção jurídica e sim exclusivamente os maos e subversivos intuito de tintar a conflagração do Estado, como meio de escurecer a tremenda derrota que aguarda o sr. Ignacio Tosta, no próximo dia 28 de janeiro”.²⁴ Outro artigo sob o título de “Além de Perverso Ignorante” continuava na mesma linha.²⁵

Ainda no ano de 1908, o *Diario de Noticias* publicou o artigo “Fora da Lucta: Resposta ao Diario da Bahia”, onde cunhou seu rival de “a folha da parcialidade contraria ao governo do Estado”. Neste artigo, o *Diario de Noticias* contestava afirmações de que o governador eleito, Araújo Pinho, não teria “investidura constitucional” porque tomou posse antes do dia 28 de maio, alegando que fora um erro a posse antes da data, “um erro chronologico”, mas que se o Tribunal de Apellação e Revista lhe dera posse, não havia nada a contestar.²⁶

É perceptível, nesta nota, o envolvimento político do *Diario da Bahia* contra o “regime de anarchia” do governo de José Marcelino (1904/1908). Publicou o periódico que um subdelegado de Plataforma e seus praças invadiram a casa do “cidadão Manoel Florentino de Lima [...] remexeram toda a casa da victima levando o panico a toda a sua

²⁴ *Diario de Noticias*, 08/01/1908, p. 3.

²⁵ *Diario de Noticias*, 10/01/1908, p. 3, 09/02/1909, p. 1; 18/06/1909, p. 1; 24/11/1901, p. 3; 27/07/1911, p. 3.

²⁶ *Diario de Noticias*, 08/04/1908, p. 1.

família [...]. Não comentamos semelhante facto, visto que como estamos em pleno regime de anarchia, e numa terra em que os cidadãos vivem sem garantias. Registramos apenas o abuso para conhecimento do publico. Até onde irão todos estes escandalos?”.²⁷

Entre os dias 21 e 24 de abril de 1911, o *Diario de Noticias* lançou a candidatura de J.J. Seabra e respondeu às criticas do *Diario da Bahia*, que discordava que este fosse um candidato popular como afirmara o concorrente. É relevante ressaltar que de 1911 até 1914 o *Diario da Bahia* se prendeu muito mais aos editoriais políticos que às noticias, o que refletia seu profundo envolvimento partidário.

Porém a imprensa acreditava ser, efetivamente, o guia dos que nela confiavam. Ela “instrue, informando; fiscaliza, criticando; orienta, doutrinando” como “uma bussola segura e firme”.²⁸ Apoiando ou não o governo, a concepção de independência estava associada à conjuntura política e aos interesses dos jornais. Essa necessidade de se afirmar como imprensa independente, é um indício da cobrança por parte da sociedade de uma imprensa não tão atrelada à política, muito embora nenhum jornal negasse a sua participação na política ou percebesse isto como algo errado, era a opinião pública pressionando.

A imprensa colocava-se na posição de prestadora de um serviço de utilidade pública, como no caso do *Diario da Bahia* quando solicitava às autoridades policiais o internamento de alienados;²⁹ ou do *Diario de Noticias*, quando pediu providências do chefe de policia a respeito de uma denúncia ou uma reclamação, feita por um morador da Ribeira, que dizia-se “constante leitor e assignante”. O morador denunciou a

²⁷ *Diario da Bahia*, 29/09/1908, p. 1

²⁸ *Diario de Noticias*, 16/03/1903, p. 1.

²⁹ *Diario da Bahia*, 27/11/1902, p. 1.

presença de um cadáver insepulto neste bairro, na manhã do dia 2 de agosto de 1904, e que ali permaneceu até as 4 horas da tarde, “quando no local compareceram algumas praças de policia com uma imunda padiola para o conduzir!!!”.³⁰ A imprensa estava imbuída do papel de propagador de ideais civilizadores, de uma missão que tentava abolir hábitos incivilizados que tanto maculavam a Bahia.³¹

Os homens e mulheres negros estavam presentes de forma direta ou indireta nos jornais, e é através da imagem que estes faziam destas pessoas que percebemos como a elite baiana via estes “novos” cidadãos, dentro do plano civilizatório dela. O negro tinha sido escravo e trazia na sua pele a marca deste passado. Além disso, era visto neste início do século como biologicamente inferior. Ao longo deste período observamos nos jornais a produção de uma série de imagens que perpetuavam esta idéia, embora houvessem flutuações e mudanças nessas concepções, percebidas a partir dos estudos sobre a cultura dos africanos e seus descendentes, por folcloristas e antropólogos, a exemplo de Edison Carneiro, que incorporaram uma outra imagem àquela, a do negro como objeto de pesquisa, tendo este qualidades e influência na formação da identidade brasileira.

³⁰ *Diario de Noticias*, 03/08/1904, p. 1.

³¹ Capelato, “O Controle da Opinião e os Limites da Liberdade”, p.55.

Capítulo II

A Raça na Imprensa baiana

Neste capítulo abordamos as formas como o discurso acerca da raça foi apresentado pelos jornais. Notamos duas visões dominantes, mas não únicas, uma que ainda sofre a influência mais visível do racismo científico, que conciliava o negro biologicamente e geneticamente uma raça inferior, e outra que prende-se mais ao aspecto cultural, que ainda trata o negro enquanto inferior por sua condição social, hábitos e moral, mas revela também elementos positivos da sua cultura. Nesta última perspectiva, o jornal colocava-se contra as práticas sociais que discriminavam o negro, além de duvidar e até negar alguns argumentos científicos. Cada uma dessas visões irá predominar em períodos diferentes, mas freqüentemente vão também se sobrepor e até se modificar.

Estas discussões cobriam principalmente a presença cultural dos negros e tentava impor relações ou padrões de convivência entre estes e os brancos. Neste sentido notamos uma preocupação em delimitar, mais que compreender, o papel do negro na sociedade baiana. Tinham posições semelhantes dos jornais *Diario de Noticias* e *Diario da Bahia* ao longo deste período. É possível verificar o tratamento dado ao negro nas suas relações cotidianas através da notícia, da propaganda ou dos editoriais e sessões dos jornais nos quais circulavam concepções raciais, biológicas ou culturais.

Outro elemento que destacamos foi o noticiário e a reflexão sobre relações raciais nos Estados Unidos. Após a 1ª Guerra Mundial, os Estados Unidos passaram a conquistar mais espaço na América Latina, impondo-se enquanto modelo de progresso, organização política e civilização, ao mesmo tempo que era duramente criticado pelos periódicos baianos por manter uma prática segregacionista entre brancos e negros. Por outro lado, no Brasil reafirmava-se a idéia de que não havia imposição de limites ao desenvolvimento do negro na sociedade. Quando os jornais reportavam-se a problemas raciais tinham em vista sempre outros países, dificilmente o Brasil. Assim, era construída uma imagem de sociedade não preconceituosa. Podemos pensar em duas imagens, a do paraíso racial instalado no Brasil, e a do inferno racial nos Estados Unidos.

Influências científicas nas abordagens da imprensa

Entre os séculos XVIII e XIX o racismo emerge enquanto pensamento sistematizado cuja disseminação estava intimamente ligada à consolidação do capitalismo no mundo europeu e sua dependência. O racismo fôra fruto inicial da noção de superioridade cristã dos europeus, mas vicejou como parte das relações capitalistas de produção, em particular o imperialismo e o colonialismo tanto formal como mercantil. Não é atoa que a partilha da África, a ocupação da Índia, enfim, a expansão européia e norte-americana sobre diversas regiões do mundo, impondo-as e incorporando-as como colônias e ou semi-colônias, ocorre simultaneamente à

emergência do chamado racismo científico no Ocidente.¹ Os pensadores e cientistas do século XIX chegaram à conclusão da superioridade biológica do branco e por assim dizer de sua superioridade moral. Desta forma, concebia-se a existência de grupos que eram hierarquicamente inferiores, como os orientais asiáticos e africanos e seus descendentes.

Alguns pesquisadores já se debruçaram sobre a análise das teorias racistas que nasceram na Europa e imperavam no século XIX, a exemplo de Lilia Moritz Schwarcz², Roberto Ventura³, Renato da Silveira⁴ e Michael Banton.⁵ Segundo Schwarcz a partir de 1870 teorias como o evolucionismo social, o positivismo, o naturalismo, e o social-darwinismo começaram a serem difundidas no Brasil, às vezes de forma pulverizada e difusa, outras nem tanto, de qualquer modo estiveram presentes no discurso da imprensa baiana .

É possível fazermos um breve relato das principais concepções racistas européias no século XIX e seus teóricos, dentre eles podemos destacar Georges Lólpold, o conde de Curvier, que foi um dos primeiros pensadores a ter as suas idéias divulgadas e a influenciar decisivamente o pensamento ocidental quanto a suposta inferioridade do negro e conseqüentemente a superioridade do branco. Curvier, um

¹ Jonh Gabriel e Gideon Bem-Tovim, "Marxism and the concept of 'racism'", *Economy and Society*, v.7, 2, May 1978, pp. 118-154. Ver também Juan Comas "Os Mitos Raciais" In *Raça e Ciência*, São Paulo, Ed. Perspectiva. Serie Debates C. Sociais. V. 1 e 2. 1970, pp 14-15.

²Lilia Moritz Schwarcz, *Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX.*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987. Ver também da autora, *O Espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das letras, 1993. Ver também, Schwarcz, Lilia Moritz Queiroz, Renato da Silva (Org.). *Raça e Diversidade*. São Paulo. Estação da Ciência. Edusp. 1996. Schwarcz, *Questão racial no Brasil*. In, Schwarcz, Lilia Moritz e Reis, Leticia Vidor de Sousa. *Negras Imagens, Ensaio sobre Cultura e Escravidão no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação da Ciência, 1996.

³ Roberto Ventura, *Estilo Tropical História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil. 1870-1914*. São Paulo. Companhia das Letras, 1991.

⁴ Renato da Silveira, "Os Selvagens e a massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental", *Afro-Ásia*, 23 (1999) pp. 96-105.

protestante que aceitava a teoria bíblica da origem única do homem, portanto um monogenista, dividiu o *Homo Sapiens* em três subespécies, hierarquicamente divididas em caucasiana, mongólica e etiópica, apesar dessa divisão acreditava que a humanidade era interfértil e constituía uma única espécie. Um elemento importante da sua teoria era a noção de que todas as diferenças culturais entre brancos e negros eram conseqüências de suas características físicas. Afirmava que: "Não foi por acaso que os caucasianos ganharam domínio sobre o mundo e operaram o mais rápido progresso nas ciências".⁶

Charles Hamilton Smith, discípulo de Curvier trouxe um elemento novo, a idéia de que o pequeno volume do cérebro era fundamental na determinação da inferioridade da raça, e o negro teria essa característica, além disso discordava de Curvier ao levantar a hipótese de que os mulatos eventualmente seriam caracterizados pela infertilidade. Já os mongóis só conseguiram manter uma civilização homogênea por causa da ajuda dos caucasóides. E estes seriam a mais alta realização da natureza.⁷

Já Joseph Artur, o conde de Gobineau, também sofreu influências de Curvier, no entanto, desenvolveu toda uma teoria que o levava a posições que discordavam daquele. Lançou em 1853 o *Essai sur l'inégalité des races*, sua mais importante obra. Gobineau, negava a origem comum dos seres humanos, insurgindo-se contra a idéia cristã de que todos os homens eram irmãos, combatendo as concepções liberais que afirmavam as noções de igualdade, fraternidade ou democracia entre os povos. Acreditava que as civilizações estavam em desgraças porque as nações "perdem o vigor quando são compostas de elementos degenerados". Para Gobineau "os grupos excepcionalmente dotados" passariam a uma civilização mais complexa. Assim, "as raças conquistadoras"

⁵ Banton, Michael, *A idéia de Raça*. Favistock Publications, Inglaterra, Edição brasileira - São Paulo, Edições 70, 1977.

⁶ Banton, *A idéia de Raça* p. 45

governariam e civilizariam os vizinhos, esse impulso conquistador era o indício de uma superioridade racial. O interessante que este impulso civilizador poderia ocasionar bons frutos para os povos conquistadores porque proporcionaria um melhoramento da "raça" no entanto, a raça "civilizadora" perderia força porque seria diluída na conquistada. Sem solução, o homem estava condenado a degeneração.⁸

Nenhuma raça poderia rivalizar com a branca. Como justificativa para as grandes civilizações do Oriente, da África e da Ásia, afirmava que estas só se constituíram enquanto tal por causa de uma suposta mistura com a caucasiana. As raças negras e amarelas estariam condenadas à bestialidade eterna. Dessa forma o produto da mestiçagem faria com que as características mais fortes destas raças fossem superadas (parcialmente). Era pessimista quanto o futuro da humanidade, mais especificamente, da civilização, que se encontrava em alto grau de degeneração por causa da miscigenação, "que se por um lado podia elevar intelectualmente as raças inferiores degenerava as etnias superiores".⁹ Sendo assim, não havia como os brancos civilizarem os negros, apesar dessa constatação Gobineau conclui que havia indivíduos negros que eram superiores que a média dos camponeses, no entanto ressaltava que o que era fundamental era ver o grupo e não o indivíduo, assim recusava-se a propagar argumentos que induzisse as pessoas a acreditarem que

"todo o negro é estúpido", e a minha objeção principal é que, para completar a comparação, ver-me-ia obrigado a conceber que todo o europeu é inteligente, e o céu me livre de cair em tal paradoxo... Não tenho qualquer dúvida de que muitos chefes negros são superiores, na riqueza das suas idéias, no poder sintético das suas mentes e na força da sua capacidade para a

⁷ Banton, *A idéia de Raça* p. 46

⁸ Silveira, "Os Selvagens e a Massa: Papel do Racismo científico na montagem da Hegemonia Ocidental.", p.108-109

⁹ Ventura, *Estilo Tropical História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil* p. 56.

acção, ao nível normalmente atingido pelos nossos camponeses, ou até mesmo pela média dos indivíduos meio educados da nossa burguesia... Deixemo-nos destas puerilidades, e comparemos, não os homens, mas os grupos"¹⁰

Assim, a noção do negro como ser inferior permanecia. As raças só teriam méritos se se conservassem num estado puro, como isso não era mais possível a degeneração era inevitável.

Um outro cientista importante que influenciou decisivamente nas concepções dos estudiosos brasileiros foi o italiano Césare Lombroso que em 1876 publicou a sua mais importante obra, *L'uomo delinquente*. Lombroso era responsável pela criminologia, estudo do crime e do comportamento anti-social, afirmava que a criminalidade era um fenómeno físico e hereditário, aí se encontrava as razões para não só o crime, mas a loucura, e todo comportamento moral, social ou sexual reprovável era passível de ser enquadrado como doença.

Outro estudioso importante foi George Vacher de Lapouge, representante do Darwinismo Social da escola de antroposociologia, abordava o estudo da raça a partir da antropologia física, preocupando-se com as medidas da forma da cabeça, a frequência da cor dos olhos e dos cabelos nos indivíduos. Para Lapouge o carácter racial determinava por exemplo a prática educativa, assim, aqueles que tinham "cabeças sobre o redondo" (braquicéfalos), eram inferiores e jamais poderiam ser comparados aos que tinham "cabeças sobre o comprido" (dolicocefalos), os arianos, se bem que Lapouge conclui que os franceses não tinham cabeças tão compridas quanto os ingleses logo estes eram superiores aqueles, mas punha esperança para os franceses ao afirmar que

¹⁰ Citado por Banton, *A ideia de Raça* p. 56. Silveira, "Os Selvagens e a Massa: Papel do Racismo científico na montagem da Hegemonia Ocidental". p. 110/111

nem todos os ingleses eram superiores aos franceses.¹¹ Apoiava a Eugenia de Francis Galton como antídoto para a decadência, e como forma de garantir arianos puros nessas nações e principalmente para a manutenção da dominação colonial nas mãos dos brancos superiores.

Destacamos também Gustave Le Bon, seu maior interesse estava no estudo da psicologia dos povos, sua obra mais importante foi *La psychologie des foules* (A psicologia das multidões, primeira edição de 1895),¹² segundo Renato da Silveira, Le Bon "reafirmou o programa do Darwinismo Social, reivindicou a democracia apenas para as elites, criticou as conquistas democráticas e a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão",¹³ para Le Bon as diferenças sociais também eram frutos de características físicas imutáveis, conclui que "cada povo possui uma constituição mental tão fixa como os seus caracteres anatómicos, constituição de que deriva os sentimentos, os pensamentos, as instituições, as crenças e as artes d'esse povo".¹⁴

As teorias científicas europeias desenvolvidas na Europa exerceram forte influência sobre os estudiosos brasileiros, que geralmente as adaptavam à nossa realidade. Teóricos como Silvio Romero e Euclides da Cunha, entre o final do século XIX e início do XX, e Oliveira Viana, já na década de 20 deste século, adaptaram o Darwinismo social, acrescentando elementos do meio geográfico e da raça, enquanto Nina Rodrigues adequou a teoria de Cesare Lombroso sobre a relação entre raça e criminalidade aos seus estudos sobre a criminalidade.

¹¹ Banton, p.107/108. Ver também Silveira p. 136/140

¹² Silveira, "Os Selvagens e a Massa: Papel do Racismo científico na montagem da Hegemonia Ocidental", p. 140.

¹³ Silveira, "Os Selvagens e a Massa: Papel do Racismo científico na montagem da Hegemonia Ocidental", p. 141

¹⁴ Gustave Le Bon, *Leis Psychologicas da Evolução dos Povos*. Lisboa: Ed. Tip. Francisco Luis Gonsalves, 1910. P.9

Thomas Skidmore, ao estudar as diferenças entre as teorias raciais européias e o que diziam os teóricos brasileiros, fala de uma “inconsistência” na argumentação destes, por tentarem adequar as teorias a diferentes conjunturas do país. Assim, Silvio Romero demonstraria uma inconsistência teórica ao reconhecer o Brasil enquanto país mestiço mas com possibilidades de ter uma “feliz evolução étnica”. Segundo Skidmore, já em “1906 definiu-se entre os que - com Gobineau, Ammon, Lapouge e Chamberlain - acreditavam que os dolococéfalos - louros do Norte da Europa - eram superiores aos outros homens”, reafirmando a teoria da degenerescência do mulato.¹⁵ Mas o que para Skidmore era inconsistência, para Renato Ortiz era escolha, já que a elite intelectual brasileira optava por alguns autores (Gobineau, Agassiz, Broca, Quatrefages) e não por outros, porque eles adequavam-se melhor ao desejo de construir uma identidade nacional diante de novas situações, abertas com a Abolição e a República.¹⁶ Roberto Ventura, ao analisar o pensamento dos teóricos brasileiros, concorda com Ortiz quando afirma que estes “escolheram, dentre as diversas teorias européias, aquelas que pudessem ser sincretizadas a partir da questão nacional, relacionada à questão do Estado e à afirmação da identidade das camadas letradas e dirigentes”.¹⁷ Consideramos que autores como Ortiz, Ventura e também Schwarcz conseguem melhor equacionar esta questão do que Skidmore.

Assim como entre os intelectuais brasileiros havia diferença na forma como recebiam e reelaboravam as teorias raciais, entre os jornais também não houve uma unanimidade. Os jornais até estavam mais livres para ter diversas visões por não

¹⁵ Thomas E Skidmore, *Preto no branco. raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, pp. 72-73.

¹⁶ Renato Ortiz, *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*, 5º ed., São Paulo, Brasiliense, 1994, pp. 30-35.

estarem presos a uma academia, ao contrário dos cientistas, o que não significa que estivessem à frente deles. Assim, ora anunciavam conceitos que reafirmavam a inferioridade do negro, ora reafirmavam a importância deste no cenário brasileiro e baiano.

A imprensa utilizava-se de uma linguagem na maioria das vezes carregada de terminologia científica, mesmo quando não se tratasse de assunto puramente científico. Normalmente esta linguagem perpassava as notícias sobre os acidentes, os crimes, editoriais políticos, religiosidade, trabalho, educação. A linguagem utilizada era ‘sintoma’ de uma concepção que colocava a ciência como verdade última e dava à imprensa a posição de sua porta-voz, diante do público. Coube a ela não só divulgar os “achados” da ciência, como enriquecer o vocabulário de seus leitores com difíceis termos científicos.

O jornal se tornaria espaço de debate e divulgação científica, extrapolando os centros comuns de “fazer” ciência, como a Academia de Letras, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia ou a Faculdade de Medicina da Bahia. Ele por isso recebia muitas vezes crédito dessas instituições tradicionais de saber. Por repetição, a imprensa popularizou uma série de termos médicos, o que não significa que tivesse popularizado a medicina, visto que as práticas médicas populares eram comuns e indicavam uma visão de mundo que nem sempre era possível conciliar com a “ciência”.¹⁸

Uma das formas mais comuns de percebermos o discurso médico eram as notícias dos acidentes e ocorrências policiais. Em seções como “Chronicas das Ruas”,

¹⁷ Roberto Ventura, *Estilo Tropical, História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil 1870-1914*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p. 40.

do *Diario de Noticias*, “Diversos” e “Pequenas Notas” (normalmente policiais) do *Diario da Bahia*, é-nos possível detectar muito desta linguagem. Por exemplo: “... da quéda, resultou ficar aquelle artista com uma grande ferida incisa na parte posterior e interna do cotovelo direito e outra contusa na parte posterior do ante-braço direito”, ou “os golpes foram nas regiões temporo-maxillar, orbitaria direita, occipital e um dedo da mão esquerda”, ou ainda: “...afim de ser medicado em uma ferida incisa de 8 centimetro de extensão que apresentava no dedo mínimo da mão esquerda”.¹⁹ Com este tipo de linguagem, o jornal capacitava-se a divulgar idéias sobre a suposta inferioridade do negro, em alguns momentos, e em outros contestá-las.

Algumas vezes o discurso científico era direto, tinha como objetivo “melhorar” a vida dos “pobres” pretos. Uma dessas formas era acabar com o motivo dos problemas dos negros: a cor. Nesse sentido o *Diario da Bahia* anunciou a solução encontrada pela Inglaterra, um experimento que, supostamente, embranquecia a cor da pele. “Qual será a suprema felicidade d’um preto? Será tornar-se branco? Se é, a sciencia moderna parece ter descoberto o modo de satisfazer esse anhelos dos negros”. A experiência dizia respeito à inoculação de um soro, feito a partir de substância encontrada no albino, para o negro que se tornasse branco. Segundo o jornal, “na pelle escura e mais grossa do negro, a doença communicada artificialmente generalisa-se com difficuldade e sem chegar a affectar os olhos nem o cabello, embranquece a pelle, dando-lhe não a côr branca dos albinos mas uma côr moreno-claro bastante rosado.”²⁰

Transmitindo notícias que supõe o desejo dos negros em transformarem-se em brancos, o jornal fortalecia a idéia de que a sua cor era indesejável até para eles

¹⁸Ver Jaqueline de Andrade Pereira, *Práticas Mágicas e Cura Popular na Bahia de 1890-1940*, Dis. Mest., UFBA, 1998.

¹⁹ *Diario de Noticias*, 29/09/1899, p. 1, 12/04/1904, p.4; *Diario da Bahia*, 16/05/1906, p. 1.

mesmos, por isso “alvejar” seria “a suprema felicidade d’um preto”. É perceptível a reafirmação da neutralidade da ciência, que estaria acima dos desejos mais baixos da humanidade. Foi em nome dessa imparcialidade que utilizou-se o negro como cobaia. Encontramos aliás, sugestão de que o negro pertencia a uma outra espécie, porque além de possuir uma pele escura, ela era grossa, supostamente diferente da textura pele dos brancos.²¹

Algumas notas são mais “científicas” que outras. Uma discute por exemplo, a relação entre os cheiros e a raça ou as diversas possibilidades dos negros tornarem-se brancos, ou ainda a importância do tamanho do cérebro na composição da inteligência humana. Outras transmitem as opiniões de cientistas como Césare Lombroso e Enrico Ferri, conhecidos por seus estudos na área da criminologia, Nina Rodrigues e Silvio Romero sofreram forte influência destes e das suas teorias.

A terminologia específica usada pelos especialistas dificultava a compreensão do público não-especializado, mas quando as discussões pelo jornal rompiam a linguagem acadêmica, crescia a possibilidade de ser incorporada por um público mais abrangente. Assim o jornal transforma e dissemina o saber. No *Diario da Bahia* encontramos, em 1904, uma coluna intitulada “Sciencia Popular” que publicou que os seres humanos tinham cheiros particulares, segundo a qual a raça tinha influencia importante. Nesse sentido, o negro tinha um “tresandar” (exala mal cheiro) perceptível, enquanto a raça “amarela” seria inodora, “uma exceção á regra”, o que nos induz a pensar que o branco seria a norma. O discurso da superioridade do homem branco era tão arraigado que, apesar dos “amarelos” não gostarem do cheiro destes,

²⁰ *Diario da Bahia*, 03/11/1901, p. 2.

²¹ *Diario da Bahia*, 03/11/1901, p. 2 e 25/05/1908, p. 5.

por este ser “acre e rançoso”, acabavam acostumando-se e considerando-o até agradável.²²

Algumas concepções científicas reafirmavam insistentemente uma hierarquia evolucionista entre os homens e foram assim incorporadas ao texto jornalístico. O *Diario de Noticias* de 1908, em uma nota intitulada “Um facto curioso”, noticiava a existência de um homem pardo que vivia como um selvagem no município de Aracy, interior da Bahia. Nesta situação há 7 anos, “sem um trapo a cobrir-lhe a extranha nudez, alimentando-se com os animais, em cuja promiscuidade vive, de frutas silvestres, de caça e sujeito a acção inclemente das intemperies, bruto como os brutos, sem guardar a menor idéia da raça superior de que é representante.[...] Perdeu completamente a noção de ser humano, tornou-se selvagem”.²³ Nesta notícia o homem mestiço foi considerado superior!. O que pode indicar a ascensão do mestiço no período ou a sua superioridade frente aos animais com os quais conviviam. Essa nota demonstra o quanto as visões sobre os mestiços ainda era ambígua.

O Darwinismo Social também foi discutido na imprensa. Numa longa coluna, o *Diario da Bahia*, em 1901, não chegou a colocá-lo em cheque mas o criticou, “admitindo o darwinismo mesmo no limite em que o sr. Demolins o toma nos seus ‘typos sociais’, facil nos é demonstrar que ainda assim reduzido, não tem estricta applicação sem a concurrencia de outros elementos de apreciação no dominio da ciencia social”.²⁴ Apesar da aceitação comum dos cientistas, o darwinismo social foi contestado, ainda no início do século, por um articulista que não identificamos, indicando a diversidade de posições no jornal. Da mesma forma que os cientistas

²² *Diario da Bahia*, 31/07/1904, p.1. Anexo 1.

²³ *Diario de Noticias*, 14/07/1908, p. 5.

²⁴ *Diario da Bahia*, 15/01/1901, p. 1.

faziam análises diferentes do Darwinismo social na Alemanha, França e Estados Unidos, a imprensa jornal também podia apresentar posicionamentos diferentes.²⁵

A primeira década do século refletiu maior influência das teorias raciais, no entanto, percebemos ainda resquícios desse pensamento em 1929, quando o *Diário da Bahia* publicou a entrevista de Claude Ferrere, sob o título “A Luta das Raças”, na qual ele reafirmava a superioridade branca. Dentre outros elementos a nota destacava que o “amarelo”, apesar de inferior, estava alcançando certo progresso, mas que

a raça negra é muito inferior á raça européa Os negros tornam-se homens muito cedo, mas o seu desenvolvimento pára tambem muito cedo. Estudei muito esta questão nas escolas da Africa. Um menino negro de 6 annos, é tão adiantado como um branco de dez annos. Na escola, os negros são os melhores alumnos... mas quando chegam aos quinze ou dezesseis annos o seu desenvolvimento se detem e não se nota mais progresso. O seu pensamento é simplista, a sua philosophia, a sua arte e a sua literatura são muito primitivas É possível que sejam superiores aos brancos sob o ponto de vista das forças physicas, mas isso não é tudo. Não apresentam perigo algum e não são adversarios dos brancos.

A questão é muito importante, pois vivemos em um século em que se discute muito sobre a igualdade dos povos e das raças.²⁶

Aqui, encontramos elementos de teorias raciais muito divulgadas no final do século XIX, principalmente a partir de autores como Gustave Le Bon: a idéia de que o homem negro era um ser incompleto por natureza, além de não compartilharem com os brancos uma origem única, como queriam os monogenistas.²⁷ Para o cientista entrevistado, o negro durante a infância teria um desenvolvimento igual ou superior ao branco, mas que atingiria o seu amadurecimento na adolescência, sendo que o branco ultrapassaria

²⁵ Banton, *A idéia de raça*, pp. 104-107.

²⁶ *Diário da Bahia* 23/07/1929 p. 1.

²⁷ Gustave Le Bon, *Leis psicologicas da evolução dos povos*, Lisboa, Ed. Tip. Franciso Luis Gonsalves, 1910, p. 14.

esta fase, tornando-se um adulto mais inteligente.²⁸ Um homem negro adulto não oferecia, portanto perigo, porque segundo esta ótica, ele nunca atingiria o desenvolvimento intelectual de um branco. As “investigações” de Claude Ferrere feitas anteriormente por Le Bon. Assim, supõe-se que o negro não ameaçaria o domínio branco, porque seria sempre uma criança crescida, que precisava da direção inteligente do branco.

A concepção de Claude Ferrere sobre o negro era significativa para um momento em que segundo ele, muitos reivindicavam a igualdade entre as raças. Ele se coloca no lugar de um cientista que estudou o assunto e ‘prova’ que é impossível haver igualdade entre as raças. É taxativo ao afirmar que não era possível querer igualdade entre desiguais, o que Gustave Le Bon já afirmava.²⁹ A questão era: como sugerir igualdade para povos que só podiam ser superiores se o elemento de classificação fosse o fator físico? Aqui subentende-se algumas “verdades” quanto à força bruta e a inteligência, aquela apanágio dos negros e essa dos brancos. Seguindo esta lógica, o negro seria superior em força física, porque esta era uma característica predominante nos animais, que utilizavam o corpo para sobreviver, em oposição ao branco que utilizava a inteligência.

Numa notícia sobre os Estados Unidos, encontramos indícios da influência de concepções científicas sobre o negro, só que apresentadas de maneira invertida. O *Diario de Noticias* demonstra não estar muito convencido sobre “A theoria de um bispo negro”, que afirmava que o homem branco representava a degeneração:

²⁸ Le Bon, *Leis psicologicas da evolução dos povos*, pp. 39-40.

Em uma das mil seitas que existem na America do Norte, figura como chefe um bispo negro, que pronunciou recentemente um discurso original. Com o fim de lisonjear os seus partidarios, disse que o homem primitivo foi preto e que, empalidecendo paulatinamente pelos seus vicios, chegou, afinal, a fazer-se mais branco que a neve, do que resulta que o homem degenerado é o branco e não o preto. Como corollario do seu discurso, entoou um hymno á falta de limpeza, porque disse que a popular canção yankee, que diz “Com agua me tornarei branco, não se deve cantar... nem praticar.”³⁰

A noticia foi apresentada com ironia, como algo impensável e absurdo, uma vez que invertia a concepção de superioridade do homem branco, forjando assim uma outra versão para as teorias evolucionistas. A noticia desqualificava a religião do bispo e sugeria que este, por querer agradar, proferia inverdades científicas. A oposição a idéias que subvertessem o *status quo* era veemente, passando do espanto à condenação, sem deixar sombra de dúvida sobre a posição do jornal.

Mas a “ciência” nem sempre era explicitamente usada para explicar a superioridade branca e justificar a subalternidade negra. Nesse início de século as teses racistas se exprimiam no medo da mestiçagem e da ampliação de direitos de cidadania aos negros brasileiros. Para isso, o assunto não precisava ser o Brasil.

Foi também o *Diario de Noticia* que relatou como “coisa da época” a preferência das moças brancas de Berlim por jovens abissínicos, que segundo o jornal “toca aos raios do escandalo; muitas especialmente as mais timidas, ficam em verdadeiro extase deante dos felizes ethiopes [...] que são assediados pelas mais afoitas, a ponto de serem até raptados e envolvidos nas mais phantasticas aventuras”.³¹ “Coisas da época” traduz o sentimento de espanto e medo do jornal frente às mudanças

²⁹ Segundo Gustave Le Bon, “a sciencia mais avançada demonstrou a inanidade das theorias igualitárias e provou que o abismo mental, creado pelo passado entre os individuos e as raças, só pode ser cheio por accumulacões hereditárias muito lentas”. Idem. p. 6.

³⁰ *Diario de Noticia*, 13/09/1904, p. 2.

operadas no comportamento feminino no mundo europeu. A idéia de mulheres brancas interessando-se sexualmente por homens negros ganhava, aos olhos do jornalista, aspecto dantesco.

O *Diario de Noticias* parecia apostar numa suposta decadência da civilização européia, como se dissesse “as nossas brancas não agem dessa forma”. Se pensarmos no significado desta nota numa Bahia multirracial, conclui-se que o jornal alertava para os dissabores da mestiçagem do branco com o negro, porque se por um lado ela embranquecia a população, enegrecia a família branca. Fato aparentemente contraditório, mas perfeitamente compreensível, como analisa Thales de Azevedo ao estudar as possibilidades de ascensão das elites de cor na Bahia.³²

Os jornais insistiam sobre concepções que colocavam o homem negro numa posição de inferioridade, principalmente num momento em que questões como a cidadania e inserção dos negros na sociedade após a Abolição e a República eram também levantadas.³³ O negro não era visto como integrante desta nova realidade política. Ainda no plano internacional, o *Diario da Bahia* publicou uma notícia sobre Cuba, sugerindo que a cidadania dos negros podia transformar-se em “abusos”. Esta notícia dizia respeito a “atitude sobre modo arrogante e descabido dos homens de cor, que exigem ampla participação nos cargos publicos” naquele país, em 1902. O jornal relatava que “há dias a policia prendeu, em uma das ruas mais frequentadas desta capital, Havana, um preto por ter desacatado de modo o mais grosseiro a uma jovem e conhecida senhorita de cor branca. Conduzido ao posto policial, o preso depois de

³¹ *Diario de Noticias*, 26/04/1906, p.2.

³² Thales de Azevedo, *As Elites de Cor. Um estudo de ascensão social*, Série 5º, Editora Brasileira, 1952, pp.79-90.

³³ Lilia Moritz Schwarcz, “Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX”, *Afro-Ásia*, 18 (1996), pp. 86-89.

estabelecida a sua identidade; foi posto em liberdade por ser deputado, não obstante a prisão ter sido feita em flagrante”.³⁴

Parecia inconcebível imaginar que um negro reclamasse direitos iguais. Ao negro caberia ter atitudes mais humildes, próprias à sua condição inferior. O texto do jornal sugere que aos descendentes de escravos devesse ser negado o direito à participação política. Quando o negro ascendia politicamente, ocupando cargos antes só reservados aos brancos ele se comportava inadequadamente, provando ser uma ameaça à hierarquia das raças. Em Cuba duas regras foram quebradas. Um “preto” transformou-se em deputado, questionando as limitações impostas ao seu grupo, e importunou (talvez quis cortejar) uma jovem e “conhecida senhorita de cor branca”. A censura do jornalista baiano foi maior ao relatar que, ao identificar-se, o deputado fôra posto em liberdade, apesar do flagrante. Dessa forma, o privilégio jurídico da democracia formal, feito por e para um grupo seleta, fora utilizado por um membro do grupo subalterno que a teria desvirtuado.

Notícias como essa de Cuba davam conta de que a hegemonia branca não estava completamente segura. Neste período a imprensa por vezes retransmitiu na Bahia uma preocupação (algo paranóico) que tomou conta do mundo Ocidental a respeito de uma suposta guerra racial global. Vejamos como isso veio dar na imprensa baiana.

³⁴ *Diário da Bahia*, 24\07\1902, p. 3.

Ameaças à hegemonia branca no mundo e o declínio da mística ariana no Brasil

Não queremos diminuir a importância de algumas civilizações originadas das chamadas raças de cor: mas elas se desenvolveram em sua sede sem nenhuma tendência à universalização, e quasi todas tiveram de sofrer mais cedo ou mais tarde a preponderância, se não a hegemonia branca.

Mas esta magnífica soberania as raças brancas estão em grande perigo de perder.³⁵

Para a imprensa, os brancos conseguiram dominar o mundo conhecido, mas frente ao crescimento numérico dos povos “inferiores”, esta situação poderia mudar e uma outra raça os substituiria no domínio mundial. Esta parecia ser a grande questão para os “civilizados”, inclusive os que viviam na Bahia. Havia uma consciência grande por parte dos que faziam a imprensa baiana de que o mundo estava se modificando e que os brancos parecia ter seu poder ameaçado, embora de forma ainda sutil. Dai a preocupação quanto ao chamado perigo negro e amarelo.

Notamos, assim, uma preocupação incomum sobre a tecnologia, seus males e benefícios para a hegemonia branca no Ocidente. No fundo a imprensa reproduzia sem senso crítico, claros interesses do imperialismo e do colonialismo contemporâneo. Mas também associavam o processo de embranquecimento do Brasil - via imigração européia - ao destino global dos brancos. Uma questão suscitava o interesse da imprensa baiana: a adaptação dos brancos aos trópicos. Sustentava-se que a presença da população branca nessas áreas era uma forma de garantir um futuro mais promissor para aqueles que os recebessem. O *Diário de Notícias* neste sentido

³⁵ *Diário da Bahia*, 05/07/1935, p.2 “Grande Batalha de Raças”.

informa-nos que já havia tecnologia avançada o suficiente para proporcionar aos brancos a possibilidade de habitar algumas zonas geográficas difíceis:

[...] Resulta de tudo isso que é preciso prever, é preciso preparar uma longa expansão dos europeus por essas regiões, regiões que cedo ou tarde tem de ocupar. É preciso ir pedir as luzes das sciencia para essa obra

Os instrumentos, os aparelhos a vapor quase que dispensam o agricultor do esforço physico; a elle cabe apenas, fiscalizar, vigiar, dirigir o trabalho mecanico.

A Physica ensina os meios de melhoras, de attenuar a temperatura no interior das casas. A Chimica reduziu extraordinariamente o custo do gelo artificial. A liquefacção do ar permite destruir facilmente todos os microbios e mais germens pathologicos... Então elles, pois os brancos armado do preciso para implantar-se por estes tropicos a föra.³⁶

Essa nota, publicada em 1900, explanava sobre o período de expansão imperialista dos europeus no mundo africano e asiático.³⁷ A afirmação “elles cedo ou tarde tem de occupar” era indicativo da mobilidade dos europeus nestas regiões e a concepção de que era inevitável e licito ocupá-las, com a missão de civilizar. O jornal demonstrava seu entusiasmo em relação à adaptação dos brancos em terras tropicais, fornecendo respostas para suposta inadaptação dos imigrantes europeus, pois com a tecnologia avançada, regiões com climas diferentes, a exemplo da Bahia, adquiriam condições para recebê-los.

Por outro lado, a modernidade e o progresso poderiam contribuir para a degeneração das raças humanas. O *Diario de Noticias* apresentou, em 1908, a sua preocupação quanto a “O Futuro da Raça”, título de uma nota que reafirmava a idéia de que havia raças superiores e inferiores e mas que todas estavam num processo de

³⁶ *Diario de Noticias*, 26/01/1900, p.1.

degeneração ocasionada pela forma como elas interagiam com a civilização, principalmente as mulheres, já que cabia-lhes a gestação das gerações futuras.

O autor partia do pressuposto racial, mas não se prendia a este. Utilizava como explicação para as supostas mudanças para pior na estrutura física do homem, as transformações decorridas do progresso e da civilização. Para ele, outrora os homens tinham sido grandes e robustos, como as raças eslavas e anglo-saxônicas. Algumas características dos tempos modernos, a exemplo do “requite, suas mentiras convencionaes”, além da vaidade e exigências da moda, que diziam respeito principalmente às mulheres, estariam degenerando os “civilizados”. Enfatizava que as mulheres chegavam ao cúmulo de usar “espartilhos martirizantes”, prejudicando a circulação do sangue, o que provavelmente afetaria as gerações futuras.³⁸

Também alertava para a falta de higiene nas escolas, que tornava as crianças corcundas e covardes. Além disso, o autor culpava o Estado por não mostrar-se preocupado em regulamentar o serviço das amas-de-leite. Portanto, o editorial trazia como explicação para os problemas das raças no Brasil que segundo ele eram “piquenes”,³⁹ as ações maléficas do progresso sobre mulheres e crianças, e a solução passaria necessariamente pela regulamentação do corpo através da intervenção do Estado. Caberia ao Estado sanear esta realidade, utilizando-se de campanhas de vacinação e do incentivo à imigração de gente que possibilitasse uma melhoria na raça. Do contrário, o futuro do país seria desalentador, tanto por uma visão racialista quanto por uma visão higienista.

³⁷ Durante todo o ano de 1899 e o de 1900, o *Diario de Noticias* transmitiu notícias diárias da Guerra Anglo-Boers na África do Sul: 31/10 a 15/12 de 1899, p. 1 e 2; 08/01 a 19/01 de 1900, p. 1, de 07/02 a 28/02 de 1900, p. 1; 03/03 a 30/03 de 1900, p. 1 e 2 e 02/04 a 21/04 de 1900, p. 1.

³⁸ *Diario de Noticias*, 13/02/1908, p. 1.

³⁹ *Diario de Noticias*, 13/02/1908, p. 1.

De uma forma ou de outra a preocupação com o uso da tecnologia a serviço do desenvolvimento das “raças”, era indicio da preocupação com o futuro da presença européia no mundo. Podemos associar essa discussão sobre o futuro racial às constantes notícias sobre o crescimento numérico dos negros no mundo, principalmente nos Estados Unidos. Em 1901, o *Diario da Bahia* revelava a sua preocupação ao afirmar que nos Estados Unidos o aumento “da população de cor (negros e mulatos) era proporcionalmente maior que a da branca” que só chegou a 28 % apesar da imigração acelerada, enquanto a negra crescia 30%.⁴⁰ A imprensa parecia buscar compreender a nossa realidade através da realidade externa.

Também o *Diario de Noticias* demonstrava, em 1910, através do sugestivo título “O Perigo Negro”, toda a sua preocupação sobre o crescimento da população negra na América e a ameaça que isto representava. Além do aumento populacional, crescia a proporção de alfabetizados e do número dos que freqüentavam “com grande proveito os estudos superiores”, e a visível presença negra nos negócios (mercearias, miudezas, drogas, tipografias, bancos, cooperativas, centenas de sociedades de seguros e nas propriedades agrícolas). É destacado através da notícia que, “no fim deste século, e apesar da continua imigração branca, a raça negra venha a constituir um verdadeiro perigo a America.”⁴¹

Esta notícia também tinha um significado relevante para uma cidade cuja população negra e mestiça era considerável. Se nos Estados Unidos, onde os brancos eram maioria, o crescimento dos interesses dos negros no comércio e na vida social era eficaz, a situação da Bahia era mais preocupante já que a população negra era bem

⁴⁰ *Diario da Bahia*, 21/09/1901, p. 1.

⁴¹ *Diario de Noticias*, 13/07/1910, p. 3.

maior. Muito provavelmente temia-se que um dia os negros pudessem ascender socialmente e ocupar os espaços sociais destinados aos brancos, o que destruiria não só toda uma concepção que afirmava ser o negro inferior como domínio social dos brancos. Deduzimos assim, que os brancos baianos deviam ficar alerta e impedir que os negros baianos progredissem na educação e nos negócios, já que em número eram superiores aos brancos.

Nos anos 20 o interesse da imprensa com relação ao avanço negro persistia. O *Diario da Bahia* voltaria a anunciar os progressos que os negros estavam alcançando em todos os ramos da atividade humana, destacando-se principalmente no comércio e na educação.⁴² Já em 1935, este mesmo jornal, numa longuíssima nota sobre o equilíbrio numérico das raças no mundo, falou da possibilidade da perda de hegemonia dos brancos, cedendo lugar para as raças de cor que supostamente nunca tiveram sonhos expansionistas e fala-nos de uma “Grande Batalha de Raças”:

[...] As raças brancas fizeram as conquistas do mundo. Ou mais exatamente, a Europa, que é geographically a parte do universo mais exigua, cobriu o planeta pela expansão de seu gênio

Suas colonias prosperam sob todas as latitudes e, para só citar um exemplo insigne, as duas Americas, que representam cerca de um terço das terras emergidas do mar, são estabelecimentos europeus ou povoados por europeus. Não queremos diminuir a importancia de algumas civilizações originadas das chamadas raças de cor: mas ellas se desenvolveram em sua sede sem nenhuma tendencia à universalização, e quasi todas tiveram de sofrer mais cedo ou mais tarde a preponderancia, se não a hegemonia branca.

Mas esta magnifica soberania as raças brancas estão em grande perigo de perder: a Europa pode considerar-se desde já, em muitos pontos destronada. Uma evolução neste sentido foi apressada pela guerra e precipitada pelo que se chama a Crise, fenomeno ao mesmo tempo economico e politico. [...]"⁴³

⁴² *Diario da Bahia*, 22/10/1920, p. 1.

⁴³ *Diario da Bahia*, 05/07/1935, p.2.

A perda da hegemonia branca no mundo continuava a preocupar a imprensa baiana. Se no mundo “civilizado” onde existia uma maioria branca, havia um medo generalizado da penetração produtiva dos negros, nas áreas onde a presença negra era preponderante o medo das elites era ainda mais cabível, principalmente quando a ela pertenciam os mais importantes cargos da administração pública e da direção das atividades produtivas, como era o caso da Bahia. Aliava-se a isso, segundo o jornal, a crise de hegemonia Ocidental, decorrente da 1ª Guerra Mundial, que abalou países antes política e economicamente poderosos, como a Inglaterra, e posteriormente a Crise de 29, que ameaçou não só o poder dos Estados Unidos como desorganizou a economia de todos os países sob a órbita capitalista. Todos estes elementos pareciam definir que num futuro muito próximo a hegemonia dos brancos não mais existiria.

Paralelo a este “perigo negro”, crescia no discurso da imprensa baiana um resgate da hegemonia branca através da “raça latina” na América. Esta seria a salvação do mundo ocidental, uma raça jovem e vigorosa, símbolo de uma nova era na América, cuja ascendência européia, ibérica e mediterrânea era destacada. Os jornais eram o melhor exemplo de que nem todas as teorias racistas exerceram influência suficiente para negar os benefícios da miscigenação, ou de uma nova raça no Novo Mundo. Aqui todas as teorias, de Buffon ou De Pauw,⁴⁴ foram esquecidas e o novo homem americano foi, em alguns momentos, considerado a salvação para a humanidade.

⁴⁴ Buffon partia da idéia de que todas espécies animais na América eram imaturas e débeis se comparadas com as espécies do Velho Mundo. Os homens americanos também fariam parte desta natureza. Para De Pauw o americano não chegava a ser nem uma raça imatura. Seria degenerado e inferior. Ver: Antonello Gerbi, *O Novo Mundo : História de uma Polêmica : 1750-1900*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996, pp. 37-38, 57-70.

As civilizações da América foram às vezes igualadas às grandes civilizações do mundo pelo *Diario de Noticias*, que exaltou os progressos do que o dr. Raphael Reys chamou de a “raça latina”, que diferentemente do que afirmavam alguns cientistas, não estaria em decadência. Conforme o jornal, a raça latina podia ser encontrada nas áreas “A. B. C. (Argentina, Brasil e Chile)”, e era sob determinado ponto de vista melhor que os habitantes “civilizados” dos Estados Unidos. “Se os Estados Unidos possuem dinheiro á farta, muita energia e grande iniciativa - do outro lado, os latinos possuem uma inteligencia inata, um vivo gosto de imaginação e de phantasias admiraveis, todas as qualidades de anunciadores da Boa Nova, dispondo ao mesmo tempo de incalculaveis riquezas naturaes”.⁴⁵ Os latinos ganham aqui a dimensão de verdadeiros profetas do futuro.

Na tentativa de forjar uma nação e uma identidade, o *Diario de Noticias* caracteriza positivamente a “raça” latina. O que era significativo e revelador, porque deixava transparente que a elite letrada neste momento em geral concordava com a idéia de superioridade dos nórdicos, porém rejeitava a concepção da degenerescência da raça latina na América, que apesar de não ser anunciada, era mestiça. Buscava-se construir uma visão altruista do povo latino, sustentando que este tinha condições de se opor ao crescimento e às tentativas expansionistas dos norte-americanos na América Latina, a exemplo do México. Havia uma compreensão de que a área que delimitava os países “ABC” era formada por latinos que estavam inseridos no mundo civilizado. Questionava-se portanto a superioridade dos “europeus” do norte da América, e a suposta inferioridade dos povos da América Latina, descendentes dos ibéricos.

⁴⁵*Diario de Noticias*, 08/07/1914, p.5.

Quando escreveu para o *Diario de Noticias* na seção “Distracções”, Graça Aranha analisou a fusão de raças enquanto contribuidora para a formação de uma raça “melhor”, que seria uma fusão entre os latinos.⁴⁶ Assim renasceria uma alma latina nos países da América do Sul, e estes países seriam os “herdeiros de uma latinidade immortal”. Para Graça Aranha “falta as nações latinas da Europa o sangue rejuvenecedor das raças novas e ainda rudimentares”. Os sul-americanos, portanto, foram apresentados como esperança para o velho mundo.

Em 1917, o *Diario de Noticias* concebeu o povo brasileiro enquanto “raça” que tinha particularidades boas, principalmente por conviver com outras em harmonia. Neste sentido desqualificou os povos ditos superiores por não terem conseguido tal proeza, apesar de exaltá-los enquanto modelo de vida. Como exemplo, publicou o resumo de um artigo de E. Perrier com o título “Preconceito de Raças”. Segundo o artigo, a existência dos Aryas - raça ariana - “de quem todo o mundo fala sem nunca os ter visto”, era duvidosa. O autor conclui, pela inexistência de uma raça superior. Argumentava ainda em favor dos latinos, que seriam imaginativos e artistas, e contrariando o que comumente se afirmava, não estavam em processo de degeneração. Contestava ainda as afirmações sobre uma suposta frouxidão dos hábitos culturais e até mesmo físicos dos latinos. Afirmava o artigo: “acreditam que o afroxamento dos costumes era a resultante de uma degenerescência, puro engano, os soldados destas nações, de que já se anunciava o fim, estão mostrando nos campos de batalhas, quão solida é sua saúde moral e robusta a sua força física”.⁴⁷ O artigo aludia às vitórias francesas na Primeira Guerra.

⁴⁶ *Diario de Noticias*, 03/08/1915, p. 7.

⁴⁷ *Diario de Noticias*, 21/05/1917, p. 3.

Este pensamento representava à época um esboço de mudança nas convicções ideológicas da elite, pois ainda era muito forte a idéia que “dos indígenas pouco se espera, dos negros e mestiços menos ainda”, conforme artigo na revista do IHGB em 1906.⁴⁸ Diferentemente deste pensamento, configurava-se a noção de que a miscigenação seria a solução para o problema racial vivido por outras nações, problema que aparentemente o Brasil não compartilhava. Mas por detrás do aparente elogio ao “latino” permanece a negação do negro e do indígena brasileiros.

Essa discussão sobre a raça latina é interessante quando atentamos para os seus significados. A imprensa questionava a existência de uma suposta raça superior no norte e se punha em defesa de uma raça jovem e forte, mais parecida como a América, uma nova raça num mundo novo. Na reivindicação dessa nova raça a imprensa partia do pressuposto de que havia diferenças raciais que faziam com que brasileiros, entre outros povos latino-americanos, fossem considerados positivamente. A questão implícita a esta abordagem era que em nenhum momento a imprensa reconheceu a existência no Brasil de outros grupos que não o Ibérico, na formação dessa “nova raça”. O discurso da existência dessa raça latina aparecia paralelamente ao discurso do avanço do perigo negro e, como veremos, do perigo amarelo também. Ou seja, contra estes havia uma nova “raça”, que não era européia, e sim latino-americana. Era como se dissessem: nossos brancos são melhores que os seus.

⁴⁸Citado por Schwarcz, *O Espetáculo das Raças*, p. 131.

O degenerado

Às vezes considerava-se que os descendentes de africanos, europeus e indígenas formariam o “latino-americano”. Nesse sentido, o povo brasileiro era visto com certa positividade. Variava de acordo com os objetivos de quem falava sobre sua formação. Assim, também foi vista a miscigenação. Na classificação de Oliveira Viana havia mestiços superiores e inferiores, sendo os primeiros fisicamente mais semelhantes aos brancos. “Em regra o que chamamos de mulato é o mulato inferior, incapaz de ascensão, degradada nas camadas mais baixas da sociedade e provindo do cruzamento do branco com o negro do tipo inferior. Há, porém, mulatos superiores [...] herdam, às vezes, todas as características psíquicas e, mesmo, somáticas da raça nobre. Do matiz dos cabelos à coloração da pele, da moralidade dos sentimentos ao vigor da inteligência, são de aparência perfeitamente ariana”.⁴⁹

Se nos atermos ao pensamento de Silvio Romero e Oliveira Viana, a mestiçagem também podia significar degeneração ou uma importante via para o branqueamento da população, e assim uma possibilidade de reabilitar as raças “inferiores”, até que fossem extintas no futuro.⁵⁰

Num período em que afastava-se de discussões de cunho explicitamente científico, a noção de degeneração podia ainda apresentar-se de forma contundente. Na nota “Macacos e Homens”, de 1925, o *Diário da Bahia* publicou um texto assinado por Benedicto Barbosa que qualificava o povo como degenerado e imputava a isso a situação de desvantagem literária do Brasil frente a outros países. Aqui

⁴⁹ Oliveira Vianna, *Populações Meridionais do Brasil* Rio de Janeiro, José Olympio, 1952, p. 108.

⁵⁰ Roberto Ventura, *Estilo Tropical*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991, pp. 55-61.

detectamos uma série de conceitos provenientes das teorias racistas, ainda presentes em parte da elite intelectual brasileira.

Para Barbosa, o problema do Brasil era ter sido formado por um povo de “typo irrealizavel”. O país seria uma nação aparentemente jovem, no entanto, devido a sua mistura racial, era decadente, não havendo possibilidades de tornar-se no futuro um país com literatura profícua, a exemplo dos europeus. Dizia que “a nossa attitude em face da natureza brasileira é a do velhote trefego deante da mulher nova: simulando uma juvenilidade postiça”. Embora duvidasse das afirmações de Darwin sobre a evolução do homem, “tenha ou não tenha fundamento”, compactuava com a idéia de que “os argentinos tinham razão ao denominar os brasileiros de os ‘eternos macaquitos’ porque, a nossa única faculdade era a faculdade de imitar, arremendando, com caretinhas e esgares funambulescas”. A sua visão de povo degenerado é melhor percebida quando analisava comparativamente a literatura brasileira:

é uma blague sonora. Copiamos miseravelmente a França (já não quero falar da França porque esta nos honra sobremodos), os Estados Unidos, o Uruguay e Itália e Índia, o Japão, em fim, todo o mundo que pensa e escreve. Não produzimos, compilamos. Não somos inteligentes. Somos pacientes Incapazes de um surto proprio, coherente, natural, o brasileiro jaz na attitude de Jeca, imbecilizados pelos opios psychopathologicos, (perdoem-me a ousada acertiva) producto de evaporação do caldeamento repulsivo de três raças antagonicas e fundamentalmente degeneradas, agora estão estabelecidas as razões de nossa miseria cerebral.³¹

Aqui, a mistura era a degeneração. Mas africanos, índios e portugueses já seriam originalmente degenerados, portanto a mestiçagem só poderia ter como resultado um

povo degenerado. Segundo o autor, os nossos problemas também viriam do fato de não se ter um idioma universal, como o francês. Quanto à literatura brasileira, Benedicto Cardoso dizia que a “nossa crônica é, por assim dizer uma colcha de retalhos, mal cosida, mal alinhavada, semelhando uma aristocracia caricata de egressos e psycopatos, entremeiado de ‘footings’, ‘sandwichs’, ‘jazz-bands’, e outros peregrinismos ephemeros. O nosso jornal é em geral, o panphleto, onde se descobre muita vez o phantasma da raça, sacudindo-se em cambalhotas e fantochadas grotescas, tendendo sempre para o desaforo”.⁵²

O Brasil não tinha possibilidade alguma de ter um mínimo da civilização alcançada pelas nações européias, porque a produção artística assemelhava-se à própria elite degenerada e o atraso da sociedade era associado às características mestiças da população. Se é que havia alguma solução para esta degeneração, ela não se encontrava na mestiçagem, só que os povos originários eram degenerados. Na verdade não havia nenhuma solução positiva para o caso brasileiro. Nem o branqueamento parecia ser solução. Mas este não era o pensamento dominante. Para a maioria a melhor forma de melhorar o país era passar um esforço de eugenia, de estágio de civilização.⁵³

⁵¹ *Diario da Bahia*, 08/06/1925, p. 1.

⁵² *Diario da Bahia*, 08/06/1925, p. 1.

⁵³ *Diario da Bahia* 17/01/1934 p.3. Sobre este tema, verificar Schwarcz, *O Espetáculo das Raças*, pp. 23-42. Ver Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*, de 1933, demarca a concepção do mestiço enquanto elemento superior, pois guardaria o melhor de cada raça. Afirma o autor que o mestiço era “um feliz meio termo. No Brasil, muita cria e mulatinho, filho ilegítimo do senhor, aprendeu a ler e a escrever mais

O perigo amarelo

Como vimos, no início do século houve uma preocupação em se levantar os problemas que pudessem contribuir para a diminuição do poder dos brancos frente às outras “raças”, ou frente às adversidades da própria existência humana. A preocupação com o futuro da raça branca colonizadora era grande, principalmente quando se especulava a possibilidade dos asiáticos atingirem, com o seu crescimento econômico, o mesmo patamar “civilizatório” dos brancos.

O destaque que a imprensa baiana deu ao suposto “perigo amarelo” pode ser compreendido quando acompanhamos o debate em torno da possibilidade dos orientais, sobretudo os chineses, poderem integrar-se aos brasileiros, através da imigração, contribuindo para o melhoramento da “raça” nacional. A Bahia reclamava constantemente a vinda de imigrantes que pudessem contribuir para empalidecer sua face negra. O asiático, entretanto, não era concebido enquanto povo capaz de cumprir este objetivo, por também se tratar de uma raça inferior. Mas nas décadas de 20 e 30 esta discussão estava muito mais presente que no início do século, em função do desenvolvimento econômico do Japão e da possível ameaça que ele representava aos povos “superiores”.

Na escala evolucionista da época, os brancos seriam superiores aos negros e amarelos, sendo que para alguns cientistas estes últimos ocupavam um estágio superior aos negros. Para Charles Hamilton Smith, o negro era inferior por causa do pequeno

depressa que os meninos brancos, distanciando-se deles e habilitando-se aos estudos superiores”. Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala*, 32ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1997, p 448.

volume do cérebro, já os mongóis porque precisavam da ajuda dos caucasóides para atingirem uma civilização homogênea.⁵⁴

De acordo com Célia Marinho Azevedo, no Brasil a discussão em torno do “perigo amarelo” remonta ao período da escravidão, ao momento em que a elite pensava nas possibilidades de substituir a mão-de-obra escrava pela imigrante. Esta questão suscitou uma série de debates, principalmente em torno da suposta inferioridade dos “chins”, daí terem sido rejeitados.⁵⁵ O Brasil precisava, segundo os “imigrantistas”, de povos “superiores” que pudessem misturar-se com a população para que contribuíssem para a formação uma raça mais “pura” no país. Esse tipo de discussão não parou com a abolição, inclusive na Bahia.

Em 1908, o *Diario de Noticias* publicou que os japoneses tinham a intenção de promover o melhoramento de sua raça, a partir de uma associação que objetivava casar mulheres americanas com os japoneses. “Bem novo, novíssimo, este processo de um japonês cruzar raças e consolidar alianças entre nações”.⁵⁶ Como não eram bem vindos no país, os asiáticos provocavam no mais das vezes a construção de uma imagem de povo desajustado por seus hábitos e moral, e por não conseguirem integrar-se a um outro povo. Algumas vezes, entretanto, o jornal transmitia, contraditoriamente, uma visão positiva da China, afirmando que esta era diferente do que as pessoas pensavam, “um país grotesco e fóra do comum que nós os civilizados occidentaes conhecemos através das operetas modernas”.⁵⁷

Mas alguns anos depois o mesmo jornal alegava que os chineses eram abusados moralmente condenáveis e responsáveis por uma série de estereótipos, como no caso

⁵⁴ Banton, *A idéia de raça*, pp. 47-49.

⁵⁵ Azevedo, *Onda Negra Medo Branco*, pp. 147-153.

⁵⁶ *Diario de Noticias* 07/01/1908 p. 3.

relatado por missionários cristãos na China, que tentaram “salvar” os chineses de sua própria selvageria, pois lançavam os leprosos em grandes valas e punham fogo, sendo abatido a tiros quem conseguisse escapar. Assim era a “Civilização na ... China”.⁵⁸

O conceito que se fazia dos japoneses parecia um pouco melhor. Os japoneses seriam um povo que, apesar de inferior, buscava seguir o exemplo dos europeus, dos povos civilizados, com o objetivo de absorver seu progresso e desenvolvimento:

[...] Os nippons assimilaram com grande habilidade toda a civilização ocidental, de tal sorte que os velhos costumes, as tradições arraigadas por seculos de usanças, foram postas de lado, ou antes, sotopostas á ancia de ser um grande povo, ás inspirações de hegemonia em todo o mundo. [...] Mas seria illusão suppor que os nipons são apenas um povo hontem sahido da barbaria dos costumes para a barbaria das armas. O saber ocidental impoz-se as escholias japonezas e a sciencia , como as artes e até a philosophia conquistaram o cerebro nipponico. A guerra com a Russia decidiu deffinitivamente do prestigio mundial da novel potencia. [...]”⁵⁹

Era impensável para o jornalista que o Japão pudesse ameaçar os ditos povos civilizados. Pelo contrário, estavam absorvendo seu pensamento e tecnologia. Mas isso significava que agora os nipônicos podiam disputar a hegemonia ocidental no mundo um mundo em que se compreendia que “gente de cor” era inferior.

Os jornais davam destaque ao “perigo amarelo” por haver no Brasil uma grande preocupação quanto aos possíveis imigrantes que aportariam em terras brasileiras, e mais especialmente à Bahia, que não recebeu muitos imigrantes brancos e tentava afastar toda possibilidade de entrada dos asiáticos. O *Diario de Noticias* colocava-se como defensor da unidade nacional, de “unidade ethnica, da unidade da lingua, de

⁵⁷ *Diario de Noticias*, 16/01/1909, p. 5

⁵⁸ *Diario de Noticias*, 18/02/1913, p. 5.

religião, de costumes do povo brasileiro - unidade que está seriamente ameaçada pelo elemento japonês que nos procura.” Chegou a entrevistar um diplomata cujo nome não foi citado, que teria vivido alguns anos entre nós e verificado quantos problemas os japoneses trariam para o Brasil, ou melhor, para toda a América do Sul. Nos Estados Unidos, os japoneses sofreram algumas sanções por reivindicar direitos, mas em represália a tais atitudes, os nipônicos teriam ameaçado fazer o mesmo com os estrangeiros em seu país.⁶⁰

Formava-se dessa forma uma imagem de povos que não respeitavam as leis dos países que os abrigavam, que não conseguiam conviver com os “civilizados”. Segundo o *Diário de Notícias*, a grande ameaça era que os japoneses pretendiam conquistar o mundo ocidental a todo o custo. “Olhamos para o Occidente como para a Terra da Promissão; iremos até lá pacificamente, e, se não o fôr possível, iremos á força - dizem os nipons”.⁶¹

Mas para *O Estado da Bahia*, o desejo imperialista da “Terra do Sol Nascente” vinha da influência dos povos civilizados, dos seus progressos, dos exemplos de imperialismo europeu no mundo. Segundo o jornal, “quando os japoneses foram postos em contacto com as grandes nações industriais e verificaram sua prosperidade e seu poder militar, tornaram-se presas de um desejo apaixonado de imitar”.⁶² Este pensamento era compactuado pelo articulista do *Diário da Bahia*, que mostrava simpatia pelo Japão por ser um país líder, apesar dos que negavam reconhecê-la. Afirmava que o avanço nipônico representava “a primeira fase da maré montante dos povos de cor”, porque o Japão estava em expansão, a China seria uma aliada natural, e

⁵⁹ *Diário de Notícias*, 31/08/1916.

⁶⁰ *Diário de Notícias*, 30/04/1913, p. 3, 29/12/1920, p. 2.

⁶¹ *Diário de Notícias*, 11/11/1920, p. 2.

mais “que seiscentos [milhões de] mandchurianos e chineses decidirão dos destinos dos brancos na Asia... A civilização européia terá que refluir para além do Mar Morto e do Mediterraneo”.⁶³ Este mesmo jornal publicou uma análise de Benito Mussolini, segundo o qual não existia um “perigo amarelo de natureza politico-militar”, o que havia era uma “concurrência do Japão em todos os mercados do mundo, inclusive da Europa”.⁶⁴ Mussolini apresentava-se como interlocutor do Oriente no Ocidente, da mesma forma que Roma havia sido no passado.

O discurso sobre o “perigo amarelo” tinha então duas vertentes diferentes nas duas primeiras décadas do século XX. Uma era uma suposta inferioridade racial dos “chins”, e por isso devia-se evitar sua imigração para o Brasil. A outra relacionava-se ao desenvolvimento do Japão. Quando o foco deslocava-se da China para o Japão, acentuava-se seu desenvolvimento econômico e a ameaça que isto representava para a hegemonia do Ocidente. Era uma raça “inferior” que crescia e ameaçava a raça “superior”. Nesse sentido o *Diario de Noticias* ironicamente mostrou-se “preocupado” com as pretensões imperialistas do Japão divulgadas pelo sr. G. Kaneshi: “[...] Essas grandes missões que o céu lhe confia, são obrigações naturais que o nosso Imperio saberá cumprir. - Já fica o mundo avisado...”. A missão, segundo o *Diario de Noticias*, seria a de acabar com a dominação dos brancos sobre “os povos de côr, que formam aliás a maior parte da população do mundo”. Além disso, caberia ao Japão moralizar “a civilização materialista do Occidente”.⁶⁵

Tudo isso mostra que a imprensa baiana vivia oscilando. De certa forma ela refletia uma confusão entre nossos letrados, que sentindo-se inferiorizados pelos

⁶² *O Estado da Bahia*, 02/05/1933, p. 3.

⁶³ *Diario da Bahia*, 29/03/1933, p.1.

⁶⁴ *Diario da Bahia*, 22/02/1934, p.8.

“cientistas” europeus e norte-americanos, ora se conformavam com a condição de pertencerem a um país povoado por “raças inferiores”, ora desenvolviam algum otimismo não só em relação ao brasileiro como a outros povos estrangeiros “de cor”, como os asiáticos. Em nenhum momentos, porém o negro era apresentado de maneira claramente positiva. No máximo admitia-se a mestiçagem por representar uma via para o embranquecimento. Este branqueamento às vezes, chegou a ser definido em termos de “raça latina”, que no entanto não abrigaria necessariamente o elemento negro e indígena. O homem latino-americano promovido seria apenas os brancos descendentes dos ibéricos.

⁶⁵ *Diario de Noticias*, 18/02/1936, p. 2.

CAPITULO III

Bahia: estado de harmonia racial

O discurso pró-negro

Quantos podem afirmar em consciencia a virgindade do seu sangue da mescla do sangue negro? Numa terra de mestiços, mais ou menos disfarçados, mais ou menos esbranquiçados, mais ou menos alvejados ou branquejados, quantos poderão fazer da limpeza de raça padrão de glória ou titulo de superioridade?¹

É possível identificar em alguns momentos uma imprensa que se posicionava contra a discriminação aos homens de cor. Esse discurso caminhava no sentido de buscar um lugar para a integração deste na sociedade brasileira, em geral quando fosse um mestiço, com possibilidades de “embranquecer”. A este discurso da integração juntava-se o de uma nacionalidade que era forjada a partir da idéia das origens étnicas dos brasileiros, o que Renato Ortiz e Roberto Da Matta chamam de o mito ou a lenda das três raças, melhor percebido a partir de 1930.²

Nos anos 30 o negro passou a ser visto insistentemente como positivo na formação da sociedade e cultura brasileiras. Neste sentido, alguns intelectuais escreveram nos jornais sobre a história e a cultura dos negros. Isto tinha um

¹ *A Tarde*, 08/10/1921, p. 1.

² Ortiz. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*, p. 38. Roberto Da Matta, *Carnaval, malandros e heróis*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

significado ímpar, posto que representava a difusão de idéias que privilegiavam a cultura do negro, mesmo quando a apresentasse como exótica.

Entre os discursos sobre o negro no mundo, identificamos dois que se sobressaíam nos jornais, um que se colocava contra a discriminação racial do negro e outro que negava a inferioridade racial do povo brasileiro. Ambos eram complementares enquanto formas de pensar o problema das relações entre brancos e negros. Assim, em 1909, o *Diario de Noticias* demonstrava indignação frente ao ato do presidente da República, Affonso Penna, de não permitir que um deputado negro, “Sr.dr. Monteiro Lopes, illustre advogado e cavalheiro estimadissimo”, tomasse posse. O jornal era contundente, duvidando inclusive da pureza de sangue do presidente.

O *Diario de Noticias* apresentava certa “animosidade” em relação ao governo federal, o que explica em parte a reprimenda anti-racista do jornal, o que poderíamos chamar de um anti-racismo de ocasião, oportunista, mas relevante nesta conjuntura.

Dõe-nos trazermos para as vistas do publico um facto que se não fôra a necessidade de ser ferretear o seu causador filaucioso³ devia ficar no dominio do desconhecido, porque envergonha a todos nós que nos dizemos Christão, republicanos e democratas. [...] que implica na usurpação de um direito inalienavel qual o da soberania popular. É preciso que o povo , e todos que habitam esta vasta região americana [...] fiquem sabendo a que ponto pode chegar o orgulho balofo, se não o preconceito maniaco do chefe do poder executivo no Brasil.⁴

O jornal se posicionava contra as práticas racistas, inconcebíveis numa sociedade que se via como democrática e liberal. Segundo ele, a cor em nada importava para o desenvolvimento do país, e que “abram-se as estatísticas e nas columnas destinadas aos

³ Bazofiator, impostor, jactancioso, egoista, presunçoso, vaidoso. In *Grande Dicionário de Sinônimos e Antônimos*, Rio de Janeiro, Ediouro, 1996.

⁴ *Diario de Noticias*, 19/02/1909, p.1 Anexo 5, Ver ainda os dias 18/02/1909, p.3 e 05/03/1909, p.3.

homens de cor ver-se-á o seu elevado coeficiente em relação aos *brancos*: [...] no grau do caracter e nas aptidões intellectuaes será reconhecido o seu valor”. Contudo, “na classificação moral dos homens não entra sinão vagamente como elemento a apurar a variedade e pelle”. Por fim, o jornal perguntava: o “que tem que um negro penetre nos ambientes respeitáveis do Parlamento, se de lá é que tem sahido todas as opressões, todos os favores contra a sua casta?” E a sua resposta vem de forma contundente: “Porque é preto? Ora isso é deshumano, heretico e ante-democratico, além de ser uma prova flagrante do atrazo moral dos nossos dias”. O discurso contra a atitude discriminatória era vigoroso, porém não deixava de sustentar a inferioridade do negro. Ele não poderia “enegrecer” um ambiente com sua presença pois este já era “negro de corrupção”.⁵ Lembremos que o *Diário da Bahia* sete anos antes havia noticiado o episódio do deputado cubano negro, mas agora parecia admitir, segundo o *Diario de Noticias*, que o negro já podia ter poder político sem causar problemas aos brancos.

Em 1910 Silvio Romero, reconhecido homem de ciência, expôs nas páginas do mesmo jornal uma visão positiva frente ao povo brasileiro, sua mistura e a possibilidade de ser no futuro um povo melhor. Para Romero, a raça “ariana, ao reunir-se no Brasil com negros e com índios, proporcionou a formação de uma sub-raça mestiça e crioula, distinta da Europa”. O Brasil distinguia-se da América espanhola de modo positivo, por ter o elemento negro. Para ele, “O povo brasileiro como hoje se nos apresenta, se não constitue uma só raça composta e distinta, tem elementos para acentuar com força e tomar um ascendente original nos tempos futuros. Talvez tenhamos que representar na América um grande destino cultural-historico”.⁶

⁵ *Diario de Noticias*, 19/02/1909, p. 1.

⁶ *Diario de Noticias*, 16/12/1910, P.7.

Qinze anos depois é possível perceber uma posição mais efetiva contra a discriminação, através da publicação da opinião de um “velho jornalista baiano” (que não se identificou), que reclamava da impossibilidade de se matricular meninas negras em algumas escolas particulares. Para ele, “um facto que julgo atentatorio dos mais comuns principios democraticos aberrando além disto, de todo o dever que assiste aos povos adiantados de ministrar instrucção, seja a quem for, sem restrições odiosas, ou preferencias de castas e classes.[...] Toda a pratica que atenta contra os principios da justiça e de humanidade, como essa de recusar instrucção de crianças, sob o fundamento de que elas não são brancas, é uma imoralidade.”⁷

O *Diario de Noticias*, nos anos 20, mostrou-se indignado por causa de dois artigos publicados na imprensa Argentina, um que afirmava ser o Brasil um país de bárbaros, povoado por negros, “macaquitos” “por se vestir como nós, e que pretendem confundir-se com a raça americana”. O jornal anunciava a matéria como “O grande insulto ao Brazil...”, e a reproduziu na integra.⁸ O fato se deu por conta da passagem por Buenos Aires de jogadores brasileiros, alguns negros que participariam do campeonato sul-americano de Santiago. A outra noticia afirmava que o Brasil era o país dos macacos, com “pretensões do imperialismo negro”.⁹ O jornal estava indignado com a forma como o Brasil era tratado de maneira racista pelos argentinos, que consideravam-se superiores aos brasileiros. Em nenhum momento, porém, assumia que o Brasil era realmente um país predominantemente negro, e que isso não era um dado negativo.

⁷ *Diario de Noticias*, 14/05/1925., p. 1.

⁸ *Diario de Noticias*, 17/02/1920, p. 1.

⁹ *Diario de Noticias*, 08/02/1923, p. 1.

Todas essas notícias do *Diario de Noticias* demonstram que este jornal não vinculou uma concepção única ao longo do período, que foi capaz de se posicionar de forma diferente, a depender das circunstâncias.

O *Diario da Bahia* se comportou de modo semelhante. A oposição a possíveis atos de discriminação ia dos argumentos evolucionistas aos culturais. Em 1909 encontramos uma nota, segundo a qual o diretor do Museu de São Paulo, sr. Von Ihring, lançara a idéia de exterminar os índios por achar que atrapalhavam o desenvolvimento da cidade. Sabendo disso, a Congregação do Gymnasio da Bahia reuniu-se, “merecendo sua adesão unanime o ilustre scientista e notavel professor dr. Luiz Anselmo da Fonseca”, para apresentar uma “moção-protesto” contra tal atitude, dirigida ao diretor do Museu Nacional dr. João Baptista de Lacerda. Acrescente-se que à frente dos professores do Ginásio estava ninguém menos que o abolicionista Luiz Anselmo, autor de obra fundamental sobre o abilicionismo na Bahia, publicada em 1887.¹⁰ Os professores concluíram que “não há nenhuma raça humana ineducavel e incapaz de progresso, desde que encontre meios propícios ao seu desenvolvimento...Não existem raças superiores e inferiores, o que há são povos vivendo sob a influencia cultural.” Além disso acreditavam que “as tribus da Africa e da Oceania são familias retardadas, eis ahi tudo. Muito retardadas seguramente e que não poderiam d’um salto transpor a distancia apavorantes que a separa de nós. Mas não são radicalmente incapazes. Devemos ajudal-as e fornecer-lhes os progressos em pequenas doses”.¹¹

Percebemos aqui a adoção do evolucionismo cultural, em oposição ao

¹⁰ Luiz Anselmo da Fonseca, *A escravidão, o clero e o Abolicionismo*, Recife, Massangna, 1988.

¹¹ *Diario da Bahia* 16/04/1909 p.2

determinismo racial, biológico. Ou seja, não existiria desigualdade racial e sim cultural. Era o que Gilberto Freyre acreditava, seguindo Franz Boas. Na Bahia, já se pensava assim 24 anos antes da publicação de *Casa Grande & Senzala*. E antes de Freyre e os baianos, assim pensara Manuel Bonfim.¹²

Na década de 30, por influência das teses de Gilberto Freyre e Artur Ramos, que eram citadas pelo jornal, encontramos uma visão positiva das influências da cultura negra na sociedade brasileira. O *Diario da Bahia* discutiu os acontecimentos e impacto das guerras no mundo africano e asiático, concluindo que os brancos não mais tinham a hegemonia de outrora. No ano de 1935, o conceituado geógrafo Josué de Castro analisava numa longa coluna intitulada “Folk-lore Negro”, a influência dos escritos de Nina Rodrigues, Artur Ramos e Gilberto Freyre na “nova” concepção sobre os negros. Segundo Castro, os “novos estudos de anthropologia processados dentro desse espirito, entre nós vão precisando o papel altamente complexo que desempenhou, na nossa formação, o negro, como elemento ethnico e cultural”.¹³

A partir de 1920, os jornais *A Tarde*, *Diario da Bahia* e *Diario de Noticias* mantinham um discurso, embora hesitante, contra discriminação do negro. Mais uma vez o estímulo veio de fora. Em 1921, um projeto sobre imigração para Mato Grosso, cuja notícia chegou até Chicago, incentivou um grupo de negros norte-americanos a comprar terras neste estado, o que lhes foi negado, gerando uma celeuma diplomática, em que os brasileiros alegavam defesa da soberania nacional. Mesmo com a questão

¹² Ver Manoel Bonfim, *A América: males de origem*, 4ª. ed., Rio de Janeiro, Topobooks, 1993 [original de 1905].

¹³ *Diario da Bahia*, 23/10/1935, p.2.

resolvida, dois parlamentares brasileiros, Cícinato Braga (SP) e Andrade Bezerra (PE) apresentaram um projeto de lei proibindo a entrada de imigrantes negros no país.¹⁴

A imprensa baiana se pronunciou acerca deste episódio. *A Tarde* publicou várias entrevistas nas quais os deputados revelavam suas posições. Notamos que inicialmente o jornal concordava com a posição dos deputados: “a imprensa continua a se ocupar da imigração negra que o sindicato americano pretende fazer no Estado de Mato Grosso, demonstrando os males que della podem advir para o país. Na Câmara dos deputados foi apresentado um projeto proibindo a imigração negra, e sobre elle a reportagem ouviu a opinião de alguns deputados que, como se vê das reportagens abaixo, se manifestaram contra o mesmo”.¹⁵ E seguia revelando o nome e o depoimento dos deputados a favor do projeto. Mas três dias após esta notícia publicou-se um editorial do dr. Maxwell Porphirio, um advogado negro, que lançou o seu protesto contra tal proibição, afirmando que o elemento negro fora retirado pelos portugueses de suas terras e lançado no Brasil, construindo aqui um país. Porphirio falava em nome de sua raça e dava os parabéns aos deputados que foram contra o que ele chamava de “ridículo projeto”.¹⁶

Dois meses depois, *A Tarde* publicava a opinião de Pinto de Carvalho, que também mostrava-se indignado pela forma como algumas pessoas referiam-se aos pretos e mestiços. Argumentava que no Brasil era impossível sustentar-se idéias de pureza racial dos brancos e a inferioridade dos negros. Assim, perguntava: “Quantos

¹⁴ Ver mais informações sobre esta proibição em: Jair de Souza Ramos, “Dos males que vem com o sangue: As representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração na década de 20”. In: Marcos Chor Maio. Ricardo Ventura Santos (orgs.), *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: FioCruz/Ccbb, 1996 pp. 63-64.

¹⁵ *A Tarde*, 05/08/1921, p.3.

¹⁶ *A Tarde*, 08/08/1921, p.1.

podem afirmar em consciencia a virgindade do seu sangue da mescla do sangue negro? Numa terra de mestiços, mais ou menos disfarçados, mais ou menos esbranquiçados, mais ou menos alvejados ou branquejados, quantos poderão fazer da limpeza de raça padrão de glória ou titulo de superioridade?” Além disso deteve-se na idéia de que o brasileiro não poderia esquecer que o negro estava “contribuindo para a organização do nosso paiz, para a nossa independencia, a nossa defeza, as nossas glorias”. Por fim, Pinto de Carvalho se perguntava se alguém ousaria chamar de inferior pessoas como Theodoro Sampaio, Gustavo dos Santos, Juliano Moreira e tantos outros.¹⁷

A nota deixava explicito que Pinto de Carvalho não acreditava ser o negro inferior, muito embora postulasse que a miscigenação atenuasse uma possível inferioridade: “esquecem ou ignoram que ninguém será capaz de seriamente provar a inferioridade da raça negra, principalmente quando *atenuada* pelas gerações no café com leite, menos café ou menos leite, da mestiçagem alastrada”.¹⁸ Nesse sentido o embranquecimento tornaria o homem negro melhor e isso não era necessariamente condenável, porque a idéia predominante era de que o mestiço era a esperança de um futuro mais promissor para a nação. Era de novo Freyre *avant la lettre*. Não havia porque pensar em conviver com o diferente, e os homens de cor eram assim considerados. Os não-brancos teriam na mestiçagem e conseqüentemente no branqueamento, a possibilidade de mudar nas gerações futuras. Dessa forma, em alguns momentos, o discurso pró-negro assumia feições anti-negras por propor a miscigenação como solução. Se dava, assim, um discurso em que apareciam estranhamente aliados o “anti-racismo” e o branqueamento.

¹⁷ *A Tarde*, 08/10/1921, p. 1. Nota em anexo 4.

¹⁸ *A Tarde*, 08/10/1921, p. 1.

Verificamos essas preocupações também no jornal *O Estado da Bahia*, ao comentar em 1935 uma notícia intitulada “Brancuras e Feiuras”, retirada de um jornal londrino, *The News of the World*, que narrava que dois homens negros haviam conseguido ficar brancos. O primeiro no Haiti, um “preto velho” de 73 anos que sofria de asma e após preparar uma bebida com uma folha (desconhecida pelos ingleses) para combater sua doença terminou por ficar cego e branco.¹⁹ Esta notícia sobre o caso de Ismeon David, o “preto velho”, prendeu o interesse do jornal por algum tempo. No ano de 1933, quando Hitler subia ao poder na Alemanha e Freyre publicava *Casa Grande e Senzala*, o jornal comentava ironicamente que a grande questão colocada pela notícia era que, se o negro podia tornar-se branco o preconceito racial e o nazismo não teriam futuro. Além disso, a nota acusava que a formulação de teorias “científicas” que afirmavam a inferioridade do negro só fôra possível porque o branco queria dominar o africano e não por estes serem de fato inferiores.

Para o jornal caberia à ciência encontrar uma fórmula de embranquecer o negro, e dessa forma torná-los iguais aos brancos, mas os cientistas nunca fariam isso porque eram “brancos em sua maioria, e pouco se preocupam com a gente de côr, votando-lhe mesmo absoluto desprezo”. O jornal afirmava com contudência que os brancos haviam inventado uma teoria científica com o fim específico de dominar os negros, “construindo habilidosamente toda uma theoria scientifica, falha em suas conclusões, ridicula em sua concepção perversa, procurando provar que o negro é um ser inferior na escala das espécies, collocando-o fóra da humanidade. E foi assim que se instituiu a escavisação dos pobres africanos”. Por fim, o periódico destacava que quanto ao

¹⁹ *O Estado da Bahia*, 21/07/1933, p. 6.

“progresso intellectual”, o negro não era inferior, “mas tão somente atrasado, uma vez que não lhe foram dados os elementos de progresso que os brancos possuem por circunstancias historicas absolutamente independentes de sua vontade ”²⁰

A nota é uma das mais explícitas críticas da suposta imparcialidade da ciência. Se o branco é valorizado, o negro aparece como tendo desvantagens culturais e não raciais. Ainda não tínhamos chegado à era do relativismo cultural. Estamos em plena fase do evolucionismo cultural, que apesar de estar identificado com Gilberto Freyre, na verdade estava sendo pensado por diversos setores da inteligência brasileira, inclusive a imprensa baiana. Esta, por sua vez, continuava com um pé atrás na valorização do negro, achando muito natural - e até um ótimo projeto científico - que ele optasse por ser branco, mesmo se não pudesse ver o milagre, como aquele velho haitiano que teria ficado branco e cego ao mesmo tempo.

Alguns elementos se impõem na compreensão desse discurso “pró-negro”, dentre eles a conjuntura internacional, mais especialmente o período após a 1ª Guerra Mundial em que a Alemanha foi colocada em evidência no Brasil por sua ideologia arianista, com a qual se intitulava modelo de povo superior, descendente direto dos “ários”. Outro elemento importante era o discurso sobre a democracia burguesa formal e a noção de civilização reproduzido com eficácia pelos jornais. O discurso democrático, universalista na medida que era sinônimo de igualdade para todos, independente da raça, classe social ou religião, terminava por condenar as teorias racistas. Uma igualdade formal que poderia, por um lado, proporcionar a acomodação, e por outro também podia ser usada para conseguir de fato uma igualdade.

²⁰ () *Estado da Bahia*, 27/07/1933, p. 3. Nota em anexo 5

Na maioria das vezes esse discurso “pró-negro” era ambíguo porque, embora condenasse a discriminação, ainda identificava o negro de alguma forma enquanto inferior. Normalmente ele esvaziava a conotação racial das situações que envolviam a população negra, pois as discriminações eram apresentadas sempre como uma questão social. Quando aparecia alguma problema de conotação racial, este era tratado como exceção antidemocrática, não cristã, imprópria à civilização. Assim visto, o discurso da inexistência dos problemas raciais entre nós ganhava mais espaço porque pressupunha uma harmonia e a boa convivência entre negros e brancos.

Ressaltamos que *O Estado da Bahia* era o jornal que tinha a postura mais “pró-negro” que encontramos. Nele encontramos artigos de um grupo de articulistas importantes que estudavam a história e a cultura do negro. O jornal normalmente trazia editoriais e artigos em que o negro aparecia positivamente como integrante na história do Brasil. Por exemplo, foi o jornal que maior destaque deu à realização do II Congresso Afro-Brasileiro, realizado em janeiro de 1937 e organizado por Edison Carneiro, que nele sempre publicava sobre a religião e a cultura negras, como veremos mais adiante.

Outro elemento que gostaríamos de destacar é a posição que a imprensa teve diante das tentativas do negro em organizar-se politicamente. Ao se posicionar sobre o pensamento político de negros organizados, fossem em grupos culturais, agremiações que visassem o poder institucional ou mudanças na qualidade de suas vidas, ela não concordava que estes questionassem, como negros, os poderes constituídos. No entanto, se as propostas de melhorias das condições de vida dos negros fossem complementares e convergissem com os ideais adotados pela sociedade, seriam bem vindas. É neste

sentido que observamos as oscilações no posicionamento da imprensa acerca da criação da Frente Negra Brasileira em São Paulo e na Bahia.

Quando surgiu a Frente Negra, todos os jornais baianos se posicionaram contra esta agremiação. Eles partiam da idéia de que inexistiam problemas raciais no Brasil (muito menos na Bahia!), e assim não se justificava a criação de uma agremiação com o intuito de promover a “raça negra”. Formar um grupo tendo como base a raça era ir de encontro a todo um discurso comum que se pautava numa suposta democracia e igualdade entre as raças. Dessa forma, a criação da Frente Negra revelava-se uma afronta à concepção de harmonia racial.²¹

O *Diario da Bahia* mostrou-se absolutamente indignado com a formação dessa agremiação em Salvador, que para o jornal era uma imitação pura, não só da Frente paulista, mas principalmente das soluções encontradas nos Estados Unidos para os problemas raciais. Assim, ao referir-se a Frente Negra, questionava os motivos da sua fundação “na cidade do Salvador... dizem que é para a defesa da raça. Mas por Deus ! Perguntamos em que a raça está atacada, de que modo, que precisa de defesa? A que se pretende aqui instituir não poderá ser considerada se não como uma imitação da paulista, e esta por sua vez uma imitação infundada da divergencia racial dos Estados Unidos da América do Norte”.²²

O jornal ainda destacava que os homens de cor viviam num “regimen de liberdade e igualdade perante as leis” e que todas as carreiras estiveram sempre franqueadas a todos os cidadãos. É interessante que o jornal conseguisse descobrir os “reais” motivos para a formação da “Frente Negra Brasileira de São Salvador”: “a

²¹ Sobre o assunto, ver também Jeferson Bacelar, “A Frente Negra Brasileira na Bahia”, *Afro-Ásia*, 17 (1996), pp.73-86.

²² *Diario da Bahia*, 19/07/1932, p. 1.

imaginação do brasileiro, está sempre em elaboração, [...] tem a necessidade da invenção de uma causa nova”. E mais, os frentistas podiam ser os responsáveis pelo início do preconceito, daí o jornal pedir que pensassem melhor nos seus objetivos.²³ Ou seja, os negros só criavam uma organização desta natureza porque eles não tinham preocupações reais, daí terem tempo para “imaginar” “coisas”.

O jornal *A Tarde* trilhou o mesmo caminho. As “Frentes Negras” suscitavam “problemas artificiais” e eram uma “impertinencia anacronica”. Para o periódico nada justificava a sua existência no Brasil cinquenta anos após a abolição, principalmente porque o estrangeiro sempre percebeu que aqui os negros podiam atingir os mais altos cargos, só dependendo de sua inteligência e virtude. “Era assim antes de 1888 e assim foi depois.” O jornal prosseguia:

A impertinencia das questões de raças e o espantelhos das “minorias ethnicas”, que horrorizam e desequilibram a Europa, jamais preocuparam os estadistas brasileiros. [...] Somos no mundo um povo nascido e desenvolvido fora do quadro odioso das prevenções raciaes - neste particular superiores aos demais povos A Bahia de Luis Gama, de Montezuma, de Rebouças, de Manoel Querino, de Elias Nazareth, de Theodoro Sampaio não precisa de “Frentes negras” copiadas de outros climas para apresentar ao Brasil a perfeita fraternização dos seus filhos. Os problemas mais lamentaveis são problemas artificiaes.²⁴

Inicialmente o surgimento da Frente Negra, além de sinalizar o vazio do discurso que assegurava haver democracia racial e a igualdade de todos, representava também uma mácula na imagem positiva que o Brasil e a Bahia tinham no exterior, o de lugar que não possuía nenhuma forma de preconceito racial. Isto principalmente frente aos Estados Unidos, que era considerado modelo de civilização, mas que não havia

²³ *Diario da Bahia*, 19/07/1932, p. 1.

²⁴ *A Tarde*, 06/12/1932, p. 1.

conseguido resolver um problema tão “simples” como o de relações raciais conflitivas. Não era permitido aos setores negros da sociedade baiana pensar na questão racial enquanto um problema. Refletir sobre este tema era admitir a sua existência. Aliás, para a imprensa refletir sobre o racismo era criar o racismo onde ele não existia.

Mas essa posição não foi mantida por muito tempo. As reações da imprensa se modificaram, até porque as atividades da Frente Negra não ameaçavam ninguém, nenhuma ordem, nada seria fundamentalmente modificado. Assim, essa mesma imprensa que fora contra o seu surgimento, começou a divulgar todas as suas atividades, que eram devidamente comunicadas aos jornais, com hora e local, sempre objetivando ajudar os homens de cor. A Frente Negra passava a ser vista como benfeitora, promotora de ordem. Em seus anúncios era possível observar esse caráter ordeiro. Para as suas conferências eram convidados “todos os pretos da Bahia, que deverão levar as suas famílias”, o que provava que era um espaço de ordem respeitabilidade.²⁵

O *Diário da Bahia* publicou também sobre as incursões da Frente Negra pela política. Assim entrevistou o seu inspetor geral, Marcos Rodrigues dos Santos, que deixou transparente as suas idéias, dentre elas o combate ao pensamento inicial da imprensa de que a Frente era um “covil de preconceito”. Marcos Rodrigues afirmava que ela vinha para somar, contribuir para que todos amassem o país, reivindicando ainda a adesão à Revolução de 30 e qualificando Getúlio Vargas de um grande libertador do Brasil.²⁶

²⁵ *Diário da Bahia*, 15/12/1932, p. 3, 16/12/1932, p. 2; 10/05/1933, p. 8; 13/05/1933, p. 3; 26/05/1933 p. 2; 30/05/1933, p. 3 e 14/07/1933 p. 2.

²⁶ *Diário da Bahia*, 28/12/1932, p. 3; 21/03/1933, p.2, 23/04/1933, p. 8 e 26/04/1933, p. 3.

Enfim, o pensamento da imprensa ao longo dos 50 anos cobertos por esta pesquisa não foi simplesmente “racista”. A sua complexidade impõe que examinemos suas várias faces, suas nuances. Suas transformações ao longo do tempo. Ao alcançar a década de 30, além de denunciar como aberração o racismo militante, os jornais vão se esforçar por estabelecer a singularidade das relações raciais no Brasil e na Bahia particularmente. É nesse sentido que os Estados Unidos apareciam como o grande pólo oposto ao Brasil nas questões raciais.

Estados Unidos: civilizado ou bárbaro?

Após a 1ª Guerra Mundial, os Estados Unidos passaram a conquistar mais espaço na América Latina, impondo-se como modelo de progresso, democracia e civilização, ao mesmo tempo em que era duramente criticado pelos periódicos por manter uma política segregacionista entre brancos e negros. Por outro lado, reafirmava-se a idéia de que no Brasil não havia imposição de limites ao desenvolvimento do negro na sociedade. O Brasil dificilmente aparecia como tendo problemas raciais, solidificando-se a imagem de sociedade racialmente democrática. Vemos assim a construção de duas imagens, a do paraíso racial instalado no Brasil e a do inferno racial nos Estados Unidos.

Célia Maria Marinho Azevedo sugere que a preocupação em garantir uma imagem de generosidade no trato com o escravo era uma constante entre os

legisladores brasileiros do século XIX, o que contribuiu para a difusão da idéia de democracia racial, muito propagada após as interpretações de Gilberto Freyre sobre a formação da sociedade brasileira, mas já arraigada muito anteriormente nos meios letrados, inclusive, como vimos, a imprensa. Azevedo diz que a memória de um paraíso racial brasileiro fora construída desde o período colonial, afirmando que os abolicionistas da Grã-Bretanha, França e do norte dos Estados Unidos destacaram-se na crítica à escravidão dos Estados Unidos, criando uma imagem profundamente negativa deste país. “Desde as primeiras décadas do século XIX, esses abolicionistas, em suas reuniões periódicas e conexões internacionais diversas, sugeriam que a escravidão do Sul dos Estados Unidos era a pior do mundo, tanto no presente quanto em termos de toda a história da humanidade”.²⁷ Em oposição, o Brasil era exemplo de país escravista que tinha posturas humanitárias frente a seus escravos. Ao contrário dos Estados Unidos, no Brasil da pós-abolição não se criou uma legislação que separasse brancos e negros, o que teria contribuído para a harmonia entre estes.

O Brasil assim se tornou, pouco a pouco, o exemplo de como solucionar os problemas raciais que afligiam outros países, um verdadeiro laboratório de convivência racial pacífica. Este discurso tornou-se comum entre os intelectuais brasileiros, e ganhou grande expressão internacional na década 30, quando antropólogos norte-americanos começaram a estudar como de fato se davam aqui as relações raciais. Foi o caso de Donald Pierson, que entre 1935 e 1937 visitou a Bahia, segundo Arthur Ramos o local ideal para o estudo: “o Brasil já era, aliás, considerado entre os *scholars* americanos, de longa data, um verdadeiro ‘laboratório de

²⁷Célia Maria Marinho de Azevedo, “O abolicionismo transatlântico e a memória do paraíso racial brasileiro”, *Estudos Afro-Asiáticos*, 30, (1996), p. 152.

civilização”²⁸ Ruth Landes, quando chegou à Bahia em 1938, sabia apenas que “a população negra vivia fácil e livremente em meio à população geral”²⁹.

Os americanos vinham “conhecer” aquilo em que a maioria dos letrados brasileiros acreditava e os poderes públicos garantiam ser real. Ao formar e propagar uma imagem de país democrático e civilizado, a elite usava dois discursos, um para ser consumido internamente e outro externamente. Segundo Jair de Souza Ramos a diplomacia brasileira procurava traçar um perfil positivo do Brasil junto ao público europeu e norte-americano com o objetivo de atrair capital e imigrantes.³⁰ Internamente, ela traçava um perfil negativo dos Estados Unidos, que aparecia como país civilizado, porém racista, enquanto o Brasil, em oposição, era o país que resolvia todos os problemas raciais sem conflitos, ou que nunca os tivera. Esta estratégia podia sustentar alguns sonhos brasileiros, ou pelo menos os acalentava.

Na “cobertura” da imprensa baiana, os Estados Unidos oscilavam entre país economicamente desenvolvido e intolerante racialmente, o que provocava um efeito positivo sobre a imagem interna do Brasil. Neste sentido, o *Diario de Noticias* demonstrava indignação ao divulgar o assassinato de um pregador negro, o Rev. William Johnston, pelos agentes de polícia encarregados de acompanhá-lo à cadeia, e “toda a gente de cor da região noroeste do Missouri [sic], Estados Unidos acha-se muito agitada”.³¹ Neste mesmo ano, o *Diario de Noticias* reportava-se a um linchamento de “dois pretos”, Henry Askey e Ed Russ, cujos cadáveres foram queimados. Eles haviam sido “acusados de assaltar a uma menor. Depois da execução chegou-se a conclusão

²⁸ Arthur Ramos, “Introdução” à Edição Brasileira de Donald Pierson, *Branços e Pretos na Bahia. Estudo de Contactos Raciais*, Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1945, p.22.

²⁹ Ruth Landes, *A Cidade das Mulheres*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967, p.3.

³⁰ Ramos, “Dos Males que vem com o sangue” p. 59.

³¹ *Diario de Noticias*, 11/01/1900, p.01.

de que as vítimas pareciam ser inocentes.”³² Mas esta concepção não se restringia apenas aos Estados Unidos. Segundo o *Diario da Bahia*, os americanos brancos em Londres fizeram campanha contra a presença de negros em um hotel da cidade. Foi destacado que o dono do hotel não aceitou tal comportamento dos 68 yankees, os expulsou e, ao final ganhou por seu comportamento uma taça de ouro.³³

Mas os Estados Unidos tinham modelos dignos a serem seguidos. Assim, Booker T. Washington, um educador negro, se elevou como grande exemplo de esforço e progresso racial neste país. Segundo o *Diario da Bahia*, Washington era muito criticado em sua terra por ser negro, o que se supõe que no Brasil, país onde reinava a “harmonia racial”, ele seria tratado de forma diferente. A notícia “O Negro de Cara branca”, apresenta um elemento importante: a surpresa do jornal em saber que um negro sentara-se “como se fosse branco” ao lado de Theodore Roosevelt, presidente de uma nação que vivia sob regras raciais rígidas.

Mas era explícito no relato que a Booker Washington era permitido participar do convívio de alguns brancos ilustres por ser um negro também ilustre, o que não acontecia ao negro comum. Assim, para ser aceito numa sociedade de ideais brancos, o negro precisava superar a média da população e alcançar um topo imaginário que o colocasse acima da maioria, podendo ser aceito com alguma “igualdade” pelos superiores brancos. Além disso, era fundamental que não subvertesse diretamente os limites impostos pela sociedade, que por hora o aplaudia.

O *Diario da Bahia* não só publicou esta nota, como serializou em suas páginas a tradução brasileira de “*Up from Slavery*”, livro de memória de Booker T.

³² *Diario de Noticias*, 06/08/1900, p.2.

³³ *Diario da Bahia*, 17/12/1901, p. 1.

Washington, que havia sido lançado nos Estados Unidos no ano anterior.³⁴ Este é um dado importante: um ano apenas separa a primeira tradução brasileira da obra de sua edição original. E foi um jornal que o publicou. O que foi que o *Diario da Bahia* viu de tão interessante nesta autobiografia? É simples: trata-se de história de um negro que seguia à risca as regras do mundo branco, negro honesto, modesto, cordial, humilde, que lutou para subir e, tendo progredido, buscou fundar uma instituição que promovia a educação *profissional* dos negros. Ou seja, treinava os negros para serem bons operários, não intelectuais, políticos, profissionais liberais. Washington era o tipo de negro ideal para o Brasil, para a Bahia em particular.

Vale ressaltar que um compatriota contemporâneo de Booker T. Washington, W.E.B. Du Bois, que também lutava pela causa negra e já tinha nesse período sua obra publicada, não ganhou referência dos jornais baianos. Diferentemente de Washington, Du Bois preocupou-se em desenvolver “líderes raciais” que tivessem preocupações mais amplas, que pudessem pesquisar os vários aspectos da vida dos negros, influenciando politicamente no seu cotidiano, Washington estava mais preocupado com o cotidiano. Ele pregava a ascensão social, política e intelectual dos negros nos Estados Unidos.³⁵ Washington se adequava muito mais à ordem que Du Bois, portanto era o mais “bem vindo” à Bahia.

O *Diario da Bahia* de 1903 fez uma crítica à noção de igualdade dos Estados Unidos comparando-a com a organização social dos romanos, na qual havia uma rígida

³⁴ *Diario da Bahia*, em 22, 23, 25, 27, 28 de março e 01, 03 de abril de 1902. O livro autobiográfico de Booker T. Washington foi publicado no Brasil em 1940, pela Companhia Editora Nacional, com tradução de Graciliano Ramos

³⁵ August Meier, Elliott Rudwick, Francis L. Brodericck, *Black Protest Thought in The Twentieth Century*, Indianapolis e New York, The Bobbs-Merril Company, INC., 1965, pp. 37-47. Ver também Jonh Hope Franklin e Alfred Moss Jr, *Da Escravidão à Liberdade: a história do negro americano*, Rio de Janeiro, Nórdica, 1989, pp. 264-268.

separação entre nobres, patricios e plebeus, da mesma forma que naquele país havia entre brancos e negros. Destacava o comportamento do presidente Theodore Roosevelt como uma exceção, por ter recebido Booker T. Washington.³⁶ Uma outra notícia publicada pelo *Diario de Noticias*, em 1906, antecipava a mesma idéia ao noticiar um conflito ocorrido em Atlanta entre brancos e negros, com grande número de mortos e 250 negros presos.³⁷ E assim a imagem de um país preconceituoso e que discriminava os seus negros se fortalecia.

Em 1913, este mesmo jornal voltaria a falar do assunto: “Nos Estados Unidos a antipatia do branco pelo negro é hoje mais viva do que nunca a extende-se a quem tenha nas veias sequer uma proporção mínima de sangue africano.”³⁸ O *Diario de Noticias* destacou que os negros não eram aceitos em alguns locais, como hotéis, ou quando aceitos precisavam ficar longe dos olhos dos hóspedes brancos, diferentemente do que ocorria no Brasil. Sua principal referência era a Booker T. Washington e Alexandre Dumas, pessoas que, embora respeitáveis, não podiam circular nos mesmo ambientes que os brancos. Citava o caso envolvendo Booker T. Washington e seu copeiro-mor, um índio, que foi aceito para jantar num salão e ele não. Já Dumas fora informado de que não poderia comer no mesmo espaço que os brancos e aceitou a regra, mas durante o jantar chamava a todo o momento o seu criado, que era branco, para que o servisse, fazendo com que todos vissem um branco servindo a um negro.

Não bastava traçar um perfil dos Estados Unidos como país racialmente intolerante, era importante conhecer a sua história para que se observasse o quanto ele diferia do Brasil. Assim, o *Diario da Bahia* deteve-se especialmente “sobre a

³⁶ *Diario da Bahia*, 15/01/1903, p. 2.

³⁷ *Diario de Noticias*, 05/10/1906, p. 5.

³⁸ *Diario de Noticias*, 22/05/1913, p. 3.

psycologia da raça negra”, discutindo a economia, as diferenças entre os estados do Norte e do Sul, o impacto da liberdade sobre os negros, suas dificuldades nos aspectos legais enquanto cidadãos, principalmente em relação ao direito de eleger e ser eleito, apontando também que mesmo em áreas com forte presença negra, a maioria dos líderes políticos era branca, façanha conseguida através de fraudes.³⁹ Os Estados Unidos, que eram comumente identificados como um país politicamente democrático, tinham uma outra face mostrada pelos jornais baianos.

O jornal *A Tarde* também contribuiu para compor este quadro. Em 1920 anunciou a vinda de uma embaixada de bispos e professores negros de férias que se hospedaram no hotel Sul Americano. Eles passearam pela cidade observando suas belezas naturais e, conforme o jornal, “na rua despertam a atenção geral, com a sua estatura de gigantes, sempre rindo de ‘Kodack’ em punho. São todos pretos; vieram para aqui no ‘Manaus’ do Rio de Janeiro [...] enormes e sorridentes”.⁴⁰ A nota sugere que todos estavam satisfeitos por andar numa cidade onde podiam hospedar-se e circular livremente, e que ficava transparente que este era um país diferente do deles. O jornalista fez questão de salientar que todos eram pretos, numa referência direta às boas relações raciais na Bahia. Obviamente não ocorreu ao jornalista refletir sobre o fato de que não tínhamos bispos negros no Brasil.

No ano de 1925, o jornal reafirmava a visão dos Estados Unidos enquanto região de conflito racial ao dar ênfase ao esforço de alguns homens para superar as dificuldades e conseguir espaço naquela sociedade. Assim é destacado o caso de George, o primeiro negro a eleger-se juiz em Chicago:

³⁹ *Diário da Bahia*, 12/03/ 1922, p. 1.

⁴⁰ *A Tarde*, 17 e 20/08/1920, p. 1.

Muito embora a luta entre a raça branca e a negra e mesmo a mestiça seja encarniçada, aqui nos Estados Unidos, tendo sempre ganho a causa branca, podemos de quando em vez registrar casos onde a raça negra, por um esforço inaudito de alguns homens de cor inteligentes e intemeratos, consegue ganhar vitória, sendo este facto muito simpático para os logares onde se verifica, pois a justiça é sempre bem recebida quando se apresenta. [...] O juiz George formou-se na Universidade de Northwestern em Evanston e nasceu na cidade de Washington.⁴¹

Esta nota expressava mais uma vez o pensamento liberal, que atribui ao esforço individual o sucesso ou o fracasso. George tornou-se juiz por sua inteligência, mas aos supostamente menos inteligentes nada restaria a não ser continuar a perder lugar para os brancos. De novo, o jornal não conseguiu identificar um juiz negro entre os magistrados baianos.

Este mesmo jornal, no ano seguinte, 1926, noticiava um outro momento de exceção nos Estados Unidos: a existência de uma universidade só para negros, a “Howard University - a universidade dos negros”. O correspondente não foi identificado. Sabemos apenas que era um advogado que frequentou a escola de Recife, e que descreveu minuciosamente a sua estada nos Estados Unidos, onde teria visitado grande número de universidades. Traçou duras críticas aos brasileiros que, diferentemente dos norte-americanos, não investiam em educação. Falou principalmente contra o hábito dos indivíduos, quando podiam, de colocar os filhos em posição em que não precisassem trabalhar, ou que ganhassem fácil, às custas do Estado.⁴²

O autor, ao refletir sobre a precariedade da educação no Brasil, destacou que nos

⁴¹ *A Tarde*, 20/01/1925, p. 3.

⁴² *A Tarde*, 04/08/1926, p. 1.

Estados Unidos, até os negros organizavam-se em prol da educação, através das “duzentas e tantas sceitas em que se divide o protestantismo na America do Norte”, para fundar “um seminário para a educação de jovens e especialmente de pretos”, que transformou-se em “Collegio - o que no Brasil significa Faculdade”, e depois em Universidade. O artigo prossegue falando de Howard, de seus cursos, comparando-os com os do Brasil, o de Medicina, Farmácia, Odontologia, principalmente o de Direito de Recife e de São Paulo, que segundo o autor só se propunham a aulas teóricas. Enfim, o correspondente chegou à conclusão de que muitos brancos do Brasil não possuíam o que possuíam os negros norte-americanos. Por fim, conclui “que o negro não é tão infeliz, como parece, nos Estados Unidos da América do Norte”.⁴³ Assim, o jornal contestava a idéia de que só reinavam injustiças nas relações raciais entre os norte-americanos, que o inferno racial podia não ser tão infernal como se pregava no Brasil.

Foi sugerido pelo correspondente que os Estados Unidos tinham problemas raciais, mas mesmo assim os negros conseguiam organizar-se para ter oportunidades. Diferentemente da nota anterior, os negros conseguiam vencer coletivamente, apesar do autor estar mais preocupado com a inferioridade da educação no Brasil. Mesmo com notícias como estas, não houve questionamento quanto à inexistência de centros que proporcionassem aos negros baianos as mesmas possibilidades de progresso. Na Bahia não havia “graves problemas raciais,” talvez por isso não precisassem de uma universidade para negros...

O jornal tanto podia afirmar que havia algumas possibilidades de crescimento para os negros americanos, como podia ridicularizá-los por qualquer atitude ou ato que

⁴³ *A Tarde*, 04/08/1926, p. 1.

indicasse independência. Não havia uma imagem única. Em 1925 *A Tarde* transmitiu uma notícia de forma a deixar perceptível que achava inconcebível o que desejavam fazer os participantes de um congresso que reunia negros em Nova York:

Um Christo de cor de carvão? É o que querem os pretos dos Estados Unidos.

[...] Os congressistas decidiram que os crentes de cor devem ter nas igrejas o Christo, a Virgem e os Santos todos negros e que pretos devem também ser os Moisés, Darios e Salomão nas reproduções das edições “negras” do Velho e Novo Testamento. Asseguram os negros eruditos que tais modificações não falseiam, antes restabeleciam a verdade histórica e desde esse momento os pretos desenhistas, pintores e escultores se esforçam para buscar documentos e realizar a transposição para a ordem negra, de todas as figuras da História Sagrada [...]⁴⁴

Dois elementos podem ser destacados: a possibilidade do Cristo ter sido negro e a possibilidade desta hipótese vir a ser levada a sério. O jornal não parecia estar convencido de nenhuma, por isso a interrogação irônica. O “Cristo cor de carvão” era uma denominação pejorativa com a qual referia-se à proposta. Se a maioria da população negra parecia, de uma forma ou de outra, buscar cada vez mais estar integrada ao mundo dos brancos, estes congressistas subvertiam o *status quo* ao buscar uma ancestralidade cristã negra como forma de estabelecer uma identidade étnica. Eles não pareciam estar buscando uma integração no mundo dos brancos. Essa idéia representava a separação entre negros e brancos dentro de uma concepção religiosa que pressupunha que perante Cristo todos eram irmãos e iguais. Então, para além das questões sociais, os negros estariam separados também no plano espiritual. Esse tipo de investimento na identidade não era interessante ser promovido no Brasil, porque

⁴⁴ *A Tarde*, 19/01/1925, p.8.

poderia redundar num acirramento das nossas relações raciais, que eram concebidas como muito boas.

Em 1932 o *Diario de Noticias* preocupou-se em demonstrar a permanente animosidade entre brancos e negros nos Estados Unidos ao anunciar a condenação de sete pretos à morte por terem assaltado duas moças brancas em Scottsboro, Alabama.⁴⁵ Já em 1933 o *Diario de Noticias* e *O Estado da Bahia* publicaram, com diferença de dois dias, a mesma notícia. As preocupações que detectamos na nota “Preconceitos de cor”, sobre os Estados Unidos, diziam respeito ao repúdio à mestiçagem. Noticiava o caso de uma mulher branca casada e “honestas” que fora rejeitada pelo marido por ter tido um filho com traços negros. Ele pediu o divórcio por adultério para não ter que “revelar a humilhação de ter se casado com uma mestiça. Tal o preconceito da côr, entre os americanos, sentimento contra producente e absurdo do qual zombam as leis sociaes e humanas”.⁴⁶

O *Diario da Bahia* em 1933, caracterizou muito bem os Estados Unidos enquanto país que era um misto de civilização e progresso e de negação disso tudo:

A ira dos Brancos contra um Negro

O negro estadunidense George Crawford assassinou a sra. Agnes Isley que era branca. O povo americano do norte dentro do seu progresso espantoso, dentro de sua civilização assombrosa, desejou o linchamento do miseravel. Queriam eliminal-o em plena rua. [...] deixando a sala do tribunal fortemente scoltado por policiais armados de rifles e bombas lacrimogeneas, para evitarem que a multidão colerica linche o criminoso.

A multidão, nesse momento gritava: - lincha o negro!

Isso no país da maior projecção civilizadora!”⁴⁷

⁴⁵ *Diario de Noticias*, 17/10/1932, p.3.

⁴⁶ *Diario de Noticias*, 29/05/1933, p 2 e *O Estado da Bahia*, 27/05/1933, p. 2.

⁴⁷ *Diario da Bahia*, 20/12/0933, p 8.

No ano seguinte o jornal voltou a noticiar o mesmo caso, agora para comentar a formação do corpo de jurados, composto exclusivamente por brancos. Para o jornal não haveria imparcialidade para decidir “a sorte do criminoso preto”. E sugeria que provavelmente Crawford fosse condenado, não por ter cometido um crime, mas por ser negro.⁴⁸

A “humilhação da raça negra” foi objeto de reflexão do *Diário da Bahia* em 1935, com a publicação de uma entrevista de Paul Robeson, “célebre cantor negro” norte-americano feita por um jornalista inglês. Robeson falou dos os problemas raciais de seu país. Ele denunciou, por exemplo, a parcialidade da justiça americana quando o réu era negro, dando como exemplo o caso de nove rapazes negros de Scottsboro, acusados de violar duas mulheres brancas e condenados à morte, que estiveram na iminência de serem linchados, um caso bastante célebre nos anais da violência racial nos Estados Unidos.⁴⁹ Esta notícia já tinha saído na imprensa baiana três anos antes, como vimos acima. Segundo o jornal, tal ato não era admissível “num país civilizado como os Estados Unidos”. Robeson destacou o desrespeito aos direitos humanos e direitos políticos dos negros, fazendo críticas à classe média negra, que a todo custo tentava assimilar-se aos brancos. Citou o exemplo de “um rico comerciante negro que fez fortuna inventando um meio de alisar os cabelos encarapinhados. Nossos escritores, nossos pastores tendem todos para a assimilação pois são os que mais sofrem do complexo de inferioridade. Os negros pobres imitam os ricos, porém estes não são felizes. Mal um negro enriquece torna-se alvo do odio e da inveja. Se um branco insulta

⁴⁸ *Diário da Bahia*, O Jury do Negro Crawford. O corpo de jurado constituído por brancos decide a sorte do criminoso preto. 06/02/1934, p 1.

⁴⁹ O episódio aconteceu em 1932 e ocasionou uma campanha, que ganhou expressão internacional, à qual estava associado o Partido Comunista, do qual fazia parte Paul Robeson. A Suprema Corte americana

um negro na rua e este reage, está arriscado a ser lynchado e depois propagarão que um negro tinha atacado uma mulher branca”.⁵⁰ Afirmou ainda que nos estados do norte, apesar de não haver uma perseguição tão grande quanto no sul, os intelectuais negros suprimiam de seus jornais todas as formas de expressão da cultura negra, em favor da cultura branca. Havia também várias barreiras quando o negro tentava trabalhar em profissões que não eram artísticas.

As artes, os esportes e os trabalhos não especializados pareciam ser as únicas opções de sobrevivência dos negros dos Estados Unidos. Nestes campos eles podiam ser até respeitados. O que não acontecia em profissões em que pudessem ameaçar o lugar dos brancos. O boxe era um bom exemplo das possibilidades de ascensão do negro. No esporte muitos negros americanos podiam ganhar fortunas, mas nem por isso eram mais aceitos socialmente, era o que sustentava *O Estado da Bahia* ao noticiar que os americanos brancos preferiam, ver a vitória do alemão Max Schmelling do que a do negro Joe Louis.⁵¹ Como se sabe Louis ganhou uma luta memorável. Anteriormente o jornal já havia destacado que também não ficavam nada felizes ao saber que os atletas negros Louis, Jacobs, Owens e Peacock tivessem sido os que mais se destacavam no esporte.⁵²

Vimos assim, ao longo deste capítulo as muitas formas adquiridas por um discurso veiculado pela imprensa que construía a imagem de que o Brasil, e a Bahia em particular, não tinha problema racial. Os jornais abraçaram a valorização do elemento negro sobretudo a partir da década de 30, mas as sementes dessa atitude já haviam sido

considerou o julgamento do Tribunal do Alabama viciado, mas o novo julgamento resultou em sentenças de até 97 anos de prisão. Ver Franklin e Moss Jr., *Da Escravidão à liberdade*, p. 364.

⁵⁰ *Diário da Bahia*, 18/08/1935, p 1.

⁵¹ *O Estado da Bahia*, 23/06/1936, p. 6.

⁵² *O Estado da Bahia* 14/01/1936 p 5.

lançadas desde o início do século XX. Em muitas ocasiões, como apresentamos, a imprensa se antecipou na divulgação de teses que só seriam sistematizadas a partir dos trabalhos de Gilberto Freyre, Artur Ramos e Edison Carneiro. Isso mostra que estes autores, sobretudo Freyre, já viviam num ambiente intelectual propício à disseminação de suas idéias, e neste sentido a ruptura “epistemológica” freqüentemente atribuída a eles deve ser no mínimo discutida com mais atenção.

Até a comparação das nossas relações raciais com as dos Estados Unidos, exercício tão comum na obra de Freyre -que sempre concluiu favoravelmente ao Brasil-, até isso já estava na agenda da imprensa baiana, e provavelmente de outros estados. Assim, a ideologia da democracia racial não foi nem invenção de Freyre, nem surgiu na década de 30. Sua história é mais profunda, e provavelmente vai até além da imprensa, mas esta certamente estava em melhor posição para divulgá-la do que massudos volumes de interpretação do Brasil.

Capitulo IV

Imagens da África na Bahia

“A Africa é todo um armazem completo e sortido de possibilidades e de forças potenciais para a Europa, que do ponto de vista geographico foi tão desfavorecida”.¹

África: terra de selvagens

Este é um capítulo curto, feito apenas para mostrar que a construção de uma imagem do negro pela imprensa baiana não podia deixar de lado a imagem criada por ela sobre o continente de onde foram arrancados os ancestrais do negro brasileiro. Como em outros assuntos, aqui também os jornais oscilavam, mais predominava uma visão da África como continente selvagem, habitado por povos semi-bárbaros. Evidentemente sobrava algo dessa visão para os negros baianos.

A partir da década de 1880 a África passou por mudanças drásticas, que alterou não só a política interna das diversas regiões, mas a economia, a cultura, a religião e toda uma forma de vivenciar o mundo. Essas transformações se intensificaram a partir da ocupação e posterior colonização pelas potências imperialistas, embora as modificações tivessem sido iniciadas bem antes, no período da expansão europeia. Para termos uma

¹ Assis Chateaubriand. *O Estado da Bahia*, 30/09/1936, p. 2.

idéia da presença europeia ostensiva, em 1914 só a Etiópia e a Libéria não estavam sob o controle direto dos colonialistas europeus.²

Na Bahia, a África foi alvo do interesse dos jornais locais. As suas características mais destacadas eram a ausência de progresso e civilização, sempre entendido à luz da noção de civilização europeia. Neste período contabilizamos algumas guerras em território africano, o que explica, em parte, o interesse demonstrado pelos jornais. Entre os anos de 1897 e 1900 houve a guerra anglo-boers, na África do Sul, fartamente noticiada pelos jornais. Já entre 1903 e 1907 registraram-se várias lutas por territórios em algumas partes da África. Portugueses, alemães ingleses e franceses, entre outros, lutavam para conseguir apossar-se de terras africanas. Já entre 1935 e 1936, a Etiópia foi invadida pela Itália. A África era considerada pelo europeu como um grande “armazém completo e sortido”, pronto para ser devidamente “cuidado”, um armazém cujos donos eram selvagens e portanto não aptos a “cuidar” sozinhos de si, necessitando do auxílio de alguém experiente, civilizado e que pudesse usar corretamente aqueles recursos. Por isso deveriam ser submetidos. Essa visão era moeda corrente até entre as esquerdas europeias. Charles Letourneau era um sociólogo francês de esquerda que considerava os africanos como, segundo Renato da Silveira, “raças superticiosas, infantis, animais, despóticas, ignorantes e cruéis”³

Havia duas implicações práticas a partir dessa concepção de africano selvagem, uma delas relacionada diretamente à noção de inferioridade racial e o conseqüente

²Alberte Adu Boahen, “A África diante do desafio colonial”. In Albert Adu Boahem (org.), *História Geral da África. A África sob a dominação colonial, 1800 -1935* São Paulo, UNESCO/Ática v. VII p. 25.

³Renato da Silveira, “Os selvagens e as massas”, p. 121. Todo este artigo de Silveira é importante para avaliar o pensamento racista europeu sobre a África nesse início de século.

direito e missão dos superiores europeus reverter tal situação, ocupando e colonizando o continente africano. Para os jornais baianos, em geral, ocupar e colonizar eram atos naturais plenamente justificáveis frente à necessidade de dotar os africanos de um mínimo de “civilização”, que era para os jornalistas da Bahia a melhor maneira de viver. Mesmo que em alguns momentos houvesse dificuldade nessa empreitada, a persistência no final garantiria o sucesso dos objetivos. O *Diario de Noticias*, no ano de 1899, falou por exemplo das tentativas dos europeus de civilizar os habitantes do Congo. Vejamos:

“Antropophagia

Em muitas tribus congolesas pratica-se a antropophagia, que os curôpeus não puderam ainda extinguir, apesar de todos os esforços empregados.

Os belgas estabelecidos na Africa Central têm trabalhado muito para a desapareição de tão barbaro costume, mas pouco ou nada tem conseguido. Parece que para satisfazerem o seu appetite e para arranjamem ‘provisões’ os chefes dessas tribus antropophagas ditam leis terriveis. [...] A execução do sentenciado é rodeada de grande aparato Dança-se, canta-se, etc, e em seguida é cortada a cabeça da victima. Com sangue derramado é unguido a cabeça do rei, para que sejam augmentadas as suas virtudes, e em seguida a victima é posta a assar, e servida depois num banquete que os chefes offerece aos seus guerreiros.⁴

Selvagem e civilizado se opõem. O ritual antropofágico envolvendo dança e canto eram exemplos eloqüentes da barbárie. Apesar dos europeus serem apresentados enquanto pessoas apropriadas para educar os negros, não conseguiam acabar com tais práticas. O historiador português Oliveira Martins acreditava ser ingenuidade pensar na possibilidade de educar os negros, afirmando que “o poético plano de educação dos pretos seduz hoje em dia os animos entusiastas que, não o podendo conceber já com as velhas religiões,

⁴ *Diario de Noticias*, 31/08/1899, p.2.

maginam fundar novos cultos philanthropicos”. E mais: “Toda a história prova, que só pela força se educa os povos bárbaros”, atitude absolutamente lícita para civilizar os africanos.⁵ O jornal estava assim, afinado com as teses racistas que circulavam entre intelectuais lusos.

Dez anos depois outra mensagem no *Diario de Noticias*, na coluna “Distracções”, referendava a idéia do africano enquanto selvagem. Tratava-se de um suposto diálogo “entre um missionario inglez e um selvagem, nos sertões da Africa”:

- _ Mas, afinal, de quaes gostam você mais: dos engleses ou dos portugueses?
- _ Oh! Muito mais dos engleses ...
- _ Eu logo vi!
- _ Os engleses tem outro sabor, e a carne é mais clara e mais tenra ⁶

Esta nota, uma piada explícita, colocava, de um lado, o branco civilizado, e do outro, o africano canibal. Interessante é observar que o missionário não se surpreendeu pelo fato do ‘selvagem’ preferir comer o inglês ao português, ficando implícito que o inglês se constituía num grupo superior aos portugueses. As piadas sobre os portugueses parecem ter tido eco na sociedade baiana, haja vista a predisposição dos brasileiros em desdenhar dos primeiros. O português, além de ter sido o colonizador de nosso país, era visto como inferior ao inglês, que colonizou os Estados Unidos, “país civilizado”. O certo é que o inglês era um povo ‘melhor’, até pelo sabor de sua carne. A piada surte efeito racista num contexto em que havia uma maioria de afro-descendentes, que podiam facilmente

⁵ J. P de Oliveira Martins, *O Brazil e as Colonias Portuguezas*. 5ª ed. Lisboa, Parceria: Antonio Maria Pereira, 1920., p.283.

ter sua imagem associada à selvageria.

À imagem de selvageria acrescentava-se o discurso da semelhança com os animais. Em muitos momentos verificamos na imprensa uma desumanização da imagem do africano e algumas vezes isto se verificou em relação ao baiano negro. Em 1907, o *Diario de Noticias* registrou uma conferência proferida pela Sociedade Africanista de Londres, com fotos de pigmeus. A notícia deixava transparente que estes fugiam assustados dos brancos e “que trepam e saltam de ramo em ramo com a mesma agilidade dos macacos [...] quando não empregam o seu tempo na caça ou colhendo fructos ou procurando mel nos troncos, está dormindo ou dansando. O baile é a sua diversão favorita e nellas tomam parte mulheres e crianças”.⁷ Embora não se cogitasse diretamente o seu caráter animalesco, os pigmeus foram descritos como os que fugiam assustados como animais ou pulavam como macacos. A dança parecia um dos poucos elementos de humanização encontrados neste povo. Os Pigmeus e outros africanos eram visto como exóticos, que viviam à beira da animalidade.⁸

Como seres que viviam no limite entre humanidade e animalidade, os africanos tinham problemas com a administração de sua alimentação, tanto com a falta como com a fartura de alimentos, do que se concluiu que não tinham competência para sobreviver sozinhos. A falta de comida foi registrada em 1904 pelo *Diario de Noticia*, que afirmava ser grave a situação de fome e mortandade na África Meridional, o que consternava a opinião pública inglesa! O jornal mostrava-se preocupado sobre quando chegaria ajuda

⁶ *Diario de Noticias*, 6/04/1909, p.2.

⁷ *Diario de Noticias*, 09/10/1907, p.1. há uma outra nota semelhante no *Diario da Bahia*, 23/11/1920, p.1.

⁸ *Diario de Noticias*, 28/12/1910, p.5.

para os “pobres” africanos.⁹ Neste mesmo ano reclamava da atitude destes de não serem comedidos com a alimentação, reportando-se a um missionário na África que reclamava da forma como os africanos esbanjavam comida e que por isso muitos morriam de fome. Segundo o missionário não havia o que fazer, porque “é impossível recomendar ao preto que seja poupado e que pense o ano seguinte, que pôde não dar nada [...] enquanto há barriga farta, mapira, milho, amendoim tudo há de ser comido de empreitada.”¹⁰ Falta ou fartura, ambas tinham que ser administradas por europeus, cuja tutela tornaria possível ao africano sobreviver.

Uma outra grande prova de incivilidade era o hábito da poligamia, segundo o *Diario de Noticias* “um grande obstáculo á civilização: tirar o preto deste costume degradante de se casar com quatro, cinco, e as vezes dez e quinze mulheres”.¹¹ Dessa forma, para a imprensa a conquista da África pelos brancos salvaria os negros das práticas selvagens tão comuns entre eles.¹² A imprensa baiana justificava, numa terra de negro como era a Bahia, o colonialismo europeu na África.

África: terra de aventuras e conquistas bem-vindas

⁹ *Diario de Noticias*, 16/03/1904, p. 2.

¹⁰ *Diario de Noticias*, 10/11/1904, p.3.

¹¹ *Diario de Noticias*, 10/11/1904, p. 3.

¹² *Diario da Bahia*, 16/05/1936, p. 8. O jornal fala dos habito que os congolezes tinham de resolver problemas com a justiça aplicando no réu um veneno Segundo o periódico, os europeus tentaram acabar com estes hábitos, mas “os congolezes transferiram a cerimonia para o interior das mattas, que abrigam mysteriosas tragédias”.

Diante do espírito audaz dos europeus, a África se apresentava como a terra para os exploradores, desbravadores, aqueles que se aventuravam numa terra cheia de sol, quente, com matas “virgens”, com grandes animais, uma terra exótica. Seus habitantes não contavam, não constituíam problema algum, já que era fácil para seus “donos” civilizados simplesmente ignorá-los ou convencê-los mansa ou violentamente.

Aqui podemos detectar três elementos importantes quanto às visões que se faziam da África: o primeiro relacionava-se com a idéia de terras prontas para serem ocupadas, com guerras se preciso fosse; o segundo relacionava-se às benesses que os brancos trariam a seus habitantes; e o terceiro às possíveis resistências que os habitantes ofereceriam ao avanço da civilização. Com uma mentalidade típica de colonizador, a imprensa da Bahia divulgava esta visão entre seus leitores.

Neste período foram anunciadas diversas viagens cujo objetivo era conhecer esta vasta terra selvagem. As viagens de exploração eram normalmente apresentadas de forma a evidenciar o atraso dos habitantes locais e mostrar as mudanças que os europeus impuseram a estes, melhorando suas vidas. Em 1909, o *Diário de Notícias* anunciava a travessia da África a carro do tenente alemão Gaetz, uma grande demonstração do progresso tecnológico dos brancos, mesmo que no final das contas o automóvel tivesse sido atrelado e puxado por dois camelos, por falta de gasolina. Mas o maior destaque do jornal era com relação aos obstáculos enfrentado pelo aventureiro: “selvagens, montanhas, espessos bosques, em que pululavam as feras”.¹³ O africano aqui vira parte

¹³ *Diário de Notícias*, 12/02/1909, p. 7.

da fauna, da flora e da paisagem natural africana, tudo ali pronto para ser superado pelo arrojo e a inteligência de um branco alemão.¹⁴

Cerca de vinte anos depois, o mesmo jornal passou dois meses publicando longas cartas de um correspondente, um certo F. de Sant'Anna, provavelmente português, que passou aos seus leitores suas impressões sobre a África, sob o título de “A minha sétima viagem”. Nos seus artigos destacava as melhorias que os europeus haviam trazido para as cidades que os “recebiam” e as condições melhores de vida dos seus habitantes, mostrando que havia semelhanças entre estas cidades e as da Europa. Para exemplificar apontava a Adderley Street em Capetown, na África do Sul, “uma das mais belas avenidas de Captown, que rivaliza com as mais bellas arterias urbanas europeias”.¹⁵ Ou ainda, quando reportava-se a outras duas cidades da África do Sul, Johannesburg, onde “quem vive não se lembra das grandes cidades da Europa e da America.[..] [com] vida nocturna agitada, seu povo é muito alegre, comunicativo e hospitaleiro”; e Pretoria, também uma cidade moderna, mas com grande número de negros que, apesar de terem uma vila separada para eles, ficavam nas ruas em grupos conversando em seu idioma. Para F. de Sant'Anna, “é muito desagradável e forte o cheiro que se sente ao passar por um desses grupos...”.¹⁶ Sem comentários...

E nesta mesma linha o autor fala de Moçambique e a sua “bella capital Lourenço Marques [...] que faz o orgulho da capital da África Portuguesa”, ressaltando entretanto o hábito negativo que os homens tinham de casar com várias mulheres,

¹⁴ *Diario da Noticias*, 12/02/1912, p. 3.

¹⁵ *Diario de Noticias*, 03/09/1927, p. 2.

¹⁶ *Diario de Noticias*, 10/09/1927, p. 2.

contanto que pagassem o 'lubollo', o dote, para a família da pretendida.¹⁷ De todas as cidades por onde passara o correspondente, ele falou das maravilhas que os europeus nelas construíram e de como viviam os "pretos nativos selvagens em grosseira e repugnante promiscuidade".¹⁸ F. de Sant'Anna esteve em Beira, distrito de Moçambique, Dar Es Salaam capital da Tanganika, que era possessão alemã, Zanzibar, Pemba e Lamu. Sobre Zanzibar afirmava ser "muito quente, [com] ruas estreitas e sujas e os seus habitantes, maltrapilhos, com physionomias hediondas, de metter medo, ao fixal-as".¹⁹

Como vimos a imprensa partia do principio da legitimidade/naturalidade da ocupação europeia da África.²⁰ O máximo que ela criticava era o método de conquista, mas a própria violência colonial em si não era contestada. No afã de levar o progresso do mundo europeu aos "indigenas", os europeus cometeram arbitrariedades, plenamente justificáveis na visão da imprensa.²¹ Na tentativa de explicar determinados atos, os jornais buscavam os culpados ou possíveis situações causadoras de conflitos. Às vezes a culpa das lutas entre "colonos e indigenas" era atribuída à má administração das possessões, ora por favorecer mais aos colonos do que aos africanos, ou vice-versa. Foi assim que um conflito no Congo foi explicado como resultante da administração belga haver beneficiado os "indigenas", deixando-os em pé de igualdade com os colonos, o que para o jornal não era recomendável.²²

¹⁷ *Diario de Noticias*, 17/09/1927, p. 2

¹⁸ *Diario de Noticias*, 15/10/1927, p. 2, O autor fala de Mombassa, capital do Kenya, como uma grande obra lusa

¹⁹ *Diario de Noticias*, 08/10/1927, p. 2.

²⁰ *Diario de Noticias*, 26/01/1900, p. 1: "A raça branca sob os trópicos".

²¹ *Diario de Noticias*, 19/10/1904, p.2.

²² *Diario de Noticias*, 09/11/1904, p. 2. Por exemplo, só funcionários e militares podiam fazer uso de armas novas, colonos e africanos tinham que se contentar com velhas espingardas de 1871. Assim, colonos e africanos eram iguallados, segundo o jornal com sérias desvantagens para os colonos.

A década de trinta também marcou o interesse da imprensa baiana pela África. Sobressai mais especificamente o conflito entre a Itália e a Abissínia. Em 1935, os exércitos da Itália fascista, sem prévia declaração de guerra, invadiram a Abissínia (Etiópia) e, em 1936, as tropas italianas entraram na capital, Addis-Abeba. O rei da Itália, Victor Emmanuel III, foi proclamado imperador da Etiópia, o que na prática não tinha grande significado já que na Itália o chefe de fato e supremo era Benito Mussolini.²³

O *Diario da Bahia* deu ampla cobertura ao conflito que iniciou-se em dezembro de 1934.²⁴ Inicialmente observamos que o jornal parecia concordar com os argumentos que justificavam a invasão da Itália, um deles referente ao governo, ou desgoverno, daquele país africano. Segundo o jornal, a autoridade do imperador Hailé Selasié II era contestada por várias “tribus selvagens”.²⁵ A questão era se havia de fato um governo na região, e se não havia a Itália tinha todo o direito de invadir, até porque se tratava de terra habitada por vários grupos de selvagens, agrupados em tribos, especialmente os Danklalli, que seriam canibais e poderiam comer os italianos e outros brancos, ali também residentes.²⁶ Até aqui a justificativa parecia ser plausível para o jornal: os italianos levariam aos selvagens um pouco de sua civilização.

Mas com o passar do tempo o jornal irá construir uma posição simpática à Abissínia. O *Diario de Noticias* publicaria uma entrevista em que o Negus²⁷ ‘radiographou’ para um matutino carioca a situação de seu país e falou da sua simpatia

²³ V.G Revunenkov, *História dos Tempos Atuais. 1917/1957*, Centro do Livro Brasileiro. Lisboa - Porto s/d p. 95

²⁴ *Diario da Bahia*, 17/01/1935, p. 1

²⁵ *Diario da Bahia*, 16/02/1935, p. 1

²⁶ *Diario da Bahia*, 15/03/1935, p. 1.

²⁷ Título dado ao imperador da Abissínia

pelos povos sul-americanos.²⁸ A partir daí começava a evidenciar-se a postura corajosa adotada pela Abissínia, seu povo ou seu governo contra o colonialismo italiano.²⁹ Tal mudança de tom pode ser explicada pela conjuntura política internacional, na qual quase todos os países europeus estavam contra a Itália e demais países fascistas, o que impedia que o Brasil pudesse ser diferente. Segundo Monday B. Akpan, a assembléia da Sociedade das Nações decidira por cinquenta votos contra um - o da Itália - e três abstenções, que esta era a agressora, tendo violado o pacto daquela organização.³⁰ Portanto, é mais que compreensível que o *Diário da Bahia* também se colocasse contra a agressão dos italianos. Os jornais estavam seguindo um caminho mundial, o caminho dos “povos civilizados”, ou seja, na disputa inter-imperialista que dividia os países europeus, optavam pelos países não-fascistas, mas que não eram menos expansionistas que a Itália ou a Alemanha. Praticamente todos os países da sociedade das Nações possuíam colônias na África. Assim, o anti-italianismo não era exatamente sintoma de pró-africanismo.

Devido a essa circunstância, a imprensa baiana desenhou uma imagem da África que não era a usual. Ao longo das notícias sobre a guerra, crescia a idéia de que na África havia povos fortes, com homens e mulheres que lutavam por seus ideais. Do lado oposto estavam os italianos, fascistas que sempre pretenderam dominar não só a Etiópia, mas também a Líbia, desde a Convenção de Viena,³¹ demonstrando que um povo “civilizado” podia quebrar as regras de boa convivência.³² Este foi um momento de exaltação dos

²⁸ *Diário da Bahia*, 10/08/1935, p. 1. a nota está parcialmente destruída

²⁹ *Diário da Bahia*, 30/08/1935, p. 1.

³⁰ Monday B Akpan, “A Etiópia e a Libéria, 1914-1935: Dois Estados africanos independentes na era colonial”, in Boahem(org), *História Geral da África*, p. 744.

³¹ idem, pp. 737-749.

³² *Diário da Bahia*, 17/09/1935, p. 1. Numa notícia de 18 de outubro deste ano, o *Diário da Bahia* publicou outra entrevista de Haile Selassie, cujo conteúdo é semelhante à nota de setembro. Nesta pôs dúvida mais

etiopes, quando já havia uma forte influência das idéias culturalistas sobre os jornais, o que de certa forma também ajudava na fabricação dessa exaltação.

O *Diario da Bahia* chegou a traçar um perfil comovente da situação da Abissínia, destacando os mortos de guerra, a pobreza, o clima inóspito e as terras secas, os mendigos e os homens e mulheres de aparência raquítica.³³ Alguns dias depois, continuando na empreitada de fazer com que a Etiópia despertasse a simpatia dos baianos, o jornal falava dos “progressos” da capital Addis Abeba. Noticiava também as ruas asfaltadas e prédios modernos, que segundo o jornal eram obra da visão moderna de Selasié I: “e nenhum ethiope educado pode negar os resultados. Os jovens ethiopes pedem dez annos de paz; nesse periodo - dizem elles - o povo aprenderá a não reagir contra o progresso. E lembram os moços que o imperador mandou ao estrangeiro afim de se educarem, gastando do seu próprio bolso [...]. São esses os homens fadados aos grandes papeis para o futuro, a não ser que a guerra ponha termo a todas as idéias de progressos”.³⁴ Ao longo de alguns meses o jornal modificou a sua visão acerca da Abissínia, absorvendo inteiramente as posições internacionais. Em novembro de 1935 o *Diario da Bahia* publicaria outra noticia que falava da “supremacia moral [...] dos ethiopes [...] possuidores do mais alto padrão cultural de todo o continente a excepção da faixa banhada pelo Mediterrâneo.”³⁵

O *Estado da Bahia* estava em sintonia com o *Diario da Bahia* quando um correspondente analisou a situação da Etiópia, se colocando a favor desta. Todavia,

uma vez à civilização de um país como a Itália em que “os adversários políticos são fuzilados pelas costas.” (p. 3)

³³ *Diario da Bahia*, 08/09/1935, p. 8.

³⁴ *Diario da Bahia* 13/09/1935 p.3

³⁵ *Diario da Bahia*, 23/11/1935, p.3

inovou porque buscou associar a Bahia com a África, em função do “sangue negro [...], leite nagô [...] ou da impressão do folk-lore africano que a mãe-preta” nos legara. O autor se colocava como um “irmão”, criticava a posição das grandes nações pelas sanções ínfimas que impuseram à Itália, além de ironizar os motivos da guerra, ao afirmar que desconfiava que a razão da guerra era ter a Abyssinia o “Sol que o Duce quer”, além das riquezas de seu subsolo.³⁶ A admiração também fazia parte do repertório d’*O Estado da Bahia*. As mulheres etíopes seriam, para um correspondente deste jornal que estava em Paris e passou seis meses na Abissínia, exemplos de coragem: “as mulheres ethiopes estão desempenhando papel importante na defesa do ultimo reino independente da Africa. Ellas me impressionaram por sua energia e coragem, durante a minha viagem ao longo da frente de Ogaden [...]”.³⁷ A notícia continua descrevendo a participação das mulheres em todas as frentes de batalha, ao lado de irmãos, filhos e maridos, a despeito da proibição imperial que visava protegê-las da violência.

Neste contexto, a Europa enquanto lugar civilizado foi questionada pela imprensa baiana, mesmo que de forma restrita e pontual, pelo menos no que dizia respeito à posição da Itália. Mas sabemos que apesar destas posições, ela ainda tinha princípios sólidos que concebia a África como região no mínimo exótica, mas em geral ainda selvagem, que precisava mudar seus hábitos, como por exemplo deixar de oferecer carne crua a convidados,³⁸ ou deixar de queimar vivos os portadores da varíola.³⁹

³⁶ *O Estado da Bahia*, 08/11/1935, p.3. A Sociedade das Nações, dominada pela França, não pretendiam ofender Mussolini, preferia recorrer a sanções econômicas limitadas, relativamente leves, que não detiveram o exército italiano Akpan, “A Etiópia e a Libéria, 1914 - 1935”, pp. 744-745.

³⁷ *O Estado da Bahia*, 15/04/1936, p. 2.

³⁸ *Diário da Bahia*, 16/10/1935, p. 3.

³⁹ *O Estado da Bahia*, 12/11/1935, p. 2.

Um ponto que ainda não tocamos aqui, mas de fundamental importância, é que a visão que os jornais transmitiam da África na Bahia eram inicialmente produzida, enquanto notícia, na Europa. É muito provável que os nossos jornais copiassem muitas dessas notícias, transmitindo assim uma visão da África diretamente vinculada às concepções que os europeus tinham desta. Somente quando a Europa se dividiu em torno da invasão italiana da Etiópia, nossos jornais vão desenvolver uma visão crítica a um potentado colonialista na África. No mais, até a década de 30, tudo o que os baianos aprenderam nos jornais sobre a África era que se tratava de um continente bárbaro que precisava da tutela europeia.

No capítulo seguinte vamos ver que este “barbarismo africano” não estava tão distante da Bahia, ele existia entre nós na forma das expressões culturais dos afro-baianos, que durante muito tempo foram objetos de dura perseguição verbal pela imprensa baiana.

Capítulo V

A Imprensa e a África baiana

A Bahia e o batuque

O ideal de uma Bahia civilizada reporta-se à primeira metade do século XIX, quando médicos tentaram a todo custo moldar os hábitos da população ao que se considerava mais civilizado na Europa, que seria sobretudo a França, o grande modelo para a elite letrada do Império. Todos os comportamentos passaram a ser vistos pelo prisma higienista - a alimentação, o cuidado do corpo, a urbanização, os hábitos e costumes - tudo era objeto de tentativa de disciplinarização. Era “civilizar” todo um modo de vida.¹ Toda a sociedade deveria ser mobilizada para entrar no mundo civilizado, mas entre a mobilização e a aceitação plena das ideias modernas havia grandes e muitas vezes intransponíveis resistências. A luta por uma Bahia civilizada nos moldes europeus, elitistas, era árdua e, a despeito de todas as tentativas, os hábitos da população continuariam basicamente os mesmos. Por isso, a batalha entre “civilização” e “barbárie” continuaria sob a República.

¹ Ver João J. Reis, *A Morte é uma Festa. Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991 pp 247-249.

A Bahia que a classe dominante supostamente branca queria ainda não existia, a Bahia real era povoada por muitos pretos, muitos pobres, muitos ambulantes, carregadores, moleques de rua. Esta paisagem “enfeava” a visão dos brancos que viviam na ou visitavam a Bahia. A República inspirava o novo, o moderno, a superação do passado colonial, da escravidão, inclusive dos hábitos dos descendentes de escravos. Isto se refletia nas várias intervenções urbanísticas sofridas pela cidade do Salvador, tentativas de adequá-la aos novos parâmetros de modernidade.² Estas reformas seriam a porta de entrada para o século XX, e também a porta de saída do passado, do atraso. Este mundo moderno era o sonho de engenheiros, sanitaristas, de médicos e também da imprensa.³

Este não era o ideal apenas das elites da Bahia, pois fazia parte de uma febre civilizadora que tomava conta do país, tendo como epicentro o Rio de Janeiro, que por ser capital da república fôra o primeiro a buscar modernizar-se tomando como modelo a Paris de Hausmann, “gestor da Paris burguesa e monumental surgida entre 1853 e 1870”.⁴ Na Bahia também foram feitas “obras de saneamento, eletrificação, implantação de novos meios de transporte e ‘bota-baixo’ [...] demolição de muitas unidades habitacionais, sem a devida reposição”.⁵ Para entrar na modernidade, a ‘velha’ idéia de destruição do velho e implantação do novo foi colocada em prática.

² Ver Wlamyra R. de Albuquerque. “ Santos, Deuses e Heróis nas Ruas da Bahia: Identidade cultural na Primeira República”... p.104-105.

³ Sobre a influencia européia nesta concepção ver Rinaldo Cesar Nascimento Leite, *E a Bahia civiliza-se... Idéias de civilidade e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana. Salvador, 1912-1916*. [Dissertação de Mestrado] UFBA, Salvador, 1994 P. 36-39.

⁴ Paulo César Garcez Marins, “Habitações e Vizinhança. Limites da Privacidade no Surgimento das Metrópoles Brasileiras”. In Fernando Novaes (cood), *História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à era do Rádio*, v.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.134.

⁵ Santos, “Habitação em Salvador: Fatos e Mitos”. In BRESCIANI, Stella. (org.) *Imagens da Cidade, século XIX e XX*. São Paulo: Marco Zero/ANPUH/FAPESP, 1993. p. 103.

Essa Salvador não comportava, segundo a imprensa, certas pessoas, religiões e hábitos. Pesava-lhe a própria história: a escravidão teimava em vir à tona, lembrando a todos que a Bahia não fora só a casa grande, mas sobretudo a senzala e que a maioria das pessoas que andavam nas ruas apertadas da velha capital colonial lembrava muito mais a África do que a Europa. Na Bahia mítica havia harmonia entre as raças. Na Bahia que se queria apagar havia ruas sujas, vendedoras ambulantes, despachos e atabaques de Candomblé, cordões carnavalescos e sambas de roda.

Para além de modernizar o espaço, era preciso disciplinar as pessoas, seus costumes e comportamentos. Assim, vigiar, controlar e punir eram os verbos mais comuns nas páginas dos jornais, que pareciam lutar batalhas perdidas porque os pretos e pretas continuavam a fazer de tudo contrário à “civilização”.⁶ (*O Estado da Bahia* de 11 de abril de 1933 indicava vários hábitos que precisavam acabar, usando duas charges, uma de uma vendedora de camarões dentro de um bonde, incomodando a todos com o ‘mal cheiro’, e a outra de uma vendedora de frutas e legumes ao ar livre. As duas vendedoras eram negras.⁷

A idéia de modernizar a Bahia estava principalmente ligada à rejeição da cultura de origem africana. É neste sentido que a imprensa exigia diariamente uma presença mais atuante da polícia para punir exemplarmente os sambas, candomblés e batuques.

⁶ Ver Wlamya R. de Albuquerque, “ Santos, Deuses e Heróis nas Ruas da Bahia. Identidade cultural na Primeira República”, *Afro-Ásia*, 18 (1996) pp. 103-107. Ver também da mesma autora *Algazarra nas ruas: Comemorações da independência na Bahia (1889-1923)*, Campinas SP., Ed. UNICAMP, pp. 21-48. Ver ainda Nancy Rita Sento Sé de Assis, *Questões de Vida e Morte na Bahia Republicana. Valores e Comportamentos Sociais das Camadas Subalternas Soteropolitanas (1890 - 1930)*, Bahia Dis. Mest. UFBA, 1996, pp. 16-18 e 34

⁷ *O Estado da Bahia*, 11/04/1933, p. 5.

Os jornais faziam campanhas para que os ambulantes estivessem uniformizados e os vendedores de queimados parassem de andar maltrapilhos pela cidade.⁸

Houve muitas tentativas de pôr as posturas municipais em vigor, que eram lembradas pela imprensa como garantia de manutenção da ordem e da disciplina no ambiente urbano. De acordo com os jornais, a cidade não precisava da presença de trabalhadores que se amontoavam nas ruas, desafiando as leis municipais. *A Tarde* estava especialmente empenhado na introdução de hábitos mais condizentes com uma sociedade que se queria civilizada. O jornal bradava diariamente contra o desrespeito às leis e contra a lentidão dos poderes públicos, que não reprimiam os abusos. Era preciso impedir a propagação da “mulata dos pasteis da secretaria de policia” e cercear o hábito de estender roupas em varais nas janelas.⁹ Este jornal vituperou que os queimadeiros eram uma “gente maltrapilha, às vezes mesmo nojenta”, que só poderiam ser accitos se fossem enquadrados nos modelos de higiene estabelecidos, além de não se encaixarem numa cidade moderna, uma referência às transformações urbanísticas que Salvador vinha sofrendo pelo menos desde o governo de José Joaquim Seabra, entre 1912 e 1916.¹⁰

Segundo o *Diario da Bahia*, em 1930 era preciso superar a cultura baiana no “aspecto de superstição, de bruxaria de credence... que é o legado africano”.¹¹ Era a religiosidade afro, as mulheres de “cabelos nas ventas” que desafiavam as normas de comportamento feminino, participando também de batuques cheios de erotismo:

⁸ *Diario de Noticias*, 14/03/1910, p. 3, *A Tarde*, 31/05/1933, p. 2.

⁹ *A Tarde*, 24/04/1916, p. 1. O tema foi recorrente em várias edições do jornal *A Tarde* de 10/10/1916, p.3, 26/07/1920, p. 2, 09/09/1921, p. 1, 3/2/1922, p. 2, 17/3/1922, p. 1 29/06/1925, p. 1. *Diario de Noticias*, 25/02/1928, p.3 e 09/05/1934, p. 3.

¹⁰ *A Tarde*, 31/5/1933, p. 2. Albuquerque, “Santos, Deuses e Heróis nas Ruas da Bahia”, p. 105.

Batuque

Já há trez dias, com o assentimento tacito da policia e da Hygiene Municipal, funciona um grande batuque no Caes do Barroso junto quasi á Companhia Bahiana

E o que é mais, é que os promotores da tal *diversão*, que tanto destoa dos nossos fóros de civilizados, armaram um barracão improvisado, sob cujo tecto de alinhagem cerca de cem pessoas, entre homens e mulheres, lavadas de suor, dão-se as fúrias de um *can-can* desesperado, insano.

No quadro anormalissimo que atravessamos, sob o ponto de vista hygienico, salta aos [olhos] de todos os perigos que decorrem de uma tal diversão, contra a qual recebemos reclamação de um negociante alli estabelecido ¹²

O destaque aqui é a selvageria, a incivilidade dos que praticavam o batuque, que se divertiam de forma tão insana e desesperada. Essa diversão comum aos negros, e que fora absorvida por amplos setores das camadas populares, era rejeitada pela parte da sociedade que se considerava civilizada. Interessante é a associação do batuque ao *Can-can*, dança de origem francesa, que aqui no entanto era sinônimo de destempero e loucura. O batuque parecia remeter os jornalistas ao que havia de menos civilizado, as festas das senzalas, à memória da escravidão. Inconformavam-se *ainda mais* com a suposta convivência da policia e da Higiene Municipal, que ao invés de zelar pela ordem pública e pela saúde da cidade permitiam tais abusos num momento de epidemia de febre amarela e variola. A condenação de tais práticas era na verdade um indicio de como estavam inseridas na cultura da cidade. A aparente “convivência” das autoridades indica a circularidade de algumas práticas culturais entre as classes, pois apesar do

¹¹ *Diario de Noticias*, 10/07/1930, p. 2; 16/01/1904, p.1; 12/05/1908, p.1 e 11/06/1931, p. 1.

¹² *Diario de Noticias*, 03\09\1904, p 1

discurso jornalístico, há notícia de participação dos responsáveis pelo controle da ordem nos batuques e candomblés.¹³

O samba era condenado por sua licenciosidade, exigindo-se a intervenção policial no sentido de liquidá-lo. Ele era também noticiado pela imprensa como ambiente desencadeador de brigas e de vários atos recrimináveis, sem falar da presença marcante de mulheres vistas como não respeitáveis. Além disso, o samba era considerado um ritmo selvagem. Não era só o samba, mas o lundu, o maxixe e todos os ritmos de origem africana, que mexiam com o corpo de forma a evidenciá-lo, não eram muito bem aceitos por uma elite que pregava gestos contidos e discretos.¹⁴ Mas com referência ao samba, notamos algumas mudanças importantes.

A partir de 30, o discurso sobre o samba estava menos agressivo e às vezes ele chegou a ser exaltado como parte legítima da cultura popular. Ele começou a ser percebido como integrante da identidade brasileira, lentamente associado ao símbolos de integração nacional, sendo apropriado e modificado pela classe dominante, que sustentava ser o ritmo um canal importante de harmonia entre as raças. Quando interessava à imprensa, principalmente nas proximidades do carnaval, ela promovia uma brasilidade associada ao samba, exaltava seus compositores, enfim, toda uma rede de interlocutores que viviam em função desse ritmo era positivamente evidenciada.

Podemos buscar algumas respostas para estas importantes mudanças. De um lado havia uma elite que buscava todo o tempo impor uma concepção de harmonia social e de outro havia uma imprensa em consonância com este objetivo, imprensa que

¹³ Ver Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*, pp. 246-247. Ver também Angela Lühning, "Acabe com este santo, Pedrito vem aí..." Mito e realidade da perseguição policial ao candomblé baiano entre 1920 e 1940", *Revista USP*, Nº 28, (1995/1996), pp. 197-199

¹⁴ Monica Velloso, *Que cara tem o Brasil? As maneiras de pensar e sentir o nosso país*, Rio de Janeiro, Ediouro, 2000, pp. 88-90

muito antes da idéia de “democracia racial”, ampliada a partir dos trabalhos de Gilberto Freyre, propagava a índole pacífica do povo brasileiro, conforme a união das suas raças. Estes elementos concorriam para que o samba ganhasse uma conotação nacional. Já era sucesso na capital da República e estava sendo tocado em Nova York e na França, o que lhe dava um caráter de propaganda para o Brasil que, além de supostamente não ter problemas raciais, havia incorporado ao cotidiano um ritmo da sua “raça” mais discriminada.¹⁵

Essa concepção harmônica da sociedade ganhou mais terreno com a Revolução de 30 e mais ainda partir do Estado Novo, com sua concepção de povo uno, sem desigualdades raciais e de classe profunda. Seria um governo para todos, principalmente dos pobres, tendo no presidente Vargas a figura de um pai, assim como o senhor de escravo havia sido. Entre 30 e 40 foi construída uma política de massas que buscava essa homogeneização, e o samba constituía uma manifestação que ajudava a forjar essa identidade, principalmente entre os pobres.¹⁶

Nesse sentido, em 1934, *O Estado da Bahia* publicou um encarte especial sobre o samba, que o exaltava como importante para a identidade nacional, da mesma forma que o fado o era para Portugal. Para o jornal, “o brasileiro que não aprecia o samba não é brasileiro [...]. No samba está toda a psicologia do nosso povo, está toda a energia do subconsciente da nacionalidade”. Quanto ao velho argumento de que o samba era licencioso e erótico, o jornal dizia que a malícia do samba era saudável e lembrava os

¹⁵ Sobre o samba enquanto elemento de integração e identidade nacionais ver Hermano Vianna, *O Mistério do Samba*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. Ed. UFRJ, 1995, pp. 19-36.

¹⁶ Ver Maria Helena R. Capelato *Multidões em Cena Propaganda Política no Vargasismo e no Peronismo* Campinas, SP : Papiros, 1998 - (Coleção Textos do Tempo) p.141-143

versos de Noel Rosa afirmando que o “batuque é um privilégio”. Mas ressaltava que o baiano, “muito sentimental, prefere a canção ao samba”, como todo nortista.¹⁷

Havia espaço até para rivalidade entre sambistas baianos e cariocas, é o que verificamos em notícia que *A Tarde* publicou, na qual o sambista Aristides Júlio de Oliveira criticava o samba do Rio, afirmando que ali não se dançava samba, mas um batuque disfarçado, que não conservava “a reminiscência africana”. Sobre o samba baiano, ele dizia: “pode a dança ter alguns movimentos que desagradam a essa gente que só pensa em maldade, em lubricidade e vê imoralidade em toda a parte, excepto na sua própria alma, mas a música, não pode ser condenada de nenhum modo. É típica e tipicamente nacional”.¹⁸ Há nessa notícia uma preocupação em defender o samba baiano, mais adequado que o carioca para representar o nacional - uma atitude regionalista. É também relevante a valorização do aspecto africano pelo sambista.

A Bahia dos jornais, que se pretendia moderna e civilizada e que a todo o custo tentou combater todas as influências africanas, se via agora envolta nas teias do samba. A presença da cultura negra era tão acentuada que não foi possível às classes dominantes vencê-la, e terminaram se rendendo, mas de tal maneira que coisas como o samba fossem assimiladas enquanto identificadoras de um grupo mais amplo - o brasileiro- e não exclusivamente os negros. Mas havia dúvidas. *A Tarde* noticiou o triunfo do samba em Nova York, no entanto se perguntava se “conviria ao Brasil tal propaganda” (a nota refere-se a um filme sobre o Brasil no qual se destacava o samba e o governo Vargas).¹⁹ Embora parte da paisagem cultural brasileira, embora a

¹⁷ Numa reportagem sobre o samba, em 1936, *O Estado da Bahia*, dentre outras coisas, afirmava sem críticas que quando as mulheres requebravam o corpo enlouqueciam os olhos de quem as via. 02/06/1936, p.2, ver também 24/03/1934 - Encarte Especial - p. 5.

¹⁸ *A Tarde*, 20/02/1925, p 1

¹⁹ *A Tarde*, 04/04/1934, p. 2.

“civilidade” baiana e carioca já o houvesse aplaudido, o samba sempre seria uma forte lembrança da África no Brasil, no mínimo um desconforto em termos civilizacionais.

Ao analisar o samba do Rio de Janeiro, Peter Fry diz que quando ele era produzido e consumido pelo povo do morro, era reprimido pela polícia, mas com a sua crescente importância no carnaval oficial, ele passou a ser mais largamente aceito.²⁰ As conclusões de Peter Fry podem ser aplicadas à realidade baiana. A imprensa no final da década de 30 continuava a conceber de maneira mais ampla a Bahia como incivilizada, no entanto uma série de elementos contribuíram para transformar o que era simplesmente bárbaro em um elemento integrante da nacionalidade.

A imprensa nos terreiros

Uma sociedade que fora colônia de uma metrópole católica herdou não só uma língua mas todo um contexto cultural-religioso-moral que definia muitas das suas atitudes políticas, sociais e culturais. Mas esta mesma sociedade fora ‘colonizada’ por africanos, que deixaram, não só na pele mas no modo de encarar a vida, a sua marca, evidenciada principalmente através das práticas religiosas.²¹

²⁰ Peter Fry *Para Inglês Ver. Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982, p.51 Ver também Vagner Gonçalves da Silva e Rita de Cássia Amaral, “Símbolos da herança africana. Por que candomblé?”, in Lilia Moritz Schwarcz e Leticia Vidor de Sousa Reis (orgs), *Negras Imagens. Ensaio sobre cultura e escravidão no Brasil* (São Paulo, Edusp, Estação Ciência, 1996). pp. 195-196

²¹ Manuel Querino, *O Africano como Colonizado*. Salvador. Livraria Progresso, 1954. Aqui o autor desenvolve a idéia que o Brasil não foi apenas colonizado por Portugal e sim também pelos africanos pp 37-42.

A República vivia sob a égide de um mundo secularizado na qual, aparentemente, a religião não influenciava na organização e atribuições do Estado. Mas em relação aos comportamentos individuais e coletivos, a influência da religião era visível. Havia uma tradição que definia o Catolicismo como a religião dos baianos porque esta seria a religião de povos civilizados, dos antepassados europeus.

Todas as pessoas importantes eram católicas, médicos, engenheiros, intendentos e governadores. Mas não eram só essas pessoas que eram católicas: pais, mães e filhos-de-santo, sambistas, os que faziam batuques, vendedores ambulantes, enfim, uma variedade de baianos e brasileiros eram católicos. A questão era que eles não eram apenas católicos, eram também do Candomblé ou acreditavam em suas coisas. No cotidiano, para muitas dessas pessoas não havia problema vivenciar as duas religiões, que eram complementares e não excludentes. Para os que consideravam o Catolicismo o como a “religião oficial”, os indícios de Candomblé, presentes nos hábitos populares não eram aceitos e normalmente eram considerados como prova de barbarismo. Esta foi a visão predominante na imprensa até, de novo, meados da década de 30.

A noção de civilização que a imprensa arbitrou estava ligada ao Catolicismo, conforme artigo escrito em 1913 pelo mons. Solon Pedreira no *Diário da Bahia*:

A civilização que é o resultado dos progressos da humanidade na sua evolução social e intellectual, com razão é, e deve ser o grande ideal de todos os povos. Os selvagens dos nossos dias, assim como os barbaros dos tempos idos, todos elles, com certeza, abraçariam a civilização, se lhes fossem proporcionados legitimos, rectos e efficazes caminhos ou vehiculos para effetivamente a ella poderem chegar [.] Jesus Christo, o mestre e o Grande modelador da verdadeira Civilização.²²

A civilização era cristã e qualquer outra forma de pensamento ou comportamento que não se enquadrasse nessa premissa era rejeitada como tal. Os africanos e seus descendentes certamente não se incluíam entre os “civilizados”, já que permaneciam venerando deuses “bárbaros”. Seriam, diria o monsenhor, os “selvagens dos nossos dias”. Idéias assim criavam o clima para a repressão ao Candomblé.

Mas a repressão não foi a única realidade para o Candomblé. A ele recorria em busca de solução para problemas de saúde, de dinheiro, de amor, não só a classe dos despossuídos, mas também indivíduos bem nascidos. Segundo o *Diario de Noticias* de 1909, “O ponto mais interessante de facto é que a clientela do ‘pai-de-santo’ é de gente fina da nossa sociedade”.²³ Era isso que mais preocupava, talvez, os letrados baianos. A imprensa do início do século parecia não compreender muito bem como era possível que a “gente fina” pudesse participar de rituais considerados bárbaros. Que pretos e pobres participassem ainda era compreensível. A imprensa não conseguiu definir se os brancos, ao participarem dos candomblés, tornavam-se também incivilizados. Como era um problema de difícil solução, preferia entrar por um caminho menos tortuoso, que era apenas condenar tal participação e conchamar as forças policiais à imediata repressão.

O Candomblé foi objeto de pesquisa de alguns estudiosos entre o final do século XIX e o início do século XX, entre eles Nina Rodrigues, pioneiro ao pensar as práticas religiosas africanas enquanto conjunto coerente, com organização e sentidos próprios, embora pertencentes a um estágio inferior de capacidade racial. Mais tarde

²² *Diario da Bahia*, 06/03/1913, p. 1.

²³ *Diario de Noticias* 12/02/1909, p.7.

Artur Ramos e Edison Carneiro buscaram explicações históricas e culturais, e não mais raciais, para analisar a religião de origem africana no Brasil, especialmente na Bahia.²⁴ Suas pesquisas foram parcialmente absorvidas pela imprensa na década de 30, no clima de integração do negro na formação de uma identidade brasileira.

Mas até a década de 30 a regra era buscar de todas as formas excluir a religião afro da sociedade baiana, rejeitando a tudo e a todos relacionados com ela. Neste sentido todos os jornais pesquisados tinham concepções semelhantes. Mesmo após 1930, o ideal civilizador cristão permanecia profundamente arraigado. É nesse sentido que o *Diário de Notícias*, em 1931, convocava “a Bahia, culta, cristã e patriótica” para uma “conferência civico religiosa de Angelo Silva”.²⁵

O Brasil era concebido interna e externamente como lugar onde a harmonia entre as raças reinava, e acabar simplesmente com uma religião não seria adequado, a menos que suas características fossem apresentadas como nefastas em determinadas circunstâncias. O Código Penal de 1890, ao criminalizar o exercício ilegal da medicina, terminou viabilizando a perseguição do Candomblé, mediante a justificativa de que ela não se centrava no aspecto religioso e sim na defesa da saúde física e mental das pessoas.²⁶ A tentativa de acabar com o Candomblé era, ainda em 1936, justificada porque “o ‘Candomblé’ de todos as seitas conhecidas aqui é a mais incomoda, a mais desaguiada e, por isso mesmo a menos aceita pelos civilizados.”²⁷

²⁴ Amaral Silva, “Símbolos da herança africana”, pp. 202-205

²⁵ *Diário de Notícias*, 12/02/1931, p. 3.

²⁶ Ver Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*, pp. 246-250 em que discute as batidas policiais feitas aos candomblés e argumenta que no Brasil havia liberdade de culto. Já que os Estados Unidos que era racista, tinha liberdade efetiva de culto. Ver Júlio Braga, *Na Gamela do Feitiço*, Salvador, EDUFBA, 1995 pp. 147-149. Ver Pereira, *Práticas Mágicas e Cura Popular na Bahia*, pp. 10-12 e 90-92. Ver também Iraneidson Costa, *A Bahia já deu Régua e Compasso: O Saber médico-legal e a questão racial na Bahia, 1890 - 1940*, p. 260.

²⁷ *Diário de Notícias*, 25/07/1936, p. 1.

O barulho, a saúde e a higiene, o barbarismo e a referência inequívoca à África representavam as justificativas mais usuais para a eterna vigilância e repressão aos candomblés. Até pelo menos os primeiros quinze anos do século XX, a maior reclamação que se tinha estava relacionada ao barulho dos atabaques. Outras justificativas também eram utilizadas, mas não na mesma proporção. O batuque era o grande vilão para a imprensa, porque incomodava “a moral e o socego publico” e principalmente aos jornalistas.²⁸ Algumas vezes o pedido de repressão partia de um morador da cidade, mas geralmente as denúncias partiam diretamente dos próprios jornais, que tomavam para si o papel de vigilante dos bons costumes.

Os candomblés estavam espalhados por toda a cidade, alguns muito distantes do centro. Os que freqüentavam mais assiduamente os jornais estavam no 2º Arco na Estrada do Rio Vermelho, na Vitória, Acupe, Saboeiro, Cabula, Fazenda Garcia, Campo Santo, em Brotas, na Cruz do Cosme (Liberdade), Lapinha, Jequitaita, St. Antônio, Desterro, Fonte Nova, Estrada da Muriçoca, Retiro e Rua do Paço.²⁹ Os jornais constantemente reclamavam do barulho desses candomblés, apesar de os terreiros na sua maioria ocuparem as áreas distantes do aglomerado urbano e nem sempre poderiam ser ouvidos por uma vizinhança muito grande.³⁰ O próprio *Diário de Notícias* confirmou que os pais-de-santo escolhiam os pontos mais afastados da cidade:

²⁸ *Diário da Bahia*, 12/11/1904, p.2.

²⁹ Edison Carneiro encontrou para a década de 40, outros locais que ainda eram considerados afastados do centro e que tinha registros de candomblés Edison Carneiro, *Os candomblés da Bahia*, 8ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, pp. 30-31.

³⁰ Para Júlio Braga “O deslocamento gradativo desses grupos religiosos para zonas periféricas da cidade foi uma das consequências mais diretas [da resistência às batidas policiais]” in, Braga *Na Gamela do Feitiço. Repressão e Resistência nos Candomblés da Bahia*, p.28. Outro elemento importante para o qual Júlio Braga chama a atenção é que os pobres estavam cada vez mais sendo empurrados para longe das áreas centrais. Quanto a esse ponto ver Santos, “Habitação em Salvador: Fatos e Mitos”. Por outro lado, é importante refletirmos que o Candomblé é uma religião que em que o sagrado é parte da natureza e esta é mais acessível longe do centro urbano. Assim, para além da resistência às arbitrariedades da policia, havia uma concepção de sagrado que os afastava do centro urbano.

Eram os pontos os mais afastados da cidade, os mais escolhidos pelos *paes e mães* de santos, que se apossam de uma casa quase sempre anti-hygienica, onde se accumulam desde 6 horas da noite às 6 horas da manhã, tocando monotamente em lingua barbara, dançando sem cessar. Até que ou por effeito de toxico como queria o dr. Nina ou por ataques hystero-epilepticos ou hipinotismo, como julgava o dr Tillemon, enchem ao chão em contorsões, esgares, com gritos incessantes, como os sabbats dos feiticeiros dos tempos medievais ³¹

É provável que o “barulho” muito falado pelos jornais não fosse tão grande assim, mas saber da existência de atabaques e de “algazarras selvagens” pareciam surtir mais efeito que os ouvir de fato. De qualquer maneira, as denúncias eram tão comuns quanto pedir à policia que tomasse as devidas providências no sentido de acabar com o incômodo cultural. ³²

Como podemos ver na nota acima, uma outra justificativa para a repressão ao Candomblé estava relacionado à higiene pública. Os terreiros eram, segundo a imprensa, disseminadores de doenças que se alastravam com muita facilidade, eram lugares considerados promiscuos, dai ser a ‘Hygiene Publica’ chamada a tomar as devidas providências. ³³ O Candomblé era assim o local “onde as pessoas sacrificam a sua saúde naquella aglomeração terrivel”. ³⁴ Eram as famosas idéias higienistas tornando-se presentes. O *Diario de Noticias*, em 1911, publicou um editorial que ilustrava bem estas idéias. A nota dizia respeito aos crimes sexuais que supostamente proliferavam nos terreiros:

³¹ *Diario de Noticias*, 18/09/1911, p 1

³² *Diario de Noticias*, 27/04/1904, p.2; 18/03/1907, p. 5, 11/01/1909, p 3; 13/02/1912, p. 7; 04/05/1931, p. 2; 28/04/1936, p.8; 08/06/1936, p.8. *Diario da Bahia*, 15/06/1908 p 1; 14/03/1930, p. 1, 12/09/1936, p. 8. *O Estado da Bahia*, 08/10/1935 p. 8.

³³ *Diario de Noticias*, 15/10/1904, p.1, 12/11/1904, p 2.

[...] Mesmo que estes crimes não se realizassem nestas pocilgas africanas, bastava a reunião de tantas pessoas em casas pequenas sem ar, sem luz, onde em mezes inteiros dormem no mesmo quarto infecto 15 e 20 pessoas de idade e sexo diferente, para serem tomadas providencias. Senão a maioria dos assistentes da raça negra e mestiça, em condições tão deploraveis para a saúde, nesta raça já de natureza tão inclinada a tuberculose, se concebe que contribuirão estes habitos indecentes para o maior desenvolvimento da tuberculose.³⁵

A saúde da cidade estava em risco, as pessoas nestes espaços viviam como coisas que “se acumulam”, possibilitando proliferação das doenças. É perceptível como as concepções médicas do bom viver procuravam normatizar a vida de todos. Segundo Alberto Heráclito Ferreira Filho, “o ambicioso projeto médico previa uma reordenação radical do espaço urbano no tocante à remodelação de ruas, esgotamento sanitário, novas concepções de hospitais, cemitérios, escolas, quartéis, bordéis e fábricas, adentrando por hábitos culturais arraigados, atingindo o interior das famílias nas suas tradicionais formas de inter-relação domésticas”.³⁶ Acrescente-se também a vida nos terreiros. Segundo a nota acima a raça negra já era predisposta à tuberculose - na verdade uma doença fruto da pobreza - fato que aumentava o risco das pessoas que conviviam nos ambientes “fétidos” do Candomblé. Conforme *A Tarde*, o Candomblé “era porco e degradante”.³⁷ “Pocilga africana”, denominou-o o *Diario de Noticias*. O negro baiano era associado ao mundo animal e à África, e assim este capítulo se encontra com o anterior.

Dentro da questão da saúde pública, a imprensa também estava preocupada com a medicina praticada por curandeiros e todos que se aventurassem a curar, não sendo médicos devidamente formados pela Faculdade de Medicina da Bahia. Havia uma

³⁴ *Diario da Bahia* 27/10/1918 p.1.

³⁵ *Diario de Noticias* p. 18/09/1911 p.1

³⁶ Ferreira Fº. *Salvador das Mulheres*, p.66-67

verdadeira perseguição àqueles que “faziam-se” de médicos, enganando aos que os jornais chamavam de “crédula população”. Mas sua indignação crescia quando se tinha conhecimento de que algumas pessoas consideradas importantes procuravam tais curandeiros, ou ainda, quando os protetores dos candomblés ou de curandeiros eram pessoas socialmente respeitadas.³⁸

Aqui havia uma disputa entre duas formas de encarar a vida e a saúde, uma em que o ser humano era concebido enquanto parte integrante de um universo natural sacralizado e daí a eficácia medicinal das plantas, outra em que a cura se efetivava por meio de uma racionalidade científica. A imprensa obviamente apostava na segunda alternativa, já que ciência e civilização eram sinônimos. Os curandeiros misturavam em seu caldeirão uma série de saberes condenados pela “civilização” e a imprensa, como baluarte desta, não admitia a livre circulação de idéias que afrontassem suas verdades, a menos que o próprio saber científico concluísse que havia alguma “ciência” na forma dos “candomblezeiros” curarem.³⁹

Os curandeiros faziam parte do grupo dos selvagens. Nesse sentido, era aquele que praticava atos que punham em perigo a integridade física das pessoas. Da mesma forma que era bárbaro o comportamento moralmente repreensível da expressão sexual no Candomblé, das danças e das mulheres que brigavam e proferiam palavrões. O Candomblé estava relacionado sempre a essa noção de barbarismo e incivilidade, e na maioria das vezes estava associado diretamente à África, pois os jornais chamavam suas práticas de ‘africanismos’. E como da África nenhuma influência era positiva, ela não

³⁷ *A Tarde*, 10/11/1925, p. 2. *O Estado da Bahia*, 08/02/1936 p. 6, 07/05/1936, p.

³⁸ *A Tarde*, 11/12/1915, p.1. *Diário da Bahia*, 17/10/1931 p.1.

³⁹ Ver Jaqueline de Andrade Pereira, *Práticas Mágicas e Cura Popular na Bahia (1890-1940)*, principalmente cap. 3 “Pais e mães de santo, feiticeiros, curandeiros e charlatões na República” pp. 86-111.

podia servir de modelo para a sociedade baiana. E assim, todos que de alguma forma tivessem hábitos que lembrassem os de África deviam ser considerados bárbaros.

Numa nota intitulada “Fetichismo e africanismo”, o *Diário de Notícias* fez em 1911 uma análise original da história da religião de origem africana no Brasil. Para o periódico todos os povos vencidos vingavam-se dos vencedores impregnando-os com o que eles tinham de pior. No caso do Brasil os escravos deixaram a sua religião. O articulista deixava transparente que “o exercício de qualquer crença é livre, como o pensamento em nossa República e este não permite mais que se ponha em discussão”, mas os hábitos incivilizados que faziam parte desta crença deveriam ser combatidos, assim como nos Estados Unidos, apesar da liberdade religiosa, combatia-se a presença dos Mórmons por admitirem a poligamia. Justificava-se assim a perseguição ao Candomblé: “deste modo devem ser perseguidos pelas autoridades os candomblés, manifestações de seitas africanas, de raças extintas, que deixaram na nossa querida terra, como uma vingança terrível da escravidão, este gosto lubrico da liturgia das seitas africanas onde a superstição e a ignorancia se misturam a ancia de praticas exquesitas”.⁴⁰ Notem que, por outro lado , neste artigo os negros brasileiros não pertenciam à “raça africana”, uma categoria já “extinta” no Brasil.

Se países compreendidos pela imprensa como poço de civilização e democracia não tinham problemas de consciência ao perseguir aqueles que tinham orientações morais diferentes das concebidas como ideais pela maioria, a Bahia, ao reprimir o Candomblé, não estava mal acompanhada. As danças, o batuque e o barulho,

⁴⁰ *Diário de Notícias* 18/09/1911 p 1 Nota completa em anexo 2.

as comidas, as crenças, enfim tudo relacionado ao culto afro era bárbaro.⁴¹ Os jornais não tinham dúvidas ao afirmar que os candomblés e feiticeiros ainda agiam “em nossa velha cidade, [...] como na África Barbara e inculta”, promovendo “degradantes scenas de africanismo”.⁴² E isso foi escrito já no início da década de 30, pouco antes da grande virada na visão dos jornais sobre a cultura afro.

Um elemento que aliás marcou a importância e o crescimento da imprensa, foi a elevação do Candomblé a fato jornalístico, digno de pesquisa. O jornal *A Tarde* foi o que mais se utilizou deste recurso. O ideal era estar em todos os cantos da cidade, observando o que acontecia, para flagrar e noticiar de forma exclusiva. Até aqui normalmente o jornal noticiava um fato a ele trazido, ou dava mais expressamente a sua opinião através dos editoriais. Com as reportagens, os repórteres iam às ruas atrás de informação sobre o mendigo, a vendedora insatisfeita com as Posturas Municipais e mais especificamente os candomblés. Preocupavam-se em descrever os cultos, conversar com as mães e pais-de-santo e levar conhecidos para apreciar o “espetáculo”. O Candomblé foi um grande campo de treinamento para este novo tipo de jornal.

Diríamos que as reportagens do início do século não deviam em nada às modernas técnicas de criar notícia. Usavam recursos lingüísticos que emocionavam e faziam com que os leitores fossem co-participantes da aventura de investigar, anunciavam cada passo da investigação, suas conseqüências e normalmente terminavam com o jornal reafirmando seu pensamento de forma exemplar. O bem social era a principal justificativa. Neste sentido, o jornal *A Tarde* fez uma série de reportagens

⁴¹ *Diario de Noticias*, 27/04/1904, p. 2; 12/11/1904, p. 2; 18/03/1907, p. 5; 11/06/1911, p. 1; 13/02/1912, p. 7; 18/09/1916, p. 2; 20/06/1921, p. 1; 30/04/1932, p. 2; 10/07/1930, p. 2; *Diario da Bahia* 15/06/1908, p. 1, 30/10/1918, p. 1, 17/10/1931; p. 1, 27/07/1933; p. 8, 31/05/1933, p. 8;

sobre o Candomblé. A sua primeira reportagem, sobre o tema foi publicada oito dias após a sua fundação, em 1912, e era sobre as “crendices populares”. Os repórteres ouviam a conversa de populares, depois disso saiam em busca de mais informações com os entrevistados, que eram “ uma crioula gorda, grisalha de torço á africana na cabeça, camisa bordada e oiro em fio nos pulsos; um pretinho pelintra, de sapatos de pano e gaspeas de verniz, e um caboclo de meia idade de palitot de alpaca, com um perfil de Falstaff, de olhar malicioso e penetrante [...]”, foram a uma Sociedade Espirita em St. Antônio e chegaram a conclusão de que as “práticas africanas, cultuaes e bozós e feitiços” mantidas “São [...] uma segunda edição dos CANDOMBLÉS, sem o jogo, o atabaque e a monotonia dos batuques, mas com o mesmo perigo de molestias nervosas”.⁴³

A partir de dezembro de 1915 o *A Tarde* comprometeu-se a fazer intensa campanha contra a presença do Candomblé na cidade alegando sempre que este era um indicio da incivilidade e representante de “vícios e ruindades”. Por isso, acabar com ele era uma forma de entrar para o mundo moderno e civilizado, além de contribuir para que o jornal ganhasse respeitabilidade. Assim, fez uma série de reportagens intituladas “No Mundo da Bruxaria” com a presença de repórteres nos cultos o tempo suficiente para colher as informações que achavam importantes. Segundo o jornal, sua campanha tinha “um fim social: provocar a atenção dos poderes publicos para dar caça á malandrice que explora a ignorancia das classes incultas, extorquindo-as, sob promessas de favores e recompensas para a saúde e a sua felicidade”.⁴⁴ Nos dez anos seguinte, o jornal permaneceu fiel a este princípio, fazendo mais reportagens que evidenciassem sua

⁴² *Diario da Bahia* 07/05/1931 pp.1 e 3, 25/07/1936 p. 8 Ver também *Diario de Noticias* 29/08/1908 p.1e 06/09/1916, p. 2.

⁴³ *A Tarde*, 23/10/1912 p.1, assim grifado pelo jornal

qualidade de guardião da moral cristã, sendo o periódico o que mais intensamente apresentou argumentos contra a religião negra na Bahia.⁴⁵

Nos anos 20, o jornal deu grande destaque ao pai-de-santo Severiano, que recebia um “encantado”, o caboclo Jubiabá, no candomblé da Cruz do Cosme.⁴⁶ O jornal transmitia sua mensagem: a policia só conseguia bons resultados na ‘caça’ a Severiano por causa de suas reportagens. A imprensa transformava-se num braço direito da policia e da justiça, e assim qualificava-se cada vez mais como meio de comunicação respeitável e também “promotor do bem público”. Contribuir para tirar de circulação pessoas maléficas, a exemplo do Caboclo Jubiabá, era o seu papel. Júlio Braga deteve-se na história de Severiano, respeitado não só pela população negra e pobre. Para falar da resistência do Candomblé às várias investidas policiais, Braga argumenta que estas notícias serviam para que o pai-de-santo ficasse ainda mais em evidência. Segundo ele, o jornal na verdade ajudou a propagar a imagem de grande pai-de-santo ao escolher Severiano para perseguir, tornando-o famoso muito antes do seu homônimo, Jubiabá, criado por Jorge Amado.⁴⁷ Este é quem foi na trilha da fama do pai-de-santo.

O *Diario da Bahia* também entrou na corrida das reportagens sobre candomblés, e investigou um *in loco*, com reportagem intitulada “Nos dominios de Ogum”. Aqui se lê “Os jornalistas do Diario da Bahia resolveram ver como era um candomblé na Bahia, no districto de Brotas - A reportagem não conhece limites”.⁴⁸ Ir ao terreiro significava participar de uma grande aventura, - era como um alemão atravessar a África de carro - que na maioria das vezes expunha os reporteres ao risco, pois penetrar no mundo

⁴⁴ *A Tarde* 6, 7, 9, 10, 11/12/1915, p. 1.

⁴⁵ *A Tarde* 10/06/1916, p. 3, 16/09/1916, p.1, 19/09/1916, p. 1, 11/10/1916, p.3.

⁴⁶ *A Tarde*, 27/04/1921, p. 1; 10/04/1921, p. 1, 06/10/1921, p. 1; 07/10/1921, p. 1; 10/10/1921, p. 2; 14/10/1921, p. 1. *Diario da Bahia*, 08/10/1921, p. 8.

⁴⁷ Braga, *Na Gamela do Feitiço*, 93-123.

“sombrio” do Candomblé era perigoso. Todo este sacrifício só se justificava pela obrigação de noticiar tão somente a verdade em prol do bem público, que era a função do jornal. Para além desta abordagem, de fato os jornais produziram um rico material etnográfico, que terminou por contribuir muito para a história do culto afro na Bahia neste período, dando informações sobre habitação, paredes e tetos, indumentária, sons diversos, gestos, ritos e deuses. Na ânsia de condenar, os jornais forneceram-nos detalhes que poderiam estar para sempre perdidos ou lembrados por poucos.

Como temos visto, a década de 30 foi um divisor de águas na abordagem jornalística sobre o negro, sob a influência das novas idéias culturalistas que ganhavam terreno no Brasil. Abordagens sobre o Candomblé também mudaram, mas isso não aconteceu de uma hora para outra. No ano que Freyre publicou *Casa Grande & Senzala*, 1933, o *Diário da Bahia* propunha discutir o candomblé numa série de reportagens, a maioria não realizada, mas ainda partia de um enfoque maniqueísta de que se tratava de uma crença do mal, e mediante esta idéia básica procurou descrever o mundo dessa religião e das pessoas que dela participavam.⁴⁹ Neste mesmo ano, *O Estado da Bahia* publicou igualmente sobre o Candomblé, motivado por um sentimento de indignação diante das declarações de um escritor francês que havia falado de forma pejorativa da “prática da feitiçaria” entre os pretos baianos. O articulista ressaltou que os estrangeiros tinham por hábito generalizar o que viam, e segundo ele estas práticas eram comuns tanto no Brasil quanto em países desenvolvidos, como nos Estados Unidos.⁵⁰ Ou seja, o jornal, em lugar de assumir o

⁴⁸ *Diário da Bahia*, 06/08/1913, p. 1.

⁴⁹ *Diário da Bahia* 10/02/1933 p. 1.

⁵⁰ *O Estado da Bahia* 01/08/1933 p. 3

lado negro da cultura brasileira, terminava por lamentar que o estrangeiro só visse este lado ao refletir sobre o Brasil.

O Estado da Bahia publicou, de maio de 1936 a janeiro de 1937, matérias sobre a cultura negra e entrevistas em torno do Candomblé, que demonstravam, nem sempre de forma positiva, que estavam mais para religião do que para feitiçaria pura. Relatava, por exemplo, sobre negros que exerciam poder sobre jovens sadios, ou a respeito de gente que teria cometido suicídio por influência do Candomblé.⁵¹

Entretanto, neste mesmo ano novos ventos sopravam sobre a imprensa. Algumas entrevistas de gente de santo seriam publicadas que revestiam-se de uma certa positividade, como foi o caso daquela feita com Martiniano Eliseu do Bomfim, apresentado como babalaô, professor de inglês e amigo de Nina Rodrigues, “nascido no Brasil mas educado em Lagos”. Este homem era respeitado, e era peça importante de uma religião perseguida.⁵² Ainda no mês de maio, o jornal publicou sobre uma visita feita a Severiano, o Jubiabá, que voltava aos jornais mais famoso do que na década de 20. Em 1936 o pai-de-santo teve a sua imagem confundida com o personagem do livro de Jorge Amado, deixando claro o seu desagrado com a confusão.⁵³ Alguns dias depois, Jorge Amado deu uma entrevista onde afirmou: “não pensei no mulato Severiano, um só momento, enquanto escrevia o meu livro”, negando assim qualquer relação entre o seu personagem e o pai-de-santo.⁵⁴ Quem quiser que acredite.

Estes exemplos são indícios de que a imprensa estava mudando sua abordagem do Candomblé. Embora este ainda fosse basicamente visto como uma prática bárbara

⁵¹ *O Estado da Bahia*, 06/05/1936, p. 4; 07/05/1936, p. 8.

⁵² *O Estado da Bahia*, 14/05/1936, p. 5 Sobre Martiniano ver Braga *Na Gamela do Feitiço*. pp. 40-42 onde o autor analisa esta entrevista.

⁵³ *O Estado da Bahia*, 21/05/1936, pp. 3 e 5.

⁵⁴ *O Estado da Bahia*, 28/05/1936, p. 5

pela imprensa, esta visão já competia com outras que a encaravam com mais serenidade e seriedade, inclusive dando voz a seus representantes em suas páginas. Essa tensão não seria resolvida inteiramente na década de 30, mas já se reconhecia que a religião dos velhos africanos não só estava presente na sociedade como era aos poucos incorporada como símbolo da identidade nacional pelos pesquisadores do período, marcado pelo nacionalismo político e cultural, e abundantemente regado pela ideologia da democracia racial.

Neste contexto, se tornou possível a abertura de espaço na imprensa para que Edison Carneiro escrevesse, em 1936, sobre o “Culto da mãe-dagua, Agaujú filha de Oba-Talá e Odudua. O sincretismo e o culto de Iemanjá”.⁵⁵ Numa Bahia cuja imprensa produzia notícias em que geralmente o negro e sua cultura apareciam como inferiores, era salutar matérias que se referissem ao culto afro de forma não destrutiva. Carneiro, por exemplo, ressaltava as associações entre Iemanjá e os mitos ameríndios e europeus, além de escrever sobre a questão do sincretismo entre o culto africano e o católico. Enfim, ele proporcionava ao leitor de *O Estado da Bahia* uma visão diferente da que habitualmente se publicava nos jornais.

Mas este foi também o momento em que a imprensa começava a se mobilizar em torno do II Congresso Afro-Brasileiro, destacando coisas relacionadas ao negro e principalmente ao Candomblé. Um repórter de *O Estado da Bahia* e o pesquisador Donald Pierson fizeram juntos uma visita ao pai-de-santo Manoel Paim, que concedeu-lhes entrevista na qual narrava como se tornara pai-de-santo, além de falar da sua esperança de que o II Congresso Afro-Brasileiro promovesse uma união entre os vários

⁵⁵ *O Estado da Bahia* 02/06/1936 p. 5, 19/05/1936 p.5, Foi publicado também, por autor não identificado, outros artigos nesse jornal, sobre os santos do povo (29/09/1936, p. 5) e uma notícia sobre a ida de um grupo que cantou músicas religiosas na Radio Comercial da Bahia 17/12/1936, p. 6

candomblés existentes na Bahia. Lembrava também a necessidade que os congressistas dessem atenção especial à questão da liberdade religiosa. O jornal, com esta reportagem, se dispunha a descobrir o “mundo religioso do negro da Bahia”, mas acabou por transmitir aos seus leitores algo mais do que habitualmente se lia.⁵⁶

Organizado por Edison Carneiro, o II Congresso Afro-Brasileiro, depois de adiado várias vezes, foi finalmente realizado na Bahia entre os dias 11 e 19 de janeiro de 1937, sendo noticiado com grande destaque pela imprensa, que via o evento como uma das formas de integrar o negro na realidade brasileira e principalmente como campo de pesquisa. Foi neste sentido que o *Diario da Bahia* e *O Estado da Bahia* publicaram algumas reportagens antes e durante o congresso. O *Diario da Bahia* publicou uma nota que refletia todas aquelas mudanças ocorridas na forma como a imprensa via parte da cultura do negro:

Em Torno do 2º Congresso Afro Brasileiro

Muito se tem escripto já em jornaes e revistas, sobre este grande empreendimento de profunda significação scientifica. Tinha lido muitos recortes de jornaes e revistas de todo o Brasil , que são remetidos do meu amigo Reginaldo Guimarães, esse jovem e inteligente secretario ao 2º Congresso Afro-Brasileiro, noticias estas que por si só bastam atestar o que seja o grande exito do Congresso... Tenho lido artigos assignados por intellectuaes de merito no paiz, em torno da “reunião em familia” dos nossos negros, intellectuaes, estudantes, populares para discutirem sobre a situação do negro no Brasil...

Os jornaes publicaram entrevistas feitas com grandes intellectuaes de renome no Brasil inteiro taes como Mario de Andrade e Gilberto Freyre. Enfim, o serviço da imprensa é o melhor possivel Até agora tem sido uma boa demonstração de que somos capazes de levar a effeito grandes empresas serias, o que é muito raro neste Brasil - terra do Cruzeiro do Sul, dos Plínios, dos Barrosos...⁵⁷

⁵⁶ *O Estado da Bahia*, 29/08/1936, p. 1

⁵⁷ *Diario da Bahia*, 08/01/1937, p. 3. Ver noticia em anexo 2.

Não era só o Candomblé que estava em evidência, mas questões em geral relacionadas com os negros. Nesta notícia o jornal mostrava que toda a imprensa do Brasil estava em sintonia com a Bahia, e com o grande acontecimento que era o II Congresso. Nota-se, contudo, que a tônica da nota é a transformação do negro e sua cultura em objetos de observação científica. Ao citar grandes intelectuais da época, de prestígio nacional, como Gilberto Freyre e Mário de Andrade, a imprensa legitimava seu renovado interesse por um velho tema agora visto sob nova perspectiva, a perspectiva dos *experts*. Pode-se ver que a ciência continuava a fazer a cabeça de quem fazia o jornal. Nisso a imprensa não mudou. Mudou foi a “ciência”.

Ainda no ano de 1936 foram noticiadas pelo *O Estado da Bahia* algumas participações importantes, como a do antropólogo Melville J. Heskovits, que mandou a sua comunicação “Deuses africanos e santos Catholicos nas crenças do negro no Novo Mundo”.⁵⁸ Da mesma forma, noticiou a “noite africana” apresentada pela Rádio Comercial da Bahia, com cânticos religiosos interpretados pelo famoso pai-de-santo João da Pedra Preta da Goméia, e “com o maior sucesso”. Segundo a nota, “a Radio Comercial proporcionou aos radios-ouvintes da cidade, a audição de musicas e canticos dos candomblés afro-bahianos. [...] Cercado e apoiado pelas suas filhas-de-santo, o chefe do candomblé da Goméia executou numeros interessantissimos, ouvidos com entusiasmo tanto pelos radios-ouvintes nas suas casas particulares, como pelos populares que se agglomeravam á porta dos bares e dos cafés da cidade para escutar o velho lamento africano do candomblé”.⁵⁹ Talvez tenha sido esta a primeira vez que a

⁵⁸ *O Estado da Bahia*, 02/12/1936, p. 5.

⁵⁹ *O Estado da Bahia*, 17/12/1936, p. 6.

rádio transmitia cânticos religiosos africanos, o que completava a virada na atitude dos meios de comunicação diante do Candomblé. Num momento anterior, esta música seria classificada como daquele tipo que produzia barulhos terríveis, incomodando a população ordeira e contra a qual cabia a polícia agir.

Esta mudança, entretanto, não representava a aceitação do Candomblé enquanto religião com iguais direitos ao do Catolicismo. Que a maioria dos ouvintes da transmissão radiofônica pudesse ouvir sem problemas, não há do que se espantar, apesar de ser inusitado. A surpresa é que a imprensa apresentasse tal acontecimento como se fosse um dos mais esperados do ano.

E assim, durante alguns dias a Bahia foi aclamada pela imprensa como celeiro da integração das raças, “laboratório das mais audaciosas práticas religiosas e museu natural de pesquisas psicologicas, artisticas e economicas de typos diferenciaes, a Bahia é o centro dos estudos negros do Brasil”.⁶⁰ Nada, no entanto, sobre injustiças, desigualdades, racismo. Lá em 1937, de qualquer jeito, começou o esboço da legitimação da religião afro-baiana.

⁶⁰ *O Estado da Bahia*, 28/12/1936 p. 3. Publicações durante o II Congresso Afro-Brasileiro, 11/01/1937, p. 2 e 3, 12/01/1937, p.2; 14/01/1937, p. 2; 18/01/1937, p. 3

Epílogo

O jornal foi um importante instrumento na perpetuação das concepções de superioridade racial do branco. As teorias científicas sobre raça tiveram uma forte influência no discurso que a imprensa baiana fazia sobre o negro atenuados na década de 30. Foi-nos possível detectar, a partir desse momento, a emergência das idéias culturalistas, a concepção de que a cultura negra tinha certas qualidades e que estas contribuíram para formação da identidade brasileira. Segundo estas concepções, que a “inferioridade” do negro advinha não do seu perfil racial e sim da inexistência de condições sociais e culturais para alcançar as mesmas posições que os brancos.

Quando geralmente a imagem que se propagava da população afro-descendente estava imbuída de elementos das teorias racistas, a imprensa construiu um discurso que evidenciava o crescimento numérico dos “inferiores” no mundo, concebendo-os como “perigo negro” e “perigo amarelo”, uma ameaça à hegemonia branca no mundo ocidental. Mas a solução para tal problema estava na América Latina, “raça latino-americana”, jovem e forte, que outrora fora discriminada pelos europeus. Ressaltamos que esta “nova raça” não comportava os descendentes de africanos.

Notamos uma insistência muito grande em afirmar que no Brasil havia integração racial perfeita do seu povo, não existindo, aqui, problemas raciais. O Brasil o lugar por excelência onde havia uma democracia racial. Para a imprensa, a prova disso era que aqui todos tinham os mesmo direitos e não havia nenhuma barreira legal que impedisse brancos e negros de alcançar qualquer posto, no comércio ou na política. Em oposição ao Brasil encontravam-se os Estados Unidos, onde reinava a intolerância

racial, onde os negros eram perseguidos, onde eles não podiam sentar nos mesmos lugares que os brancos. O Brasil, mas sobretudo a Bahia, era o grande exemplo da democracia racial. Assim, muito antes de ser propagada por Gilberto Freyre, a imprensa da Bahia já nos proclamava uma democracia racial.

Mas ao lado do discurso da “democracia racial”, sempre que possível, a imprensa baiana argumentava o quanto a África era selvagem e bárbara, e que cabia aos brancos levar a este continente a civilização. As imagens que se faziam dos africanos estavam presentes no discurso sobre os seus descendentes na Bahia, e aqui, coube à imprensa o papel de alertar contra as influências negativas dos hábitos africanos no cotidiano da cidade, hábitos que deveriam ser condenados e reprimidos pelos poderes públicos como requisito fundamental para que a Bahia pudesse ser considerada civilizada.

Mas a imprensa foi mudando e passou a valorizar ou a pelo menos lançar um olhar mais sereno sobre a cultura negra na Bahia, chegando a admitir que certos aspectos desta tivessem se tornando parte fundamental da identidade brasileira. Neste sentido a imprensa acompanhou um movimento geral da sociedade brasileira de maior tolerância com as manifestações culturais negras. Como se sabe, a década de 30, quando isso aconteceu, não representou o ponto final da refrega do Candomblé ou do samba por um lugar ao sol. Afinal, foi só na década de 70 que caiu a lei que obrigava os terreiros a se registrarem na polícia. De qualquer forma essa década representou um divisor de águas. Mas só no aspecto cultural.

A mudança de perspectiva não levou a imprensa a se tornar um veículo de denúncia do racismo e das desigualdades raciais. Neste aspecto nada mudara. A

Bahia continuava o grande exemplo da democracia racial, e a recém-conquistada tolerância cultural estava agora aí para melhor confirmá-lo.

ANEXOS

1

Sciencia Popular

Como todos os mamíferos, o homem possui um cheiro característico especial. As emanações de seu corpo provêm das glândulas sudoríparas, podendo ser individuais e variáveis conforme a idade e o estado de saúde de cada qual.

Essas emanações explicam-se por diversos modos. [...] A raça também exerce sua influência.

Os ethnographos até distinguem as exalações dos habitantes das províncias ou regiões de um mesmo país.

A própria cor dos indivíduos é factor apreciável no trecalar cutâneo. [...].

O que havemos dito refere-se exclusivamente à raça branca, e em especial, a negra, sobre cujo tresandar é ocioso insistir.

Quanto à raça amarela, é facto averiguado que, tanto os chinezes quanto os japonezes, são destituídos de rescendência.

Constituem uma excepção à regra. A causa principal da ausência do cheiro reside no regime alimentar, essencialmente ou antes, fundamentalmente vegetariano.

Os brancos, entretanto, longe estavam de suspeitar que tivessem um cheiro característico, a não ser em casos morbidos ou por efeito de desasseio - susceptível de impressionar mal o olfacto dos amarelos.

O facto é revelado pelo dr Bruntaro Adochi, médico japonês, que, numa recente publicação, consignou o resultado de suas observações acerca do assumpto. Os europeus são dotados de um cheiro sui generis, extremamente sensível aos representantes da raça amarela. É-lhes desagradabilíssimo. Qualificam-no de acre e rançoso.

Mas o interessante é que, insuportáveis a principio, as emanações europeias tornam-se, com o tempo, agradáveis. Não raro capitosas. Succede até que, de regresso à sua terra, o amarelo nota a ausência do que quer que seja. O ambiente parece-lhe desenhado e insípido.

Falta-me dizia um official que estivera no Ocidente, falta-me o cheiro dos europeus.¹

¹ *Diario da Bahia*, 31/07/1904, p.1.

Fetichismo e africanismo

O exercício de qualquer crença é livre, como o pensamento, em nossa Republica e este direito não permite mais que se ponha em discussão; mas é que não há país que por mais liberal que seja que consinta qualquer crença, seita ou religião, cujas bazes e principios estejam contrariando, ferindo ou lesando os já estabelecidos de moral ou hygiene.

Um exemplo eloquente é a América do Norte, perseguindo, expulsando de suas cidades, apesar da liberalidade das diversas Constituições estaduais, a seita dos MORMONS, apenas porque estes fanaticos admitiam a polygamia, que o governo reprovava com a sua austeridade de puritano. Deste modo deve ser perseguido pelas autoridades os candomblés, manifestações de seitas africanas, de raças extintas, que deixaram na nossa querida terra, como uma vingança terrivel da escravidão, este gosto lubrico da lithurgia das seitas africanas onde a superstição e a ignorancia se misturam a ancia de praticas exquesitas.

A historia tem mostrado que os vencidos vingam-se dos vencedores transmittindo-lhes os seus vicios, como se deu com Roma quando escravizou os gregos, a França actual a Indochimna que estiola miseravelmente com o vicio terrivel do opio.

A estatistica feita pelo professor Nina Rodrigues mostra que poucas dezenas de africanos ainda podem existir nessa cidade, muitos já dementes pela senilidade; entretanto o uso de candomblés e cerimoniaes fetichistas não cessam nesta terra de cultura, sem que as providencias da policia deixem de se fazer sentir, e o interessante é que pessoas de posição, de destaque se mettem a protetores dessas reuniões, que tomam a se repetir de tal modo que urge providencias do dr. chefe de policia, que sendo de reconhecida probidade e conecção, de certo nos dará ouvidos. São os pontos mais afastados da cidade, os mais escolhidos pelos *paes e mães* de santos, que se apossam de uma casa quase sempre anti-hygienica, onde se accumulam desde 6 horas da noite ás 6 horas da manhã, tocando monotamente em lingua barbara, dançando sem cessar. Até que ou por effeito de toxico como queria o dr. Nina ou por ataques hystero-epilepticos ou hipinotismo, como julgava o dr. Tillemon, enchem ao chão em contorsões, esgares, com gritos incessantes, como os sabbats dos feiticeiros dos tempos medievais.

A ignorancia de uns, corrupção de outros, que exploram estas condições do vulgo ignorantes, fez uma mostra de tanta fé, como se fossem verdadeiros sacerdotes de uma religião aceitável os *paes e mães* de terreiros, não escapando nem policiaes, médicos e professores que julgam-se honrados com o titulo de *ongans* protectore nas occasiões difficeis, com os cercos e diligencias policiaes, etc.

Em logares mais afastados da cidade como Matta Escura, Garcia e Arcia Preta, Campo Santo, Matatu, Corta-Braço, realisam-se os candomblés dirigidos por individuos que a policia devia conhecer, como Antonio, vulgo *Euxumaré*. Tio Julio, Nicacio vulgo *gombé*, Calixão e tantos outros que se vangloriam da protecção que as autoridade lhes dispensam para a pratica de seus deboches religiosas, onde se realisam crimes contra a vida e a honra das pessoas ignorantes que diante do *pegy* (caverna do feiticeiro) vão atraz de consultas medicas, conselhos ou prophecias.

Moças reduzidas pelos conselhos destes malditos sacerdotes entregam a sua *puçilage* a quem se lhes indicar na mesma casa do candomblé, embora não seja castigado o D. Juan cinico destes templos immundos.

Mesmo que estes crimes não se realizassem nestas pocilgas africanas, bastava a reunião de tantas pessoas em casas pequenas sem ar, sem luz, onde em mezes inteiros dormem no mesmo quarto infecto 15 e 20 pessoas de idade e sexo diferente, para serem tomadas providencias. Senão a maioria dos assistentes da raça negra e mestiça, em condições tão deploraveis para a saúde, nesta raça já de natureza tão inclinada a tuberculose, se concebe que contribuirão estes habitos indecentes para o maior desenvolvimento da tuberculose.

Além disso é preciso que se acabem estes costumes africanos na nossa terra que só podem mais deprecial-a não só diante de outros Estados em plena civilização, como também diante de estrangeiros que venham a nossas plagas.

É verdade que já melhoramos algumas coesa por que não faz muitos annos que pelo Carnaval, em vez dos tradicionais Cruz Vermelho e Fantoches sanheam Clubs de Embaixadores d’Africa, Pandegos d’Africa sem fala dos cordões africanos que davam á Bahia um deidade da Senegambia ou Guiné”.

Há cidades africanas como Brazzville, Leopoldville, Cabo, Pretoria e outras, em que a policia europeia e a hygiene não consentiriam nos costumes barbaros que nesta terra não parecem ter fim.

Conta-se que um velho africano, com a nostalgia de sua cubata da costa d’ Africa, com suas paizagens de cores fortes e sol ardente, do rugido do leão nas noites

enluaradas, resolveu mudar-se e se estabeleceu em cidade da costa, em colonia engleza, cujas leis respidas de hygiene, de moral o aborreceram tanto, que á Bahia, onde tinha vivido tanto a vontade, e, quando desembarcou, deante da admiração de um patricio, pelo volta enesperada, elle desse em sua linguagem simples: << Africa não presta mais, terra de negro é aqui , na Bahia >>²...”

² *Diario de Noticias*, 18/09/1911, p. 1.

Negros e... Negros

Dêe-nos trazermos para as vistas do publico um facto que se não fôra a necessidade de ser ferretear o seu causador filaucioso devia fica no dominio do desconhecido, porque envergonha a todos nós que nos dizemos Christão, republicanos e democratas. [...] que implica na usurpação de um direito inalienavel qual o da soberania popular. É preciso que o povo , e todos que habitam esta vasta região americana [...] fiquem sabendo a que ponto pode chegar o orgulho balofo, se não o preconceito maniaco do chefe do poder executivo no Brasil.

Em 30 de janeiro foi eleito deputado á Camara Federal pelo 1º districto do Rio de Janeiro, o Sr. dr. Monteiro Lopes, illustre advogado e cavalheiro estimadissimo, a quem coube o terceiro logar na escala de apuração. Conhecido o resultado, que sobrepujou todas as bandalheiras possiveis, que foram postas em prática, o eleito começou a receber felicitações pelo triumpho de sua eleição e de sua causa que, sendo a dos homens de côr, porque o eleito é preto, é a da justiça, porque foi a consagração do merito. [...]

E fez anunciar pelas tubas officaes e officosas o próximo exterminio do cidadão crioulo, que teve a fatuidade de querer acreditar que democracia seja cousa concreta, servindo a lição para o futuro em que outros pretos e mestiços não ousarão fitar as alturas em que pairam os afilhados protegidos dos governos despoticos, em vez da gente de merito e independencia. [...]

Depois, refletindo a fraqueza dos seu espirito voluntarioso, mandou informar ao publico que deixava entre os *brancos* o preto escolhido para representar e legislar para todas as castas que nascem que vivem e andam no paiz, incluindo o sr. Affonso Penna, que não está isento da critica do deputado, como governo irregular que tem sido. [...]

Esta questão de côr, aliás tão debatida por altas competências scientificas, em nada importa para o desenvolvimentoa de um paiz e se assim não fosse, nós estaríamos estacionarios, principalmente do advento da Republica para cá, quando foram abertas as valvulas das fomalhas opressoras que aniquilavam nas enxerquias da escravidão uma parte considrável de nossa população.

Mas não é só; abram-se as estatisticas e nas columnas destinadas aos homens de côr ver-se-á o seu elevado coeficiente em relação aos *brancos*; na escala superior da

nossa vida social verifique-se gráo do character, que ter-se-á o homem de côr em grande proporção: como no character e nas aptidões intellectuaes será reconhecido o seu valor.

Na classificação moral dos homens não entra sinão vagamente como ellemento a apurar a variedade e pelle, porque quasi influencia alguma exerce nos centros onde a civilização irradia mais impetuosa.

O sr. Presidente da Republica ignorava, porém, tudo isto, e quis botar fôra da Camara, ou não consentir que lá entrasse o preto eleito.

S. exa. esqueceu-se de que mais vale um preto da estatura moral do Sr. Monteiro Lopes do que quantos brancos que vivem a bajulal-o pelas ante-salas do Cattete, abstrahido de todos os sentimentos que se não relacionem com o bem estar próprio, que é a bolsa recheiada, o ventre satisfeito, embora a consciencia não se governe nem se reflecta nilidamente num acto de sombranceria em que fale a eloquencia da moral e do dever.

S.exa. não sabia que muito preferivel é parecer e não ser, do que ser e não parecer, o que é o mesmo que antes negro com a epiderme espelhante do ethiope, puro, do que o alvo, da alvura imaculada do grego, com as trevas do crime, acoitando n'alma o abantesma do remorso ou a idéia sinistra de engazupar o proximo.

Que tem que um negro penetre nos ambientes respeitáveis do Parlamento, se de lá é que tem sahido todas as opressões, todos os despoticos favores contra a sua casta?

Temem que vae enegrecer o ambiente? Supomos que não, porque ali de há muito que paira, infeccionando os ares, o deleterio fluido da corrupção que é o pior dos negros conhecidos. [...]

Se lhe é reclamado o voto, a consciencia de cidadão, na hora em que qualquer patricio pretende representar o povo; se o seu braço, a sua vida, o seu esforço, a sua fortuna até são solicitados nos momentos agonicos da existencia nacional, porque não se lhe dar o que é seu relativamente comparado aos serviços de outros homens? Porque é preto?

Ora isso é deshumano, heretico e ante-democrático, além de ser uma prova flagrante do atrazo moral dos nossos dias”³

³ *Diario de Noticias*, 19/02/1909, p.1.

Pretinhos

Estranha cousa a estolida vaidade com que certos espiritos entre nós se referem aos pretos e mestiços de nosso meio e da mesma nacionalidade de quetodos nos, apodando-nos de estupidos, brutaes, mazorrases e havendo por legitimos representantes de uma raça inferior, incapaz e condenada.

Vae nossa uma enfiada curiosa de erros e destemperos, injustiças e preconceitos, que sómente a ignorancia, aliada a falta de justa observação dos factos e das gentes, permite e explica. Além disso, algo de immitação existe nessas apreciações, sahidas, naturalmente de cerebros ainda não amadurecidos na meditação e no observa das cousas: - se na Europa, que nos serve de paradigma e exemplo, domina a raça branca, brancos deverão ser quantos pretendem se abeirar dos fartos mananciaes inesgotaveis da civilização humana. Esquecidos, aliás, de que a própria civilização humana tem andadopereambulando de raça em raça.

Mas, como assim pensam e agem de conformidade, tentam crear, na estreiteza do nosso ambient, uma separação de castas, quanto a qual protesta, indignada, toda a nossa história contra a qual se eerguem, em nosso assomo de revolta, as nossas atradições, os nossos factos, o nosso passado, tendo quando diz respeito à nossa existência de povo. Teriamos, então, a primeira casta, a maior no quilate e a melhor no especie, que seria a dos brancos, á constituir a fina aristocracia sumptuosa da sociedade brasileira; - a esta todos os direitos e as regalias todas; esta seria capaz, graça os poderes da raça e das forças hereditárias de todas as finuras especiaes e de todas as características da nobresa. Em seguida, a outra, a classe dos negros e mestiços, a casta inferior, a canalha, a ralé, os deseducados, os grosseirões, os rudes, formando as hostes da arraia miuda, muito democratica e atrazada, de rebutalhoa social. Esta, com a cor tismada ou mesmo negra da pelle, teria o apanagio da brutalidade, carregando inalteravelmente consigo a tisma inapagavel que lhe imprime e com que a estygmatisa o colorido carregado da cutis.

Para que se há de inventar o orgulho dessa aristocracia phantastica, que embora arrote hoje as superioridades fementidas de uma pureza da raça, com que sonham e de que se vangloriam os seus membros, - traz não raro nas arterias e sangue desses mestiços, que tão intimamente se misturam aos luzitanos, nos tempos de antanho, para a formação da nossa nacionalidade!

Quantos serão os nossos patricios que se possam garantir com absoluta seguramça a impeccabilidade do seu typo, no ponto de vista particular dessa quantão de raça? Quantos podendo affirmar em consciencia a virgindade do seu sangue da mescla do sangue negro? Numa terra de mestiços, mais ou menos disfarçados, mais ou menos esbranquiçados, mais ou menos alvejados ou branquejados, quantos poderão fazer da limpeza de raça padrão de glória ou titulo de superioridade?

Ahi esta o erro immenso desses imprudentes, para emprestar um termo de mão pela cabeça, que se esforçaram tanto na grita contra os negrinhos, dando-lhes ou emprestando-lhes todos os deffeitos, falta, falhas e incapacidades, que se podem encontrar, de verdade, nelles como em qualquer outro representante do genero humano: - esquecem ou ignoram que ninguém será capaz de seriamente provar a inferioridade da raça negra, principalmente quando atenuada pelas gerações no café com leite, menos café ou menos leite, da mestiçagem alastrada.

[...] os negros... têm contribuido e vão contribuindo para a organização do nosso paiz, para a nossa independencia, a nossa defeza, as nossas glorias, que não sei onde se achariam neste instante, se não fossem os malsinados negrinhos, que tanto se esforçaram e tão alto se distinguiram em todas as phase da nossa historia, [...]

E nos tempos que correm quem terá a audácia inaudita de classificar no rol dos inferiores intelligencias como as de Theodoro Sampaio, Gustavo dos Santos, Juliano Moreira e tantos outros? [...]⁴

⁴ *A Tarde*, 08/10/1921, p. 1.

“A raça negra se tornará branca? Se isso acontecer, o preconceito ariano da Alemanha hitlerista sofrerá um duro golpe”

[...] O caso causou tal sensação que o consul de Monaco em Porto Príncipe (este negocio do Consul do Principado de Monaco em Porto-Príncipe tem algo de enredo de opereta...) se apressou em communicar-o ao director dos Negocios Estrangeiros do seu minuscuro paiz.

Não garantimos sobre a authenticidade dessa informação. Como quer que seja ella não tem nada de absurdo. Os negros, nos Estados Unidos, já alcançaram uma grande victoria physica com o processo segundo o qual obtêm o alisamento da carapinha. Josephina Backer foi a primeira mulher de côr a submetter-se a essa operação, que afinal de contas é muitissimo simples, segundo dizem. O seu inventou ganhou um milhão de dollares.

Se até hoje a ciencia não descobriu um processo de branquear a pelle dos negros, isto se deve, naturalmente, ao facto de que esses mesmos scientists são brancos, em sua maioria, e pouco se preocupam com a gente de côr, votando-lhe mesmo absoluto desprezo.

Até aqui o negro tem sido menosprezado pelo branco único e exclusivamente pelo facto de ser negro. Quer isto dizer razão de pelle, sem maior importancia de outro pormenor physico qualquer estabeleceu um abysmo entre as raças.

Os brancos chegaram a construir habilidosamente toda uma theoria scientifica, falha em suas conclusões, ridicula em sua concepção perversa, procurando provar que o negro é um ser inferior na escala das espécies, collocando-o fóra da humanidade. E foi assim que se instituiu a escravisação dos pobres africanos. Instituição infame sancionada pela ciencia e até pela moral religiosa, baseada no conceito de que o negro se classifica entre os irracionaes. Nestas condições, do mesmo modo que se atrela um animal a uma carroça sem que isto importe em infração ás leis da solidariedade humana. O negro era aprisionado e conduzido ao cito sob o azorrague do feitor. A memoria de semelhante processo constitue, sem duvida, motivo de degradação para a infeliz raça escravizada, mas não para a raça “superior”, a super-civilizada raça branca que desencadeou a conflagração Européa, dando ahi mostras de uma ferocidade fria e cobarde de que as tribus selvagens da Africa jamais foram capazes.

Ora, si de facto a pigmenção do negro se tornar branca, por obra e graça da semente haitiana, o preconceito de raça hoje revivido pelo hitlerismo soffrerá um rude golpe. Pelo menos desaparecerá o ponto de distincção mais sensível entre os germanos arianizados e os africanos: a côr. Pouco importa que subsistam os outros estygmas: e conformação do nariz a grossura dos labios, a conformação do cerebro. Quanto ao progresso intelectual, é cousa por demais sabida, hoje, graças os estudos procedido, que o negro não é inferior, mas tão somente atrazado, uma vez que não lhe foram dados os elementos de progresso que os brancos possuem por circunstancias historicas absolutamente independentes de sua vontade.

Aliás, collocada na mesma situação pelos homens, que o escravisaram durante seculos e seculos, a mulher apresenta os mesmo symptomas de depressão mental do negro. E, no entanto, só os espiritos retrogradados hoje em dia são capazes de dar a mulher como um ser inferior”⁵

⁵ *O Estado da Bahia*, 27/07/1933, p. 3.

Em Torno do 2º Congresso Afro Brasileiro

Muito se tem escripto já em jornaes e revistas, sobre este grande empreendimento de profunda significação scientifica. Tinha lido muitos recortes de jornaes e revistas de todo o Brasil , que são remetidos do meu amigo Reginaldo Guimarães, esse jovem e inteligente secretario ao 2º Congresso Afro-Brasileiro, noticias estas que por si só bastam attestar o que seja o grande exito do Congresso... Tenho lido artigos assignados por intellectuaes de merito no paiz, em torno da "reunião em familia" dos nossos negros, intellectuaes, estudantes, populares para discutirem sobre a situação do negro no Brasil...

Os jornaes publicaram entrevistas feitas com grandes intellectuaes de renome no Brasil inteiras taes como Mario de Andrade e Gilberto Freyre. Enfim, o serviço da imprensa é o melhor possivel. Até agora tem sido uma boa demonstração de que somos capazes e de levar a effeito grandes empresas serias, o que é muito raro neste Brasil - terra do Cruzeiro do Sul, dos Plinjos, dos Barrosos...

E pelo que vejo a coisa será bem boa, além de muito séria, o que é excusado dizer: além das demonstrações de lutas negreiras, como "batuque, samba, capoeira de Angola" dos "Xangôs" das danças das mulatas e das negras, publicamente já se vê. Além de mais coisas.

Quanto collaboração intellectual nem mais é preciso dizer algo. Basta para tanto se ter em ponto de vista, que os maiores intellectuaes do Brazil, como Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Mario de Andrade, Jorge Amado, José Lins do Rêgo, Renato Mendonça, Adherbal Jurema, Adhemar Vidal, Dante de Leytono, o magnifico autor de "Religiões Negras" que é Edison Carneiro, presidente do Congresso, Manuel Diegues junior, Aydano do Couto Ferraz. E grandes vultos de relevo no scenario intellectual, mundial, como o prof. Heskovits, o prof. Henri Wallon, o prof. Dr. Pierson, o velho collaborador de Nina Rodrigues, que juntamente com elle iniciou os estudos afros na America, o prof. Fernando Ortiz de Cuba... E tanto outros trabalhos e tanto outros intellectuaes "de fora", mestres no assumpto, mandaram e mandarão trabalhos de sua autoria para o Congresso [...] ⁶

⁶ *Diario da Bahia*, 08/01/1937, p. 3.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AKPAN, Maunday B. "A Etiópia e a Libéria, 1914-1935: Dois Estados africanos independentes na era colonial", in Boahem, A. Adu (org.). *História Geral da África. A África sob a dominação colonial, 1800-1935*. São Paulo, Ática/UNESCO, 1985.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. " Santos, Deuses e Heróis nas Ruas da Bahia: Identidade cultural na Primeira República". *Afro-Ásia*, 18 (1996), pp.103-124

_____. *Algararra nas Ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923)*. Campina, SP: Editora da Unicamp/ Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999.

ANDREWS, George Reid. *Negros e Brancos em São Paulo. (1888-1988)*. Bauru. São Paulo: EDUSC, 1998.

ASSIS, Nancy Rita Sento Sé de. *Questões de Vida e Morte na Bahia Republicana. Valores e Comportamentos Sociais das Camadas Subalternas Soteropolitanas (1890-1930)*, Salvador, Bahia: Dis. Mest, UFBA, 1996.

AZEVEDO, Thales de. *As Elites de Cor. Um estudo de ascensão social. Série 5º*. Editora Brasiliense, V. 282. Biblioteca Pedagógica Brasileira. 1952.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda Negra Medo Branco. O Negro no imaginário das elites século XIX*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

_____. "O abolicionismo transatlântico e a memória do paraíso racial brasileiro", *Estudos Afro-Asiáticos* 30 (dez.1996), pp.151-162.

- BACELAR, Jeferson. "A Frente Negra Brasileira na Bahia" In *Afro-Ásia* 17, 1996.
pp.73-86.
- BACZKO, B. *Imaginação Social*. Enciclopédia Einaudi, V.5. Lisboa, Casa da Moeda, 1990.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*. Santos, S.P. Livraria Martins Editora, 1967.
- BANTON, Michael *A idéia de Raça*. São Paulo, Edições 70, 1977.
- BASTIDE, Roger. *O Negro na imprensa e na Literatura*. Reproduzido de "Estudos Afro-Brasileiros", 2ª. série, Boletim de Sociologia nº 2. São Paulo: FFLCH USP. 1951 pp. 50-78.
- BOAHEN, Alberte Adu "A África diante do desafio colonial". In Albert Adu Boahem (org.), *História Geral da África. A África sob a dominação colonial, 1800 -1935* v. VII São Paulo, UNESCO/Ática, 1991.
- BOAVENTURA, Edivaldo M. *Pedro Calmon. Vida e Glória*. Salvador: Secretaria do Estado da Educação e Cultura; Academia de Letras da Bahia, 1986.
- BONFIM, Manuel. *A América: males de origem*, 4ª. ed., Rio de Janeiro, Topbooks, 1993 [original de 1905].
- BORGES, Vavy Pacheco. *Getúlio Vargas e a Oligarquia Paulista*. História de uma esperança e de muitos desenganos através dos jornais da oligarquia: 1926-1932. Editora Brasiliense, São Paulo 1979.
- BOXER, C. R. *Relações Raciais no Império Colonial Português. 1415-1825*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- BRAGA, Júlio. *Na Gamela do Feitiço. Repressão e Resistência nos Candomblés da Bahia*. Salvador, EDUFBA, 1995.
- CALASANS, José. Antônio Conselheiro e a Escravidão. Salvador, s/d.

CAPELATO, Maria Helena. "O Controle da Opinião e os Limites da Liberdade:

Imprensa Paulista (1920-1945)" In: *Revista Brasileira de História*. S. Paulo, v.12 n.º 23/24, pp. 55/75, set. 91/ ago. 92.

_____. *Multidões em Cena. Propaganda Política no Vargasismo e no Peronismo*. Campinas, SP : Papiros, 1998 - (Coleção Textos do Tempo).

_____. *Os Arautos do Liberalismo. Imprensa Paulista 1920-1945*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1991.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Preconceito Racial. Portugal e Brasil-Colônia*. 2º ed. São Paulo: Brasiliense. 1988.

CARVALHO FILHO, Aloísio. "Jornalismo na Bahia: 1875 - 1960". In: *Revista do IGHB*. N.º 82, Salvador: (triênio de 1958-1960) IHGB.

CARVALHO, Alfredo de. *Anais da Imprensa da Bahia. 1º Centenário 1811-1911*. Bahia: Typografia Bahiana, 1911.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COMAS, Juan. et.all. *Raça e Ciência*. São Paulo: Ed. Perspectiva. Série Debates. C. Sociais. V. 1 e 2. 1970.

CONCEIÇÃO, Fernando. *Imprensa e racismo no Brasil: A manutenção do 'status quo' do negro na Bahia*. São Paulo: [Dis.Mest.], USP, 1995.

CONTIER, Arnaldo D. *Imprensa e Ideologia em São Paulo 1820-1842*. Petrópolis: Vozes, 1979.

- COSTA, Iraneidson Santos. *A Bahia já deu régua e compasso: O saber médico-legal e a questão racial na Bahia, 1890-1940*. Salvador Dis. Mest. UFBA. 1997.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa & A Rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- _____. *Carnaval, malandros e heróis*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- DARTON, Robert. *Os Best-Sellers proibidos da França Pré-Revolucionária*. São Paulo: Companhia das Letras,
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. V.1. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1994.
- ESPINHEIRA Fº. Ruy. *O Nordeste e o Negro na Poesia de Jorge de Lima*. Salvador-Ba: EGBA, 1990.
- FARIA, Antônio A da Costa. *Getúlio Vargas e sua Época*. 8º ed.. São Paulo: Global Ed. 1997 (História Popular; 8).
- FERNANDES, Florestan. *À Integração do Negro na Sociedade de Classes*. 3. Ed. V.1. São Paulo: Ática, 1978.
- FERREIRA Fº., Alberto Heráclito. *Salvador das Mulheres. Condição feminina e Cotidiano Popular na Belle Époque Imperfeita*. Salvador, Dis. Mest. UFBA. . 1994.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil*. Petrópolis : Vozes, 1978.
- FONSECA, Luiz Anselmo da. *A escravidão, o clero e o Abolicionismo*, Recife, Massangna, 1988.
- FRAGOSO, Frei Hugo. *O etnocentrismo na primeira evangelização do Brasil*. s/d.
- FRAGA F.º, Walter. *Mendigos, Moleques e Vadios na Bahia do Século XIX*. São Paulo, SP: HUCITEC/ Salvador, BA:EDUFBA, 1996.

- FRANKLIN, Jonh Hope e MOSS JR, Alfred. *Da Escravidão à Liberdade: a história do negro americano*, Rio de Janeiro, Nórdica, 1989.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 32º ed. Rio de Janeiro: Record., 1997.
- _____. *O Escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. São Paulo: Ed. Nacional [Recife] : Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. 1979. p. XV.
- FRY, Peter. *Para Inglês Ver. Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GERBI, Antonello. *O Novo Mundo : História de uma Polêmica : 1750 - 1900*, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GOULART, Silvana. *Sob a Verdade Oficial. Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo, SP.: Marco Zero/CNPq. 1990.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Cor, Classe e Status nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia: 1940-60*. Texto apresentado ao Seminário "Raça, Ciência e Sociedade no Brasil". Rio de Janeiro: Patrocínio Centro Cultural Banco do Brasil, maio de 1995.
- _____. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*.- São Paulo: FUSP; Ed. 34, 1999.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes. O Cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- IGLÉSIAS, Francisco. *Trajatória Política do Brasil: 1500-1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ILÊ AIYÊ. *Organizações de Resistência Negra*. Caderno de Educação Vol. I. Salvador: Projeto de Extensão Pedagógica. 1995.

- LANDES, Ruth. *A Cidade das Mulheres*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A 1967.
- LE BON, Gustave. *Leis Psycologicas da Evolução dos Povos*. Lisboa: Ed. Tip. Franciso Luis Gonsalves, 1910.
- LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia civiliza-se... Idéias de civilidade e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana. Salvador, 1912-1916* Salvador: UFBa [Dis.Mest.], 1994.
- LENHARO, Alcir. *A Sacralização da Política*. Campinas. São Paulo: Unicamp/Papirus, 1986.
- LESSER, Jeffrey. “Imigrações e mutações conceituais da identidade nacional, no Brasil, durante a Era Vargas”. *Revista Brasileira de História. Espaço Plural*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.14, 28, 1994.
- LÜNING, Angela. “Acabe com este santo, Pedrito vem aí...” ,in *Revista USP- Dossiê Povo Negro-300 Anos*, São Paulo (28) dez.jan.fev. 95-96. pp.194-220.
- MACHADO, Humberto F. “A Imprensa Abolicionista”. Suplemento n.º 8 da revista *Ciência Hoje* n.º 48, nov. 1988, pp. 24-28.
- MARINS, Paulo César Garcez. “Habitações e Vizinhança: Limites da Privacidade no Surgimento das Metrôpoles Brasileiras”. In SEVCENKO, Nicolau (ogr.), *História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à era do Rádio*, v.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MATTOSO, Kátia M. Q. *Bahia Século XIX: Uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1992.
- MARTINS, Wilson. *A palavra escrita. História do livro, da imprensa e da biblioteca*. 2ª.ed. São Paulo, SP. Ed. Ática, 1996.

- MARTINS, J. P. de Oliveira. *O Brasil e as Colonias Portuguezas*. 5º ed. Aug. Lisboa:
Parceria: Antonio Maria Pereira, 1920.
- MEIER, August. RUDWICK, Elliott. BRODERICCK, Francis L.. *Black Protest the
Thought in Twentieth Century*. Second Edition. Indianapolis and New York, The
Bobbs-Merrill Company, INC., 1965.
- MORAES, Walfrido. *Simões Filho. O jornalista de combate e o tribuno das multidões*.
Salvador, W. Moraes, 1997.
- MOSCOVICHE, Seije. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
Ed. 1978.
- OLSZEWSKI Filha, Sofia. *A Fotografia e o Negro na cidade do Salvador. 1840-
1914*. Salvador : EGBA; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1989.
- O NEGRO no Brasil, *Trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-Brasileiro, 1937,
Bahia*. Rio de Janeiro : Civilização brasileira, 1940.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. 5º ed. - São Paulo :
Brasiliense, 1994.
- PEDRO, Joana Maria, et alli. "Abolição e Branqueamento". In. *Negros Brasileiros*.
Suplemento vol. 8 n.º 48 Ciência Hoje. Nov. 1988.
- PEREIRA, Jaqueline de Andrade. *Práticas Mágicas e Cura Popular na Bahia de 1890-
1940*. Salvador [Dis. Mest] UFBA, 1998
- PIERSON, Donald. *Branços e Pretos na Bahia. Estudos de Contacto Racial*. São Paulo:
Editora Nacional. 1971.
- PINSKY, Jaime. *A escravidão no Brasil*. 7º. ed. Coleção repensando a História. São
Paulo: Contexto. 1988.

PRANDI, Reginaldo. "As religiões negras do Brasil". *Revista USP- Dossiê Povo Negro- 300 Anos*, São Paulo (28) dez.jan.fev. 95-96. pp. 64-83.

QUERINO, Manuel. *O Africano como Colonizado*, Salvador: Livraria Progresso, 1954.

RAMOS, Arthur. Introdução à Edição Brasileira. In PIERSON, Donald. *Branços e Pretos na Bahia. Estudos de Contactos Raciais*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1945

_____. *O Negro na Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1956.

_____. *As Culturas Negras no Novo Mundo*. São Paulo : Ed. Nacional (Brasiliiana), 2ª. ed., 1946

RAMOS, Jair de Souza. *Dos males que vem com o sangue: As representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração na década de 20*. In MAIO, Marcos Chor. Santos, Ricardo VENTURA.(org.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: FioCruz/ccbb, 1996 pp.59-82.

REIS, João José. *A morte é uma Festa*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

_____. "Sobre Revoltas Escravas" in, REIS, João José. (org.) *Escravidão & Invenção da Liberdade. Estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

REVUNENKOV, V.G. *História dos Tempos Atuais. 1917/1957*. Lisboa - Porto: Centro do Livro Brasileiro. s/d.

RIBEIRO, Júlio. *A Carne*. São Paulo.SP: Martin Caret. (Coleção Obra-Prima de cada Autor) 1999.

ROCHA, Carneiro. "Centenário da Imprensa da Bahia" - Sessão comemorativa no Instituto Histórico. Salvador: *Revista do IHGB* n.º 37: 97.

- RODRIGUES Andréa da Rocha. *A Infância Esquecida: Salvador 1900-1940*,
Salvador, Ba : [Dis.Mest], UFBA, 1998.
- RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. 7.ed., São Paulo: Nacional, 1988.
_____. *As Raças Humanas. E a responsabilidade penal no Brasil*.
Bahia: Aguiar & Souza LTDA. Livraria Progresso. 1957.
- SAMPAIO, Consuelo Novais. *Os Partido Políticos da Bahia na Primeira República*.
Uma Política de Acomodação. Salvador: Edufba, 1998.
_____. *Poder e Representação. O Legislativo da Bahia na*
Segunda República, 1930-1937. Salvador:- Assembléia Legislativa. Assessoria de
Comunicação Social, 1992.
- SANTOS, Mário Augusto da Silva. *Sobrevivência e Tensões sociais. Salvador*
1890/1930. São Paulo: [Tes.Dout.]. USP 1982.
_____. “Habitação em Salvador: Fatos e Mitos”, In
BRESCIANI, Stella (org.). *Imagens da Cidade, século XIX e XX*. São Paulo,
ANPUH/FAPESP/Marco Zero, 1993 pp. 93-110.
- SANTOS, José Weliton de Aragão dos. *Formação da Grande Imprensa na Bahia*.
Dissertação de Mestrado. Mestrado em Ciências Sociais. UFBA. Salvador. 1985.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos*
em São Paulo no final do século XIX., São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
_____. *O Espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão*
racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das letras, 1993.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz .QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). *Raça e Diversidade*.
São Paulo. Estação da Ciência.Edusp. 1996.

- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *A Primeira Gazeta da Bahia: Idade D'Ouro do Brasil*. São Paulo. Cultrix, (Brasília). (Brasil através dos textos). INL, 1978.
- SILVA, Kátia Maria de Carvalho. *O Diário da Bahia e o século XIX*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1979.
- SILVA, Vagner Gonçalves. AMARAL, Rita de Cássia. "Símbolos da herança africana. Por que candomblé?", in SCHWARCZ, Lília. M. e REIS, L. V. S. (org.), *Negras Imagens. Ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil*. São Paulo, Edusp, (Estação Ciência), 1996. pp. 195-209.
- SILVEIRA, Renato da. "Os Selvagens e a massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental", *Afro-Ásia*, 23 (1999) pp. 96-105.
- SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco. raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*; Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- _____. *O Brasil Visto de Fora*. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1994.
- _____. *Uma História do Brasil*. São Paulo. Paz e Terra, 1998.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- SOUZA, Guaraci A. Alves de. FARIA, Vilmar. *Bahia de Todos os Pobres*. n. 34. Salvador Vozes/CEBRAP. 1980.
- VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos.(org.). *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ : Editora FGV, 1996.
- VELLOSO, Monica. *Que Cara tem o Brasil? As Maneiras de pensar e sentir do nosso povo*. Rio de Janeiro. Ediouro. 2000.
- VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil. 1870-1914* . São Paulo : Companhia das Letras, 1991

VERNE, Júlio. *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias*. São Paulo, SP. Martin Claret.

(Coleção Obras-Primas de Cada Autor). 1999.

VIANNA, Hildegardes. *A Bahia já foi Assim. Crônicas de Costumes*. Salvador, Ed.

Itapuã, 1973.

VIANNA, Francisco José de Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*. Rio de

Janeiro, José Olympio. 1952.

VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. : UFRJ,

1995.

VIANNA F^o., Luiz. *O Negro na Bahia*. São Paulo : José Olympio. 1946 (coleção

Documentos Brasileiros, nº 55).

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. “Da escravidão à Liberdade: dimensões de uma

privacidade possível.” In, NOVAIS, Fernando A. SEVCENKO, Nicolau (org.).

História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio.

V.3. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.